

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI  
FERNANDA C. SCHMIDT MARQUES**

**AS PRÁTICAS DE HOSPITALIDADE NA ESCOLA DE  
SAMBA CAMISA VERDE E BRANCO**

**SÃO PAULO  
2015**

**FERNANDA C. SCHMIDT MARQUES**

**AS PRÁTICAS DE HOSPITALIDADE NA ESCOLA DE  
SAMBA CAMISA VERDE E BRANCO**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, na área de concentração Hospitalidade e linha de pesquisa Hospitalidade: Processos e Práticas, da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Profa. Dra. Sênia R. Bastos.

**SÃO PAULO**

**2015**

**FERNANDA C. SCHMIDT MARQUES**

**AS PRÁTICAS DE HOSPITALIDADE NA ESCOLA DE  
SAMBA CAMISA VERDE E BRANCO**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, na área de concentração Hospitalidade e linha de pesquisa Hospitalidade: Processos e Práticas, da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Profa. Dra. Sênia R. Bastos.

Aprovado em 19/02/2015

---

Profa. Dra. Sênia Regina Bastos/Orientadora/UAM (SP)

---

Prof. Dra. Marielys Siqueira Bueno/UAM (SP)

---

Prof. Dr. Luciano Torres Tricárico/UNIVALI (SC)

Esse é meu pavilhão!  
É a minha vida, é o meu manto!  
Pois nesse coração  
Pulsa só Camisa Verde e Branco!  
A força do sangue que corre em minhas veias  
faz a minha vida florescer  
Foi lá que eu aprendi a ser poeta  
ter malandragem discreta  
Esse é meu jeito de ser.

Ser ou não ser, eis a questão  
Camisa, meu eterno campeão!  
Verde, verde que te quero verde  
Minha alma fez raiz na Barra Funda  
Berço do meu carnaval  
Alô, Barra Funda! Alô, Bateria!  
Alô, Harmonia! Sambistas em geral  
Tão linda e tão bela, que na passarela  
levanta a galera  
me faz delirar

(Samba de exaltação Camisa Verde e Branco)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família e aos meus amigos pela compreensão, pelo apoio e pelo incentivo.

Aos professores do Mestrado em Hospitalidade, em especial à querida orientadora Sênia Bastos, pelos seus ensinamentos e auxílios e também pela sua paciência, atenção e dedicação nas revisões e orientações.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela bolsa concedida, fundamental para a conclusão do curso.

## RESUMO

O carnaval paulistano é uma reconhecida festa popular, composto por blocos de rua, bailes em clubes e pelo desfile das escolas de samba, que acontece anualmente no Sambódromo do Anhembi. O tema deste trabalho é a hospitalidade e a sociabilidade na escola de samba Camisa Verde e Branco, a mais antiga da cidade de São Paulo. O problema de pesquisa questiona o porquê de o “turista” ter dificuldades para se integrar à comunidade, apesar de a escola encontrar-se aberta a sua participação. A fim de responder ao problema proposto, tem-se como objetivo analisar como as práticas de hospitalidade e sociabilidade acontecem na quadra de ensaios da escola e como se dá a interação entre seus membros e os “turistas”. Esta é uma pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica, na qual foram utilizados como método de coleta de dados: registros no caderno de campo, registros fotográficos e realização de entrevistas semiestruturadas, além de um convívio junto à agremiação. A hospitalidade é aqui entendida como as relações entre hóspedes e anfitriões, caracterizando-se como um encontro marcado pela atitude de acolhimento ao outro, e suas práticas devem estar presentes em todas as situações da vida. Foi constatado que a quadra de ensaios funciona como um local de encontro e convivialidade para seus membros, pois é lá que eles se encontram, sambam e fazem samba. Os ensaios e eventos lá realizados contribuem de maneira significativa para a manutenção e a consolidação dos laços sociais. É um local propício para a prática da hospitalidade e, principalmente, da sociabilidade e a participação das pessoas baseia-se em sentimentos de solidariedade e cooperação. A comunidade do Camisa Verde e Branco é estruturada por meio do sentimento de pertencimento ao bairro e à escola e sua quadra é um ambiente de lealdade, conforto e acolhimento. Ela objetiva manter seu caráter familiar, fechado-se para a integração de pessoas alheias ao mundo do samba. Os “turistas” são admitidos – embora não integrados – por ocasião do carnaval, já que as escolas de samba são obrigadas a desfilar com um número mínimo de componentes.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Turismo. Sociabilidade. Comunidade. Escola de samba.

## ABSTRACT

Sao Paulo's carnival is a recognized popular feast, composed of street blocks, carnival parties in clubs and the schools of samba parade, which happens every year at Anhembi Sambodrome. The theme of this paper is the hospitality and the sociability in the Camisa Verde e Branco school of samba, the oldest in the city. The research problem asks why "tourists" find it difficult to join the community, despite the school's openness to their participation. In order to answer the proposed problem, the objective is to analyze how the practice of hospitality and sociability happens in the school's rehearsal court and how the interaction between "tourists" and school's members happen. This is a qualitative research with an ethnographic approach, in which records in the field notebook, photographic records and the semi-structured interviews were used as data collection method, as well as a time spent within the community. Hospitality is understood here as the relations between hosts and guests, being characterized as an encounter marked by the welcoming attitude towards others, and its practices must be present in all life situations. It was noted that the rehearsal court works as a meeting and a conviviality place for its members, given it is there that they meet each other, dance and do samba. The rehearsals and events that take place there contribute significantly to the maintenance and the consolidation of social ties. It is a proper place for the practice of hospitality and, specially, sociability and the participation of its members is based on solidarity and cooperation feelings. The Camisa Verde e Branco community is structured through the feeling of belonging to the neighborhood and the school and its court is a trust, comfort and welcoming place. It aims to maintain its familiar character, closing itself to the integration of people from outside the world of samba. The "tourists" are admitted – though not integrated – during the carnival, since are required to the schools of samba a minimum number of components for the parade.

**Keywords:** Hospitality. Tourism. Sociability. Community. School of samba.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tempo de desfile, número de componentes e de alegorias exigidos das agremiações em 2014. ....	42
Quadro 2: Carnavais do Camisa Verde e Branco .....	63

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sambódromo de São Paulo .....	39
Figura 2: Divulgação dos ensaios da bateria no <i>Facebook</i> - agosto 2014.....	46
Figura 3: Divulgação da entrega dos sambas concorrentes do carnaval 2015 no <i>Facebook</i> – julho 2014.....	47
Figura 4: Área destinada ao projeto Fábricas de Sonhos.....	49
Figura 5: Esboço de como será a distribuição física dos barracões e dos demais espaços do projeto Fábricas de Sonhos.....	50
Figura 6: Dionísio Barbosa, fundador do Grupo Carnavalesco da Barra Funda.....	58
Figura 7: Inocêncio Mulata, dirigente do Camisa Verde e Branco em sua segunda fase, em um desfile de carnaval de sua agremiação na Avenida São João, na década de 1960. ....	60
Figura 8: Carna Cardiograma Camisa Verde e Branco no Grupo Especial .....	64
Figura 9: Carna Cardiograma Camisa Verde e Branco no Grupo de Acesso.....	65
Figura 10: Quadra do Camisa Verde e Branco.....	66
Figura 11: Ensaio geral na quadra do Camisa Verde e Branco – Janeiro 2015 .....	67
Figura 12: Divulgação da festa de posse da nova diretoria no <i>Facebook</i> – julho 2014.....	68
Figura 13: Divulgação do novo intérprete da agremiação no <i>Facebook</i> – julho 2014.....	69
Figura 14: Panfleto distribuído na quadra que divulga a realização da 5ª Feijoada da Velha Guarda – parte I.....	69
Figura 15: Panfleto distribuído na quadra que divulga a realização da 5ª Feijoada da Velha Guarda – parte II.....	70
Figura 16: <i>Layout</i> do aplicativo do Camisa Verde e Branco.....	71
Figura 17: Ala das crianças chegando ao Anhembi no dia do desfile – março 2014.....	74
Figura 18: Durante a festa de posse da nova diretoria, alguns participantes se concentraram na parte de fora da quadra, na calçada.....	85
Figura 19: Time de futebol da Bateria Furiosa – novembro 2014 .....	87
Figura 20: Divulgação do Festival Pegada de Macaco no <i>Facebook</i> – novembro 2014.....	88
Figura 21: Organograma da escola de samba Camisa Verde e Branco.....	90

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 – HOSPITALIDADE E FESTA .....</b>	<b>18</b>
1.1 Hospitalidade .....	18
1.2 Comunidade e festa .....	26
1.3 Era uma festa portuguesa, com certeza... ..	27
1.4 Os desfiles das escolas de samba e o ciclo carnavalesco .....	40
1.5 O projeto Fábricas de Sonhos.....	48
1.6 O carnaval como atração turística .....	50
<b>CAPÍTULO 2 – ETNOGRAFIA E A ESCOLA DE SAMBA CAMISA VERDE E BRANCO.....</b>	<b>53</b>
2.1 A pesquisa etnográfica.....	53
2.2 O Camisa Verde e Branco: da sua formação aos dias atuais.....	57
2.3 O desfile do Camisa Verde e Branco.....	72
<b>CAPÍTULO 3 – HOSPITALIDADE E SOCIABILIDADE .....</b>	<b>76</b>
3.1 A hospitalidade e a sociabilidade na escola de samba Camisa Verde e Branco .....	76
3.2 O ritual da hospitalidade.....	88
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE A: TERMOS DE AUTORIZAÇÃO.....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE B: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXO A: PENALIDADES DOS DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA DE SÃO PAULO – GRUPO DE ACESSO .....</b>	<b>150</b>

## INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a hospitalidade e a sociabilidade no contexto da quadra de ensaios da Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco, a agremiação carnavalesca mais antiga da cidade de São Paulo, percebida como um lugar de encontro e convivência.

O Camisa – como é carinhosamente chamado pela sua comunidade – tem sua sede social, onde funciona também a sua quadra de ensaios, na Barra Funda, bairro da zona oeste de São Paulo. Como se verá nesta pesquisa, a quadra é considerada, pelos seus integrantes, como uma segunda casa – já que alegam passar, muitas vezes, mais tempo nela do que em sua própria casa –, é importante para a reunião e para recreação de seus membros – já que além dos ensaios e eventos promovidos pela agremiação, são também realizadas festas de aniversário dos membros e dos seus filhos no local – e a comunidade se constitui em uma espécie de família<sup>1</sup>, em que predomina um ambiente solidário. A participação das pessoas é baseada em sentimentos de cooperação e reciprocidade, pois, salvo algumas exceções, os cargos não são remunerados. As ações são desenvolvidas por amor à escola e ao pavilhão, sem esperar retorno econômico, mas motivadas pelo desejo de que a agremiação saia vitoriosa no próximo carnaval e também pela amizade e pela união do grupo. Embora o foco da pesquisa seja a quadra de ensaios, foram observados outros espaços nos quais a hospitalidade acontece, como o entorno da quadra e o Sambódromo.

A centralização dos equipamentos culturais na cidade de São Paulo é analisada por Botelho e Freire (2004) e Botelho (2004), que observam que das 107 escolas de samba existentes na época da pesquisa, apenas dez localizavam-se na região central da cidade. Esse fato, embora significativo, não deve ser superestimado em sua ação cultural mais ampla, uma vez que as agremiações carnavalescas, ao contrário do que acontece no Rio de Janeiro, não possuem uma atribuição importante na formação e na recreação dos jovens dos bairros onde estão localizadas. Os autores deixam clara a

---

<sup>1</sup> A palavra família é usada, na maior parte deste trabalho, em sentido figurado e refere-se a um núcleo existente no interior da comunidade do Camisa Verde e Branco, no qual os vínculos sociais são ainda mais estáveis do que os dos demais membros. Os membros da família possuem a carteirinha de sócio e participam de quase todos os eventos da escola de samba.

necessidade de estimular tal atribuição, dada a importância do carnaval e seu poder de atração. Botelho (2004) conclui que São Paulo é uma cidade desequilibrada, com baixa relação entre crescimento urbano e a distribuição dos equipamentos culturais. A temática deste trabalho se relaciona à referida pesquisa, na medida em que se detém no papel da escola de samba na vida da comunidade.

A agremiação foi escolhida por ser a mais antiga da cidade: sua origem remete ao ano de 1914, época em que o samba paulistano dava os seus primeiros passos e era discriminado pelas autoridades e pelos estratos mais abastados da população. O carnaval paulistano foi escolhido tendo em vista a proximidade ao objeto de estudo. O contato com a música popular, o samba, existe há bastante tempo, no entanto, a convivência com a escola de samba começou em meados de 2013, devido a esta pesquisa.

O conceito de hospitalidade adotado se fundamenta na teoria da dádiva de Marcel Mauss<sup>2</sup>, que proporciona a base para se entender as relações de sociabilidade e de acolhimento. A hospitalidade é entendida como as relações sociais entre hóspedes e anfitriões e caracteriza-se como um encontro entre as pessoas, marcado pelo “acolhimento em relação ao outro” (BAPTISTA, 2002, p. 157). Suas práticas estão presentes em todas as situações da vida, estendem-se a todo próximo e não se restringem à disponibilidade para receber o visitante. Assim, analisar um destino sob a ótica da hospitalidade implica centrar a abordagem na perspectiva do morador, sendo que, no presente caso, foi estudada a forma como a comunidade da escola de samba se relaciona com os forasteiros. A sociabilidade, por sua vez, é, assim como a comensalidade, uma dimensão da hospitalidade.

A hospitalidade, para Camargo (2004), possui as seguintes categorias, denominadas por ele como os tempos sociais da hospitalidade humana: receber, hospedar, alimentar e entreter. Receber seria o ato de acolher as pessoas que batem à porta, seja na casa, na cidade, no hotel ou até mesmo na quadra de uma escola de samba; hospedar é o ato de proporcionar abrigo e segurança, mesmo que por alguns momentos apenas; a oferta de alimento materializa o ritual da hospitalidade; o entreter significa proporcionar bons e proveitosos momentos. Telfer (2004) também utiliza as

---

<sup>2</sup> Marcel Mauss – sociólogo e antropólogo francês, autor do livro **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas** (no original francês: *Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*), que foi publicado pela primeira vez em 1925 – analisou as formas de contrato e o sistema de trocas e de prestações econômicas de sociedades arcaicas e concluiu que as trocas e contratos não são realizados por indivíduos, mas por pessoas morais, são coletividades que se obrigam mutuamente. Existe, ao mesmo tempo, uma liberdade e uma obrigação de dar e receber, assim como uma liberdade e uma obrigação de retribuir.

categorias receber, alimentar e entreter ao falar de hospitalidade. Outras categorias de hospitalidade analisadas são: acolhimento (BAPTISTA, 2002; BAPTISTA, 2008; FRIESE, 2009; LASHLEY, LYNCH, MORRISON, 2007; LYNCH, *et al.*, 2011), reciprocidade (MONTANDON, 2011) e transposição do limite material ou imaterial (GRASSI, 2004; RAFFESTIN, 1997). Gotman (2008) e Pitt-Rivers (2012) falam sobre as dívidas e obrigações do forasteiro após ser admitido em uma comunidade.

A quadra da escola é entendida como um lugar de hospitalidade e de sociabilidade (BAPTISTA, 2002; BAPTISTA, 2008), sendo nesse espaço que se realizam as atividades que antecipam o desfile de carnaval, reuniões internas, festas de aniversário e confraternizações; onde se faz e se dança o samba e onde se trocam experiências, criando e fortalecendo os laços sociais. O local caracteriza-se como um espaço de convívio e partilha, uma vez que os seus membros ali se reúnem e confraternizam, contribuindo, cada um, dentro da sua possibilidade, com bebidas e alimentos. No entanto, como observado por Botelho e Freire (2004) e Botelho (2004), a agremiação dificilmente se relaciona com os moradores do bairro em que está inserida, exceto quando são realizados *shows* com grupos de samba e pagode na quadra. Nessas ocasiões, são montadas diversas barracas de comida e bebida nas ruas que cercam o local, as quais atendem não apenas os membros da comunidade, como também aqueles que não conseguiram ou não puderam entrar na quadra para participar do evento.

O carnaval é uma das maiores festas da cultura popular brasileira e, juntamente com o futebol, um dos símbolos mais marcantes da brasilidade (SEBE, 1986). Na sua trajetória, foi acumulando influências e recebendo acréscimos, levando a manifestações múltiplas em um amplo processo de ressignificação. Ele tem sua origem ligada ao entrudo, um folguedo que chegou ao Brasil com os colonizadores lusitanos, em que senhores e escravos participavam de brincadeiras na rua, cada um com sua atribuição claramente definida. O termo, derivado do latim, significava "entrada", "começo", nome com o qual a Igreja denominava o começo das solenidades da quaresma. As festividades do entrudo já existiam bem antes do cristianismo, eram comemoradas na mesma época do ano e serviam para celebrar o início da primavera. Após o advento da Era Cristã, a comemoração passou a fazer parte do calendário religioso e a ser realizada do Sábado Gordo à Quarta-feira de Cinzas.

Desde os tempos coloniais, o entrudo foi alvo de proibições, devido ao seu caráter transgressor da ordem, e, com o passar do tempo, o folguedo acabou se modificando. No século XX, foram acrescentados os elementos africanos, que

contribuíram de forma definitiva para o seu desenvolvimento e originalidade (QUEIROZ, 1999). Após a Independência do Brasil, foi desencadeada uma batalha contra o entrudo e a campanha para bani-lo ganhou adesão dos jornais. Naquela época, a ópera era a expressão máxima da arte europeia e o teatro era concebido como culto, moderno e civilizado. A elite brasileira passou a incorporar a moda e a cultura europeias, que se tornaram sinônimo de luxo, e as brincadeiras de rua ficaram para trás, dando lugar aos bailes pagos, realizados em clubes e salões, que eram inspirados nos carnavais de Veneza e Paris. Os bailes de máscaras tornaram-se o ideal de carnaval no país em meados do século XIX. A população negra e pobre, como era excluída das festas promovidas pela elite ou pela classe média paulistana, festejava o carnaval a seu modo e como fosse permitido (SIMSON, 2007).

Hoje, o carnaval de São Paulo é uma reconhecida festa carnavalesca que acontece anualmente no Sambódromo do Anhembi com o desfile das escolas de samba. Essa modalidade de desfiles surgiu no Rio de Janeiro e, aos poucos, se popularizou pelo país. De acordo com Simson (2007), as atuais escolas de samba paulistanas possuem sua origem relacionada com os cordões carnavalescos, que surgiram em São Paulo nas décadas de 1910 e 1920, em três diferentes bairros – que, naquela época, eram habitados, em sua maioria, por negros – e se multiplicaram durante a década de 1930.

Todo ano, no carnaval, é grande o investimento público nas diferentes festas que acontecem pelo país nessa época. De acordo com Baronetti (2013), no ano de 2012, a Prefeitura de São Paulo investiu um montante superior a 23 milhões de reais na realização dos desfiles das escolas de samba. Quem não é do mundo do samba e não faz parte de nenhuma agremiação, não entende as rivalidades e as tensões na ocasião da apuração das notas dos desfiles. Desde o carnaval de 2013, a apuração acontece no Sambódromo do Anhembi com os portões fechados, o que impede o acompanhamento pelas torcidas, e as agremiações que participam dos desfiles abrem suas quadras e/ou sedes nesse dia para atender sua comunidade, seus componentes e simpatizantes e para que eles possam acompanhar os trabalhos de apuração. Apesar do enfoque nas atividades carnavalescas, não foi propósito desta dissertação analisar a hospitalidade na trajetória do carnaval.

A palavra comunidade é comumente usada para descrever aldeias, clubes, subúrbios e até grupos étnicos e nações. Ela se estrutura, em sua dimensão subjetiva, a partir de um sentimento de pertencimento a determinada coletividade. É um lugar seguro, aconchegante e confortável, onde há um atrito entre a autonomia e a segurança.

A liberdade individual é, muitas vezes, o preço a ser pago para viver em comunidade, já que é necessário abdicar dela se quiser segurança. Para sobreviver à comunidade, é necessário requerer a lealdade de seus membros e, ao fazer isso, deve-se sacrificar a autonomia de construção da vida. A homogeneidade da comunidade encontra-se diretamente relacionada ao fluxo de comunicação entre os membros e os não membros e se dissipa na medida em que aumenta a comunicação entre os “de dentro” e os “de fora”, diminuindo a distinção entre eles e ocasionando rachaduras nos muros de proteção (BAUMAN, 2003, p. 18). Dessa forma, mesmo que a comunidade de entendimento comum seja alcançada, ela permanecerá vulnerável e frágil e precisará sempre de vigilância e de defesa. A comunidade da escola de samba Camisa Verde e Branco se identifica e compartilha interesses comuns, como o samba e o amor à agremiação, mas há um grupo menor e mais restrito em seu interior, conhecido como família. Entre os indivíduos da chamada família, os vínculos sociais e a lealdade são ainda mais intensos. Notou-se que há uma classificação interna que distingue os membros e os participantes em três categorias, de acordo com seu grau de envolvimento com a agremiação: sambista, sambeiro e turista. O primeiro é o membro que faz parte da família; o segundo é o sócio que, embora participe das atividades carnavalescas, não possui a mesma lealdade do primeiro; e o terceiro é aquele que não tem nenhum envolvimento com a comunidade e participa apenas do desfile de carnaval e, às vezes, de alguns ensaios também.

O conceito de turista utilizado no trabalho não é o usual do *trade*, segundo o qual o turismo é, essencialmente, o deslocamento de indivíduos ou grupos para um local que não seja o de sua residência por um período de mais de 24 horas. Neste caso, há sobreposição do turista em seu conceito usual com aquele que não pertence à comunidade e também com o forasteiro que participa somente por ocasião do desfile carnavalesco. Essa sobreposição do termo conduz ao problema da pesquisa: Por que o turista tem dificuldades para se integrar à comunidade do Camisa Verde e Branco, apesar de a escola encontrar-se aberta a sua participação?

Como hipóteses tem-se que: a) a exigência de um número mínimo de componentes obriga a agremiação a receber turistas e a praticar uma encenação da hospitalidade; b) no dia a dia da escola, a figura do anfitrião encontra-se diluída e não há ações destinadas a acolher ou integrar o turista, que é tolerado por ocasião do desfile de carnaval; c) as atividades realizadas no dia a dia da escola destinam-se

exclusivamente aos membros da comunidade, dado que a sua divulgação é personalizada.

Para responder ao problema proposto, tem-se como objetivo analisar como as práticas de hospitalidade e sociabilidade acontecem na quadra de ensaios do Camisa Verde e Branco e como se dá a interação entre seus membros e os turistas. Os objetivos específicos são: a) identificar o papel da escola de samba Camisa Verde e Branco para a comunidade; b) identificar e analisar as ações desenvolvidas pela agremiação para acolher os turistas; c) analisar como é a dinâmica para o carnaval; d) identificar qual é o papel da atividade turística<sup>3</sup> para a referida escola.

Para atingir esses objetivos, foi realizado um estudo de abordagem qualitativa, apoiado na pesquisa etnográfica e bibliográfica. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os temas carnaval, festa, hospitalidade e escolas de samba, com a finalidade de fundamentar o estudo sobre a função social do carnaval na formação de vínculos e na definição de uma identidade grupal. O trabalho de campo foi realizado entre maio de 2013 e janeiro de 2015 e incluiu: a) visitas semanais à quadra da escola de samba Camisa Verde e Branco; b) participação nos ensaios para os carnavais de 2014 e 2015— que aconteceram na quadra, na rua e/ou no Sambódromo do Anhembi entre julho de 2013 e fevereiro de 2014 e entre julho de 2014 e fevereiro de 2015, às quartas-feiras e aos domingos; c) participação em festas realizadas na quadra da agremiação; d) realização de conversas e de sete entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade; e) análise das informações e coleta das fotos contidas no *Facebook* da agremiação e de alguns de seus membros.

A pesquisa iniciou-se em meados de maio de 2013, quando se deu a visita à quadra da escola de samba Camisa Verde e Branco pela primeira vez. No mês de julho de 2013, começou-se a frequentar os ensaios para o carnaval de 2014 e, aos poucos, percebeu-se que as agremiações carnavalescas, em especial a que foi estudada, embora tenham o carnaval como a sua principal atividade, não se resumem apenas a ele. Elas funcionam o ano inteiro, de janeiro a janeiro, como costumam dizer, desenvolvendo festas e ações para a sua comunidade. Com a participação nos ensaios, nas festas e no desfile de carnaval, pôde-se perceber o quanto a comunidade se esforça para a

---

<sup>3</sup> A atividade turística está relacionada ao deslocamento e ao bem-estar do turista em um local que não seja o de sua residência e resulta em uma complexa rede de produtos e serviços que movimentam valores significativos de capitais e geram empregos diretos e indiretos (JAFARI, 2000 *apud* GUIMARÃES, 2012).

realização dos desfiles e como é grande o sentimento de pertencimento da comunidade à agremiação.

Durante os ensaios para o carnaval, foram feitos contatos com membros da escola, que a frequentam há muito tempo, e percebeu-se que eles eram uma fonte indispensável para a reflexão sobre a história da agremiação, sobre seu cotidiano e também sobre como os eventos e ensaios que são realizados na quadra, na medida em que esses reúnem toda a comunidade, auxiliam a formação de novos vínculos e fortalecem os já existentes. A memória coletiva e a trajetória de cada sambista trouxeram novos elementos para a interpretação da quadra da escola como uma segunda casa e como um lugar de hospitalidade e da comunidade como uma grande família.

Evidencia-se a dificuldade em integrar a comunidade, em transpor a barreira abstrata que é definida como a regra moral que faz alusão a códigos e valores que possuem sentido e valor em seu interior (RAFFESTIN, 1997). Dessa forma, para se passar do *status* de ‘turista’ ao de ‘membro da agremiação’ e ser aceito na família é necessário ultrapassar as fronteiras abstratas. Foi constatado que, em algumas alas, isso acontece, geralmente, por hereditariedade ou indicação. Há restrição à ampliação da comunidade, uma vez que, apesar do estímulo à participação de turistas, a comunidade fecha-se sobre si própria, evidenciando uma tímida abertura à sua inclusão.

O primeiro capítulo discorre sobre os conceitos de hospitalidade, desde seu inicial entendimento como um dever sagrado, até a extensão de suas práticas e sua aplicação no contexto de uma escola de samba e relata a história do carnaval paulistano, desde a chegada do entrudo com os colonizadores portugueses, passando pelo carnaval dos cordões, até chegar aos atuais desfiles das escolas de samba. O segundo capítulo explica como a pesquisa foi realizada – narra todas as suas etapas, desde o primeiro contato com a agremiação carnavalesca – e fala sobre o Camisa Verde e Branco, sua história, seus carnavais, seu cotidiano na quadra e a divulgação dos eventos nas redes sociais. O terceiro e último capítulo analisa a hospitalidade e a sociabilidade no Camisa Verde e Branco, o organograma da instituição, seus anfitriões e a união de seus membros que constituem a chamada família.

## **CAPÍTULO 1 – HOSPITALIDADE E FESTA**

Este capítulo apresenta o referencial teórico sobre hospitalidade, fundamentado nos conceitos de autores como Raffestin (1997), Gotman (1997, 2008), Baptista (2002, 2008), Grassi (2004), Camargo (2004), Telfer (2004), Grinover (2002), Lashley, Lynch e Morrison (2007), Friese (2009), Lynch e outros (2011) e Pitt-Rivers (2012), e também sobre a história do carnaval no Brasil e na cidade de São Paulo – desde o entrudo de origem lusitana, passando pelo carnaval dos cordões, até chegar às escolas de samba no modelo em que existem hoje e seu ciclo carnavalesco.

### **1.1 Hospitalidade**

A hospitalidade acompanha os homens em seus deslocamentos e seu conceito remete a apontamentos de ordem religiosa, moral e social. Na Antiguidade, era considerada um dever religioso, um mandamento sagrado de caridade e generosidade com a finalidade de dar um lugar aos estrangeiros, que se encontravam longe de seu domicílio, na cidade. Sua dimensão mais coletiva associa o acolhimento ao domínio público dos serviços e da proteção social ou religiosa (associado à ideia de caridade), às instituições sociais – como hospitais e albergues – e ao domínio comercial (meios de hospedagem). Com o desenvolvimento do Estado moderno, as transformações das sociedades provocaram mudanças na forma de acolhimento, o qual passou a ser remunerado, e as políticas públicas tomaram para si a responsabilidade de amparar e acolher necessitados e estrangeiros (FRIESE, 2009; BASTOS, BUENO, SALLES, 2010).

As definições de hospitalidade transpassam diversos campos, como, por exemplo, a dádiva e amizade e em todas as perspectivas de análise, ela é interpretada tendo em vista a questão do acolhimento e da relação humana baseada na ação recíproca entre visitantes e anfitriões. Ela pressupõe uma continuidade, o hóspede de hoje pode se converter no anfitrião de amanhã. Suas práticas são entendidas como processos que visam ordenar as tensões, objetivando limitar a hostilidade, e seus gestos criam laços

sociais e pessoais. A hospitalidade não pode ser forçada, seus gestos são voluntários e o retorno não deve ser cobrado (FRIESE, 2009).

A noção de hospitalidade possui um significado duplo, referindo-se, na sua origem em latim, tanto ao hóspede quanto ao inimigo (*hostis* e *hospes*). Sua origem, do latim *hospitalitas*, pode ser traduzida como boa acolhida, recepção, tratamento afável, hospedagem gratuita e é derivada do substantivo *hospitalis*. A hospitalidade é considerada um gesto de acolhida e de hospedagem. Ao receber o hóspede (*hostis*), o *hospes* o coloca no mesmo nível que o seu. É o *hostis* que compensa a dívida do anfitrião com outra dívida, tendo designado, em certa época, o hóspede e adquirindo posteriormente o sentido de inimigo. Foi, então, adotado um novo nome para o hóspede: *hospes*, que representa *hosti-pet-s*, significando aquele que personifica a hospitalidade. A origem de todas essas palavras vem do verbo *hostire*, que significa igualar. O hóspede e o inimigo possuem, em sua origem, uma noção comum, a de compensação e de tratamento igual, o que visa a nivelar o *status* a princípio hostil do hóspede. A fim de explicar a relação entre hóspede e inimigo, diz-se que ambos derivam do sentido de estrangeiro, uma vez que um estrangeiro favorável corresponderia ao hóspede e um estrangeiro hostil, ao inimigo. As palavras hospício (do latim, *hospitium*, lugar onde os viajantes poderiam obter, temporariamente, alimento e abrigo) e hospital (do latim, *hospitale*, que significava hospedaria ou casa de hóspedes) eram comuns na Europa no século XI e caracterizavam locais designados a abrigar forasteiros, oferecendo inclusive tratamento médico (DIAS, 2002; BENVENISTE, 1995).

A **Odisseia**, poema épico da Grécia Antiga que retrata o retorno de Ulisses da Guerra de Troia, apresenta o ritual de acolhida e reflete acerca da autenticidade dos discursos proferidos no momento da entrada em um espaço e sobre a falsa aparência que se pode assumir para forçar uma passagem e ser admitido no interior. Na Antiguidade, o dever de fornecer proteção e abrigo aos forasteiros era expresso na teoxenia – crença de que os deuses se revelavam como mendigos na casa de mortais para testar seu senso de hospitalidade, como retratado no mito de Filémon e Báucis. Filémon é um velho camponês, que recebeu junto com sua esposa a visita do deus Júpiter em sua casa e, por tê-lo recebido bem, receberam dádivas e foram poupados de uma enchente (FRIESE, 2009).

Na mitologia grega, Héstia representa o interior, é a deusa do lar, reina na habitação, representa a vigilância e comanda as refeições; Hermes representa o exterior, o movimento, é o guia dos viajantes, representa a passagem e seu lugar é na porta,

protegendo a soleira e afastando os ladrões, porque ele mesmo é o ladrão, para quem não existem fechaduras nem fronteiras. Passar de Hermes a Héstia, ou seja, da soleira para a mesa, é ser admitido no interior e significa a aceitação do ritual da hospitalidade. Ser admitido na mesa significa ser aceito no círculo doméstico, uma vez que, sem partilha da refeição, o estrangeiro não é admitido, e ser excluído da mesa é ser excluído da sociedade (VERNANT *apud* GRASSI, 2004).

A hospitalidade é entendida como um gesto de reciprocidade e acarreta o ingresso no espaço do anfitrião e o início de um ritual de acolhida. Ela pressupõe uma desigualdade de lugar e de estatuto, entre aquele que recebe e aquele que é recebido. Um é o anfitrião, dono da casa, e está no interior; o outro, que é recebido, está de passagem e encontra-se no exterior. O hóspede deve ser admitido primeiramente na soleira e posteriormente no interior da casa, sendo que essa passagem do exterior para o interior supõe uma autorização e/ou um convite. A soleira simboliza o limite entre dois mundos e estabelece a intrusão, pois a hospitalidade é intrusiva e comporta uma face de violência, ruptura ou até hostilidade. Ao transpor a soleira, está aceitando-se, implicitamente, as regras do anfitrião. O gesto da hospitalidade, para Montandon (2011), é o de descartar a hostilidade oculta em seu ato, já que o hóspede é potencialmente hostil.

A entrada em um lugar pode ser em um espaço geográfico – urbano ou doméstico – ou psíquico – a penetração no território do outro. A condição do hóspede é a de permanência temporária; se ele ficar, se instala no espaço e perde o estatuto de hóspede (GRASSI, 2004). É a hospitalidade que autoriza a transposição do limite sem se valer da violência. O limite delimita o território urbano e o não urbano e pode ser tanto material como também imaterial ou abstrato. Os estrangeiros, ao pedirem hospitalidade, podem ultrapassar o limite material que os separa do lugar desejado, mas confrontam-se, muitas vezes, com a fronteira invisível da semiosfera do lugar de acolhimento (RAFFESTIN, 1997).

O limite material são as fronteiras que demarcam o território, os espaços autorizados e os interditados, além dos quais o visitante é indesejado e sua entrada é proibida; o imaterial é uma regra moral que faz alusão a códigos e valores que possuem sentido e valor no interior, ou seja, são as fronteiras que controlam o uso do espaço partilhado e que hóspedes e anfitriões devem considerar. A fronteira da semiosfera é mais difícil de transpor do que a fronteira material e é ela que lhes aceitará na comunidade ou os rejeitará. A semiosfera é o espaço onde não há comunicação por

desconhecimento dos códigos do outro, do estrangeiro, tornando-se necessária a tradução desses símbolos para que a comunicação e o contato sejam possíveis (RAFFESTIN, 1997). No caso do Camisa Verde e Branco, a fronteira material são as portas de entrada da quadra, que permanecem sempre abertas a qualquer pessoa e a fronteira imaterial corresponde a ser aceito na comunidade e passar a integrar a chamada família – o que, nesse caso, é difícil acontecer. O hóspede não aceito na semiosfera, embora esteja presente na interioridade, é mantido à margem da comunidade e torna-se um refém.

Por outro lado, Derrida (2003) apresenta uma visão de hospitalidade incondicional, que implica a acolhida do outro enquanto outro e que deveria se pautar não só pela aceitação das diferenças (sociais, culturais, morais), como também pelo aprendizado que o contato com o desconhecido proporciona. Segundo o autor, o anfitrião deve ceder um lugar ao forasteiro sem exigir seu nome nem uma reciprocidade e, ao colocar condições ao hóspede, não se pode mais falar de hospitalidade. Entretanto, estamos longe do mundo antigo onde a hospitalidade era considerada um dever sagrado e fundamental. Na atualidade, ela deu lugar à desconfiança e até mesmo à rivalidade.

Gotman (2008) e Pitt-Rivers (2012) fazem referência às dívidas e obrigações adquiridas pelo turista após ele ser admitido na comunidade e afirmam que o forasteiro, seja pobre ou rico, é sempre avaliado e deve se submeter de alguma forma a uma provação. Um anfitrião possui direitos e deveres em relação ao seu hóspede, o qual possui como único direito o respeito e como única obrigação a honra a seu hospedeiro. O visitante tem, todavia, o direito e a obrigação de retribuir a hospitalidade em uma outra ocasião. A reciprocidade acontece em outro tempo e em outro lugar, em uma alternância de papéis. De acordo com as leis da hospitalidade, a relação entre hóspede e anfitrião deve obedecer a algumas regras universais, sendo que os detalhes referentes a sua violação variam de acordo com o lugar e a cultura das pessoas. O hóspede deve honrar seu anfitrião, aceitar o que lhe for oferecido – principalmente a comida, já que a ingestão de alimentos e bebidas em conjunto cria um vínculo – e não usurpar o papel de seu anfitrião, pois este é a única pessoa detentora das regras da casa. Por sua vez, o anfitrião deve honrar seu hóspede, protegê-lo, defendê-lo e oferecer sempre o melhor que puder. A lei da hospitalidade está fundada na ambivalência; ela impõe ordem e faz com que o desconhecido se torne conhecido. As funções de hóspede e de anfitrião são territorialmente limitadas: o anfitrião somente desempenha esse papel em uma ocasião

ou local no qual ele possuía autoridade e o hóspede não pode ser hóspede em um espaço onde tenha direitos e responsabilidades (PITT-RIVERS, 2012).

Antigamente, nas cidades, o forasteiro não possuía *status* na lei nem na religião e para que pudesse obter a proteção das leis e dos deuses, ele deveria possuir um patrono (COULANGES, 1895 *apud* PITT-RIVERS, 2012). Nesse sentido, o estrangeiro é admitido e incorporado na comunidade somente por meio de um vínculo pessoal com um membro estabelecido. O estrangeiro, sendo desconhecido, por natureza, não é confiável e é potencialmente hostil. Sua posição social em sua sociedade de origem não é, necessariamente, aceita em outra. Ao ser aceito na nova comunidade, ele recomeça como indivíduo. Entretanto, segundo Pitt-Rivers (1954 *apud* PITT-RIVERS, 2012), uma vez que é o local de nascimento que define a natureza essencial do indivíduo, um estrangeiro pode nunca ser incorporado por completo.

O hóspede, ao se revelar como uma figura de transição entre o exterior e o interior, é, em algumas sociedades – como na maçonaria, entre os esquimós e entre garotos britânicos de escolas públicas –, submetido a exames de provação. Na sociedade esquimó, por exemplo, a provação é por meio de um combate e a vitória ou a derrota é que decide o direito do estrangeiro de permanecer na comunidade. A vitória, no caso, permitiria que ele assumisse a posição de um novo membro e ele seria, então, reconhecido por ser um homem melhor do que seu adversário (PITT-RIVERS, 2012). Esse tipo de provação pode ser considerado um rito de passagem – ritual que caracteriza a passagem de numerosas fronteiras entre as idades ou eventos da vida humana, como, por exemplo, a passagem da infância para a juventude e desta para a vida adulta – por meio do qual um *status* antigo é abandonado e um novo é incorporado (VAN GENNEP, 1909 *apud* PITT-RIVERS, 2012). Nesse caso, perde-se o *status* de estrangeiro e adquire-se o de membro da comunidade. Além de representar uma transição particular para o indivíduo, os ritos de passagem representam a progressiva aceitação e participação em um determinado grupo ou comunidade. É um processo simultaneamente particular e coletivo.

Telfer (2004) distingue hospitaleiro de anfitrião. Uma pessoa hospitaleira é aquela que recebe frequente e atenciosamente pelo desejo e pelo prazer de acolher, ajudar e agradar outras pessoas. Um bom anfitrião é aquele que, embora possa não ser hospitaleiro, sabe comandar o ritual da hospitalidade a fim de garantir o bem-estar de seus hóspedes. Ou seja, alguém pode ser um bom anfitrião, mas, por ter motivos ocultos, não é hospitaleiro. É daí que surge a noção de hospitabilidade, que significa

qualidade ou condição de hospitalidade. A autora define hospitalidade como sendo “a oferta de alimentos e bebidas e, ocasionalmente, acomodação para pessoas que não são membros regulares da casa” e sustenta que o anfitrião é responsável pelo bem-estar de seu hóspede (TELFER, 2004, p. 54). A ideia central desse conceito é a partilha da sua própria casa, no entanto, essa incumbência exige mais do que a oferta de abrigo, alimentos e bebidas, significa que o anfitrião deve, também, alegrar, entreter e zelar pela segurança e bem-estar de seu hóspede.

A mesma autora menciona os motivos relativos à hospitalidade e afirma que para que o comportamento seja genuinamente hospitaleiro é necessário que haja um motivo apropriado, como: consideração pelo outro, desejo de agradar, desejo de satisfazer as necessidades dos outros, ajudar alguém que está passando por dificuldades, desejo de ter companhia e fazer amizades, prazer de hospedar ou esperança de que a hospitalidade seja retribuída. Se o hospedeiro for movido apenas pelo desejo de exibir suas habilidades culinárias, sua louça ou sua casa encantadora, ele não será genuinamente hospitaleiro; ele só o será se o motivo predominante for a satisfação dos convidados (TELFER, 2004).

A hospitalidade genuína seria aquela lastreada no sistema da dádiva, em que se recebe pelo prazer de acolher e de agradar o outro e com o interesse em formar ou reforçar os vínculos sociais e de amizade. A verdadeira hospitalidade se mostra, segundo Gotman (2008, p. 117), como uma “espiral inflacionária”, em que a doação e a contradoação jamais se equilibram, pois cada protagonista terá uma obrigação em relação ao outro, como se fosse uma dívida potencial. Assim como na dádiva, na hospitalidade existe, simultaneamente, liberdade e obrigação de dar, receber e retribuir. Para que a hospitalidade seja verdadeira, o anfitrião deve se preocupar com as reais necessidades daquele a quem ela é ofertada. Na encenação da hospitalidade, há um objetivo implícito e, de acordo com Camargo (2008), um estudo prévio, por parte do anfitrião, dos acontecimentos inclusos na recepção de visitantes, como os gestos e o comportamento a ser seguido. Para esse autor, o turismo receptivo é “o palco de uma encenação quase que teatral de um outro ritual que encenamos em nossa vida cotidiana, o das regras da hospitalidade que presidem o contato com os outros” (CAMARGO, 2008, p. 33). Ele sustenta que o “riso comercial” de um recepcionista de hotel chega a ser mais inóspito do que um anfitrião que recebe por notoriedade ou que não se lembra do nome do seu hóspede. Para Gotman (2008), a hospitalidade ainda está presente, mesmo que como encenação, e afirma que essa metáfora objetiva não somente as

obrigações do anfitrião, como também as do hóspede, o qual não deve agir como se fosse o proprietário do local.

O ato da hospitalidade envolve, segundo Ben Jelloun (1999 *apud* LYNCH *et al.*, 2011), uma ação (a recepção), uma atitude (a abertura de si mesmo para o outro e a abertura da sua porta para oferecer o espaço da sua casa para um forasteiro) e um princípio (desinteressado). A hospitalidade é uma lente social e, como tal, revela tanto a organização de acolhimento e exclusão em um nível institucional ou federal, como também as experiências cotidianas de viver com as diferenças (LASHLEY, LYNCH, MORRISON, 2007; LYNCH *et al.*, 2011).

Um dos papéis da hospitalidade é o de transformar as relações durante e após os encontros, o que é evidenciado por Baptista (2002) ao ilustrar o relacionamento entre quem recebe e quem é recebido. De acordo com a autora, acolher o outro como hóspede representa aceitar recebê-lo em nosso território e colocar à sua disposição tudo o que temos de melhor. “A hospitalidade permite celebrar uma distância e, ao mesmo tempo, uma proximidade, experiência imprescindível no processo de aprendizagem humana” (BAPTISTA, 2002, p. 162). As práticas de hospitalidade devem estar presentes em todas as situações da vida, ou seja, não devem se restringir à disponibilidade para receber o estrangeiro. É necessário que essa atitude de acolhimento e cortesia se estenda a todo próximo, seja o vizinho, o colega de trabalho, um desconhecido. Deve-se oferecer o seu melhor sem, todavia, desprezar a condição de outro.

A hospitalidade se caracteriza como um modo privilegiado de encontro interpessoal e se caracteriza pela atitude de acolhimento em relação ao outro, é a abertura da consciência para fora de si, testemunhada por outra pessoa (BAPTISTA, 2008). Essa relação não é sempre de acolhimento, podendo, às vezes, gerar a hostilidade. O que diferencia as duas atitudes é a disposição do indivíduo em arriscar o encontro. Baptista (2008, p. 6) destaca a dimensão ética desse encontro, tentando evidenciar a necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade – definidos por ela como “lugares de urbanidade, de cortesia cívica, de responsabilidade e de bondade [...], de afirmação identitária [...], lugares abertos ao outro” –, nos quais surge a consciência de um destino comum e o sentido de solidariedade que motiva a ação solidária.

As sociedades urbanas, à medida que se desenvolvem e complexificam, vão perdendo o sentido da vida em comunidade, requeridos por uma solidária convivência entre as pessoas. É certo que o anonimato próprio da vida urbana oferece a vantagem de garantir certa privacidade, necessária também à

afirmação de uma liberdade pessoal. Mas ao inviabilizar os tradicionais espaços de encontro, a vida urbana põe, por outro lado, em risco a emergência e a consolidação dos espaços sociais. Não é por acaso que muitas vezes escolhemos a metáfora da selva para designar os modos de vida na cidade que, em muitos casos, tendem a reduzir-se à luta pela sobrevivência. Ora, as práticas de hospitalidade, ao mesmo tempo em que salvaguardam o direito à privacidade e à intimidade, potencializam a socialização dos indivíduos separados inevitavelmente pelo mistério das suas subjetividades. [...] É urgente transformar os espaços urbanos em lugares de hospitalidade (BAPTISTA, 2002, p. 162).

A impessoalidade dos lugares, configurados para encontros fugazes e rápidos e associados com o individualismo, dificulta o contato entre as pessoas e a criação de laços sociais efetivos e duradouros. As práticas da hospitalidade auxiliam na concessão de uma configuração antropológica a esses espaços, identificados como “não lugares” por Marc Augé (*apud* BAPTISTA, 2002), e tornam mais eficaz a humanização dos espaços de trânsito e de passagem, desprovidos de memória e identidade, como estações de metrô e trem, aeroportos, praças públicas, centros comerciais, dentre outros lugares desprovidos de carga afetiva.

Há duas vertentes de estudo da hospitalidade, de acordo com Camargo (2004; 2008): a socioantropológica e a comercial. A primeira vincula-se ao sistema da dádiva, baseando-se na matriz maussiana do dar-receber-retribuir, segundo a qual a hospitalidade é um processo sem fim, já que a retribuição implica uma nova dádiva. Nessa vertente, a hospitalidade baseia-se nas relações estabelecidas entre hóspedes e anfitriões e se caracteriza como um ritual básico do vínculo humano. Já a segunda privilegia o comércio da hospitalidade e os serviços do *trade* turístico, conceituando hospitalidade como sinônimo de hotelaria (*lodging industry*), uma atividade do setor de serviços vinculada à oferta de alimentos, bebidas e acomodação. Trata-se de uma troca impessoal, baseada no contrato, que se faz entre iguais e que se encerra com o pagamento, ou seja, é finita.

As duas escolas colocam-se em posições distintas quanto ao significado atribuído à hospitalidade, o que tornou necessário o estabelecimento de pontes para ligar as duas teorias. Há duas iniciativas com essa finalidade, procurando integrar as duas vertentes dentro da concepção de dádiva: o grupo de autores reunidos nas publicações de Lashley e Morrison (2004) e Lashley, Morrison e Lynch (2007) e o Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo. Outros estudos, como o de pesquisadores da Universidade Federal do Paraná e da antropóloga brasileira Ciméa Bevilaqua, seguem essa mesma iniciativa ao mostrar que os sistemas

da dádiva e do comércio se sobrepõem, mesmo dentro do mercado, ou seja, que mesmo no ambiente comercial há circulação de dádiva. Tudo se passa como se, no ambiente comercial, a hospitalidade baseada na dádiva acontecesse para além da troca monetária, ou seja, é uma ação de um funcionário movida pela compaixão, pelo desejo de ajudar. É um algo a mais que não está previsto no contrato (CAMARGO, 2004; 2008).

Seguindo esse raciocínio, Grinover (2002, p. 27) sustenta que a noção de hospitalidade, atualmente, avança para além dos hotéis, lojas, restaurantes ou estabelecimentos de entretenimento, acarretando, dessa forma, a “necessidade de se recorrer a análises de caráter histórico, epistemológico e empírico das ações” realizadas no campo da hospitalidade. De acordo com o autor, para uma melhor compreensão, os atos relacionados à hospitalidade devem ser considerados como consolidação de estruturas de relações ou como relações transformadoras. Isso significa que, ao final de uma relação de hospitalidade, ambas as partes modificam-se, não sendo mais as mesmas de antes da relação.

## **1.2 Comunidade e festa**

O conceito de comunidade fundamenta o presente estudo, dado que a agremiação é considerada como tal e se constitui como uma espécie de família, na qual os turistas e forasteiros interagem, mas não a integram de forma orgânica. De acordo com Bauman (2003), a comunidade é definida como agrupamento integrado e baseado em relações sociais duradouras e multi-integradas, é estruturada a partir de um sentimento de pertença a determinada coletividade e construída a partir de acordos e entendimentos, sendo o resultado de negociações e compromissos. É um ambiente de lealdade, conforto e de acolhimento; um lugar seguro, em que as pessoas estão livres de perigos ocultos, onde os indivíduos compartilham interesses comuns e em que se pode contar com a ajuda e a boa vontade dos outros. Ela é homogênea, entretanto, essa característica se evapora quando a comunicação e as trocas entre os “de dentro” e os “de fora” se intensificam, passando a ter mais importância do que as trocas internas (BAUMAN, 2003, p. 18). Vivendo em comunidade, a segurança é garantida, no entanto, a promoção da segurança requer o sacrifício da liberdade, a qual, por sua vez,

só pode ser ampliada à custa da segurança. A liberdade e a segurança são, portanto, complementares e incompatíveis.

São justamente as características supracitadas que fazem com que o Camisa Verde e Branco seja entendido como uma verdadeira comunidade. Com as entrevistas, as conversas e o convívio junto à agremiação, observou-se que a união entre seus membros é estruturada por meio do sentimento de pertencimento ao bairro e à escola e pelos interesses comuns, como o samba e o carnaval. A quadra de ensaios é um ambiente de lealdade, de conforto e acolhimento. A comunidade da Barra Funda – como é chamada – se empenha para manter essas características e se fecha sobre si, evitando a integração de pessoas alheias ao mundo do samba, exceto no dia do desfile carnavalesco.

A festa é um tempo suspenso e revigorante, o envolvimento nela existente permite uma ruptura com o cotidiano e um distanciamento das preocupações. É um momento oportuno para o mundo ser recomposto, para os problemas serem enfrentados ou esquecidos e para a liberdade de expressão do homem ser manifestada de modo pleno. Terminadas as celebrações, as atividades rotineiras podem ser retomadas. Há um clima de descontração e despreocupação propício à solidariedade e à convivialidade (BUENO, 2008; 2012).

Festas como o carnaval possuem um importante papel como mediadoras das diferenças econômicas, sociais e culturais e fortalecedoras da rede de relações sociais, de acordo com Bueno (2008). São espaços singulares para a prática da hospitalidade, uma vez que, minimizadas as diferenças, propiciam o acolhimento ao outro, em uma dinâmica de reciprocidade.

### **1.3 Era uma festa portuguesa, com certeza...**

O estudo do carnaval despertou o interesse de acadêmicos de diferentes áreas, tais como geografia, antropologia, economia, história, administração, letras, dentre outros. Há muitos trabalhos que analisam a festa propriamente dita, o desfile carnavalesco, as escolas de samba e o que elas representam para a cidade e para o bairro onde estão localizadas. O carnaval das escolas de samba possui força maior na cidade

do Rio de Janeiro, o que se reflete na bibliografia disponível, uma vez que há diversos estudos sobre o carnaval carioca.

Dentre os autores que tratam do carnaval e das escolas de samba, destacam-se: Simson (2007), Queiroz (1999), Sebe (1986) e Blass (2007). Dentre as dissertações, destacam-se as da área da história, da geografia, da educação física e da antropologia, como as de Baronetti (2013), Belo (2008), Frangiotti (2007), Xavier (2010), Rosa (1998), Soares (1999) e Oliveira (1996). A maioria dos trabalhos analisados estuda somente o carnaval e/ou a agremiação carnavalesca, sendo poucos os que se atêm a analisar o processo de produção do desfile. Até o presente não foi localizado nenhum trabalho de cursos como Hospitalidade e Turismo – embora o carnaval já tenha sido analisado sob a ótica do turismo em trabalhos de outras áreas –, ou que trate das relações sociais entre os membros da comunidade das agremiações nem tampouco que trate especificamente da escola de samba Camisa Verde e Branco.

O linguista russo Mikhail Bakhtin foi um dos primeiros teóricos a estudar o carnaval, ao analisar a festa a fim de entender o universo do escritor francês François Rabelais, do século XVI. O carnaval, para Bakhtin (2000 *apud* Baronetti, 2013), ocupava um importante lugar na vida do homem medieval, assim como os atos e ritos a ele relacionados, oferecendo diferentes visões do mundo, dos homens e das relações humanas. A festa carnavalesca desconsidera a distinção entre atores e espectadores, pois nesse período todos são iguais, participando e se divertindo da mesma maneira. O autor aponta que o desfile das escolas de samba, tal como acontece no Rio de Janeiro e em São Paulo, caracteriza-se como um carnaval espetáculo, ou seja, como uma competição, onde há perdedores e ganhadores.

O carnaval brasileiro possui diversas explicações quanto à sua procedência. Autores como Simson (2007), Queiroz (1999), Britto (1986) e Blass (2007) associam o carnaval ao entrudo, folguedo europeu que chegou ao Brasil com os colonizadores lusitanos. Segundo o historiador Sebe (1986), ao carnaval estão relacionadas as festas e manifestações populares dos mais diversos povos, tais como o *purim* judaico, e as saturnálias e as *caecas* babilônicas, manifestações que contribuíram para o carnaval atual. Em Roma, eram realizadas comemorações em homenagem a Baco, deus de origem grega conhecido também como Dionísio, responsável pela fertilidade, e também o deus do vinho e da embriaguez. As bacanais eram festas acompanhadas de vinho e orgias e caracterizadas pela alegria, pela eliminação da repressão e da censura e também com liberdade de atitudes. No século XV, movido, provavelmente, pelo sucesso popular

da festa, o papa Paulo II incorporou o carnaval no calendário cristão. Já segundo Xavier (2010), há quem associe a origem do carnaval à África, devido à participação dos negros na festa e de seus comportamentos lúdicos.

Para este trabalho, foi considerada a versão segundo a qual o carnaval se trata de uma festa trazida ao Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVII que consistia em brincadeiras de rua reunidas sob o termo de entrudo. O termo entrudo significava entrada e era celebrado, em Portugal, para comemorar o início da primavera. A celebração era realizada no mesmo período do ano e, com o advento do cristianismo, passou a ocorrer antes da quaresma, do Sábado Gordo à Quarta-feira de Cinzas. As práticas eram realizadas somente em algumas regiões ou aldeias, com pequenas variações de um lugar para o outro e era uma ocasião de alegria e entusiasmo. Embora toda a família participasse, as brincadeiras eram mais comuns entre os jovens (QUEIROZ, 1999).

O folguedo possuía um significado relacionado à liberdade – sentido que permanece até os dias de hoje no carnaval – e eram comuns o consumo exagerado de comidas e bebidas, danças e zombarias públicas. As pessoas jogavam água, ovos, farinha e outros líquidos umas nas outras, levando, muitas vezes, ao descontentamento. Esse descontentamento, entretanto, não era unânime e nos jornais havia artigos que falavam sobre as batalhas de líquidos com bom humor e malícia (SEBE, 1986; SIMSON, 2007).

Em Portugal, era uma festa restrita a algumas regiões e sua realização variava de aldeia para aldeia. Apesar das variações, havia alguns elementos comuns em quase todos os locais, tais como: o desfile de um boneco, a realização de banquetes, os grupos de jovens mascarados que circulavam pelas aldeias, os bailes que encerravam os festejos e as brincadeiras entre jovens de ambos os sexos ou entre família (QUEIROZ, 1999).

A partir do final do século XVIII e início do século XIX, as transformações urbanas que aconteceram nas cidades portuguesas diferenciaram os festejos realizados nas cidades maiores daqueles realizados nas pequenas aldeias. As classes dominantes passaram a adotar bailes e desfiles de carros alegóricos – comuns nos carnavais das cidades de Nice e Paris, na França – em substituição ao entrudo. Os festejos foram, aos poucos, abandonando o espaço doméstico e incorporando o território da rua e as relações sociais passaram a refletir as diferenças de classe. Nas pequenas aldeias

portuguesas, o entrudo permaneceu sendo festejado (OLIVEIRA, 1996; SIMSON, 2007).

No Brasil, o entrudo encontrou receptividade na sociedade colonial e, da mesma forma que em Portugal, os festejos aconteciam nos dias que antecediam a quaresma, os chamados Dias Gordos. As brincadeiras obedeciam a limitações de sexo e idade e era inaceitável o revide por parte dos escravos. A participação das mulheres limitava-se ao espaço da casa, território feminino por excelência, enquanto a dos homens estendia-se à rua, que se configurava como outro campo de batalha. A participação dos escravos restringia-se à confecção dos elementos carnavalescos, à organização da festa e à sugestão de iniciativas de ataque e de defesa aos seus senhores. Eles podiam brincar entre si logo cedo, quando iam buscar água, ou no final do dia, após o término do trabalho (QUEIROZ, 1999). O entrudo, com pequenas variações, de acordo com Britto (1986), foi a principal manifestação de carnaval durante o período do Reinado e do Primeiro Império.

Os folguedos foram, gradativamente, adquirindo características particulares devido à influência de elementos das diferentes culturas dos povos que habitavam o Brasil. Como consequência, em cada cidade, o carnaval possui características específicas que condizem com os costumes locais. Em Salvador, predominam os trios elétricos e blocos de afoxés; em Olinda e Recife, os blocos de frevo e maracatu; na cidade de São Luís do Paraitinga, em São Paulo, há as marchinhas; no Rio de Janeiro e em São Paulo são comuns as escolas de samba (SIMSON, 2007).

O carnaval de São Paulo é um típico festejo de liberação, com transgressões protegidas pelo espírito do festejar. Simson (2007), ao analisar a trajetória do carnaval paulistano, sugere uma divisão em três períodos cronológicos. O primeiro período começa na época da colônia, se estende até meados do século XIX e se caracterizou por uma sociedade constituída por grupos de vizinhança e pouca escolaridade da população, uma época em que a religiosidade possuía uma função importante na vida das pessoas. As diferenças socioeconômicas não eram notadas durante os festejos religiosos ou profanos, pois as atividades eram realizadas em conjunto, sendo que cada estrato social possuía um papel definido. Os negros, por sua vez, realizavam as mesmas atividades, porém, em horários diferentes.

No segundo período – que compreende os anos de 1870 a 1930 – teve início um processo de diferenciação na maneira de se divertir das camadas sociais. A elite adotou o estilo de vida da burguesia europeia e criou formas de divertimento exclusivas. Os

festejos antigos, como o entrudo, por exemplo, começaram a ser vistos como impróprios ou bárbaros e, com isso, se refugiaram nas circunvizinhanças e tornaram-se típicos folguedos das camadas populares. A burguesia incorporou o carnaval veneziano a partir de 1855, o qual consistia em bailes mascarados que aconteciam em teatros ou hotéis e majestosos desfiles pelas principais ruas da cidade em carruagens, como no corso, ou em carros alegóricos, como nos préstitos. O primeiro baile de máscaras no Brasil aconteceu no Rio de Janeiro e foi organizado por uma imigrante italiana. As camadas menos abastadas elaboraram novas formas de diversão para o tríduo de Momo, que fossem socialmente aceitas, como os zé-pereiras, os ranchos, os blocos e os cordões. Outras modalidades de festa também começaram a surgir nesse período, como os passeios ou *promenades* aos moldes do então carnaval romano. No Rio de Janeiro, esses passeios de carruagem evoluíram e, em 1855, um grupo de cidadãos organizou o que ficou conhecido como o primeiro passeio de uma sociedade carnavalesca (SIMSON, 2007; QUEIROZ, 1999).

O terceiro período tem início em 1930 e se estende até a atualidade. São características dessa época: a transformação do samba, música típica das camadas populares que se originou nos morros da cidade do Rio de Janeiro, em um ritmo tipicamente brasileiro de sucesso comercial por meio da divulgação no rádio; a expansão das escolas de samba, que originalmente eram festividades das classes menos privilegiadas e passaram a abranger integrantes procedentes das classes mais abastadas – o que conferiu certo *status* a elas – e a inspirar o carnaval de outras cidades no país, como Recife, São Paulo e algumas cidades do interior paulista. Isso foi possível mediante um processo de “enquadramento do folguedo”, o qual passou a aceitar as exigências do gosto da classe média branca a fim de que tivesse aprovação unânime na sociedade brasileira (SIMSON, 2007, p. 27). O desfile das escolas de samba, nas grandes cidades, passou a englobar setores das classes médias e superiores, enquanto nas cidades menores ele é vivenciado pelas elites locais e se estende às classes inferiores.

A mesma autora aponta os dois tipos de carnaval que havia da cidade: o branco e o negro. O grupo negro concentrava-se nos bairros da Barra Funda, da Bela Vista (ou do Bexiga) e na Baixada do Glicério, lugares onde a tradição negra já era reafirmada. Eram comuns a esses bairros: a relativa proximidade do centro urbano comercial; a localização de um bairro de classe alta em suas imediações que oferecia empregos

domésticos às moradoras; a desvalorização das áreas, que possuíam moradias a baixo custo e a habitação de famílias imigrantes de baixa renda (SIMSON, 2007).

Na Barra Funda, predominavam os imigrantes portugueses e, embora fosse uma área desvalorizada, apresentava, assim como os outros bairros de tradição negra, uma clara separação interna: “nas ruas mais urbanizadas habitavam as famílias brancas, e as ruelas e becos, com topografia muito irregular e sujeitas a constantes alagamentos, eram ocupadas por famílias negras” (SIMSON, 2007, p. 100). O bairro, próximo aos trilhos da São Paulo Railway, era uma extensão livre para o usufruto da população negra e foi dali – da junção da rua Souza Lima com a rua Vitorino Carmilo – que saiu, em 1914, o primeiro cordão carnavalesco da cidade.

Nos bairros do Brás, Lapa e Água Branca predominava o carnaval branco de forte influência europeia, no qual o mais importante era o visual, não a música. Como essas agremiações não criavam nada musicalmente, era contratada uma banda que tocava marchinhas e sambas de sucesso. Eram bairros em rápido crescimento, localizados em zonas baixas da cidade, próximas às ferrovias, e habitados, em sua maioria, por famílias de origem imigrante, como italianos e espanhóis. O objetivo era o divertimento das famílias do bairro e o carnaval, embora inserido em um contexto mais amplo – que envolvia bailes mensais, festas juninas, piqueniques, serões, serenatas e apresentações musicais –, consistia em préstitos, corsos e bailes à fantasia realizados em teatros, cinemas ou clubes. O carnaval era organizado pelos operários que residiam e trabalhavam no bairro e, para os clubes, consistia em uma oportunidade para a captação de recursos por meio dos bailes pagos. As brincadeiras desapareceram após o crescimento da cidade de São Paulo provocar a modificação da população dos bairros e a consequente dissolução dos grupos de vizinhança (SIMSON, 2007).

O grupo negro, por sua vez, concentrava-se na música e não possuía carro alegórico. O estandarte bordado e as fantasias – que eram simples por falta de recursos – eram as únicas criações visuais. No entanto, a criatividade ganhava força na música, na dança e nos sambas compostos exclusivamente para os desfiles. Eles possuíam seu próprio conjunto musical, composto por instrumentos de sopro e de cordas, que, durante o ano, tocava em bailes pagos, arrecadando, assim, renda para a organização do desfile de carnaval (SIMSON, 2007).

Os cordões carnavalescos do início do século XX, que percorriam as principais avenidas dos bairros em que estavam localizados e praças da cidade, foram os embriões das atuais escolas de samba. Eles eram um prolongamento das relações de parentesco e

vizinhança e, além das atividades carnavalescas, realizavam também festas, excursões, romarias à cidade de Pirapora e outras atividades de lazer para a população pobre e negra da cidade. Seus predecessores foram, provavelmente, festas profano-religiosas organizadas por grupos ou famílias nos redutos negros de São Paulo. O Treze de Maio parece ter sido uma das mais importantes para essa população e era festejado na Barra Funda, na Vila Santa Maria e no Jabaquara. Essa festividade era uma oportunidade para a realização de samba e contava com comidas típicas. O Três de Maio, festa de Santa Cruz, era outra data muito comemorada, ocasião para rezas e festividades na Igreja dos Enforcados, na Liberdade, e samba e zabumba em um terreno próximo à Igreja de Santa Cruz, no Glicério. Em agosto, na Bela Vista, a festa da Nossa Senhora da Achiropita englobava manifestações profanas dos negros do bairro com direito a muito samba. Os largos do Correio e da Sé tornavam-se territórios negros durante a noite e a madrugada e lá se encontravam os “bambas da pernada” para cantar samba e jogar tiririca<sup>4</sup> (SIMSON, 2007, p. 102).

Os cordões foram a expressão mais forte do carnaval de São Paulo e resistiram até mesmo após a criação das primeiras escolas de samba nos anos 1930, de acordo com Britto (1986). Enquanto os cordões desfilavam nas ruas dos bairros, havia um desfile vespertino de carros abertos e enfeitados, realizado pelas famílias de maior poder aquisitivo da cidade, na Avenida Paulista, o curso, que na década de cinquenta foi transferido para a Avenida Brasil, na região dos Jardins. Segundo Blass (2007), o curso pode ter influenciado os atuais carros alegóricos das escolas de samba.

O primeiro cordão carnavalesco paulistano surgiu no Largo da Banana, no bairro da Barra Funda, zona oeste da cidade de São Paulo, em 1914. O Grupo Carnavalesco da Barra Funda, como foi denominado, foi o primeiro movimento cultural organizado dos negros e era liderado por Dionísio Barbosa. O bairro da Barra Funda foi escolhido para a instalação da primeira linha de bonde elétrico em 1890 e devido à proximidade da ferrovia, surgiram, no local, grandes armazéns e indústrias de pequeno porte. Os carregadores de mercadorias desses armazéns foram responsáveis por terem tornado o Largo da Banana um reduto do samba. Eles se reuniam ali para vender as bananas que ganhavam como pagamento pelos carregamentos que realizavam e, nas horas livres, para jogar tiririca e fazer samba (BRITTO, 1986; BLASS, 2007).

---

<sup>4</sup>A tiririca era uma luta brasileira que utilizava os pés, semelhante à capoeira, que misturava samba e jogo e era praticada ao som do samba paulista com instrumentos improvisados como: caixa de engraxate, tampa de graxa, caixa de lixo, pedaços de madeira, dentre outros (DIAS, 2008).

O primeiro a se autodenominar cordão foi o Cordão Esportivo Carnavalesco Vai-Vai, que surgiu no final da década 1920 no bairro do Bexiga e saiu pela primeira vez em 1930. Os negros libertos que ali residiam eram excelentes jogadores de futebol, o qual era praticado nas várzeas do rio Saracura e nas suas adjacências (BRITTO, 1986).

Samba e futebol em São Paulo, além de dois elementos fortemente associados à brasilidade, possuem muita coisa em comum. Os times de futebol de várzea tiveram uma forte relação com as agremiações carnavalescas, pois as partidas e campeonatos de futebol eram ocasiões onde se tocava samba. Desses encontros, surgiram cordões e escolas de samba, como o Vai-Vai, cuja origem relaciona-se ao time de futebol Cai-Cai, que se localizava no mesmo bairro. Os membros do Vai-Vai não jogavam futebol, mas por acompanharem e satirizarem os jogos do Cai-Cai, ficaram conhecidos como a turma do VAE-VAE. A escola de samba Lavapés, a Rosas de Ouro, a Unidos do Peruche, a Unidos de São Miguel, a Colorado do Brás, a X-9 Paulistana e a Águia de Ouro são outras agremiações cujas origens estão, de alguma forma, relacionadas ao futebol (BELO, 2008; OBSERVATÓRIO, 2014a; BLASS, 2007).

Os cordões e os corsos não foram, todavia, os primeiros movimentos organizados relacionados ao carnaval. Havia, no século XVIII, grupos de negros e caboclos que, fantasiados de índios, tocavam músicas de base percussiva. Conhecidos como Caiapós, eles eram uma espécie de cordão e acompanhavam as procissões religiosas. Essa manifestação foi proibida, no século XIX, de sair junto às procissões e eles passaram a se apresentar nas comemorações carnavalescas. No século XIX havia um grupo chamado Os Zuavos, um tipo de cordão criado entre 1857 e 1860 que era constituído por funcionários públicos, políticos e outros representantes da elite. Esse grupo não possuía nenhuma produção musical. Entretanto, o Barra Funda, pelo tipo de formação, pelo tempo de existência e por ter incentivado a origem de outras agremiações carnavalescas, é considerado a “gênese inicial das escolas de samba e blocos carnavalescos da cidade” (OBSERVATÓRIO, 2014a, p. 15; BELO, 2008).

Na primeira metade do século XX, a tranquilidade dos participantes dos cordões dependia da boa vontade da autoridade responsável que, no momento, podia ou não permitir a realização dos festejos. Quando os desfiles eram autorizados, as agremiações realizavam homenagens em frente à Delegacia Central no Pátio do Colégio com apresentações especiais. O mesmo acontecia com os comerciantes da região dos cordões, que doavam tecidos e outros materiais para a confecção das fantasias ou

simplesmente deixavam as luzes do comércio acesas para iluminar a passagem dos grupos. As primeiras ações do poder público a fim de estimular a realização do desfile de cordões aconteceram em 1935 e 1936, na gestão do prefeito Fábio Prado, quando o carnaval paulistano foi promovido em todas as suas manifestações, compreendendo os cordões carnavalescos. Participaram desses carnavais 46 cordões, que eram filiados à Federação das Pequenas Sociedades Carnavalescas. No entanto, as repressões policiais continuaram e, até mesmo, foram se tornando mais violentas à medida que aumentava o número de agremiações carnavalescas organizadas pela população negra e a quantidade de foliões (SIMSON, 2007; BRITTO, 1986).

Na década de 1930 começam a surgir as primeiras escolas de samba na cidade de São Paulo, com forte influência das agremiações cariocas de mesmo nome. O início foi com a escola de samba Primeira de São Paulo, que surgiu em 1935 no bairro da Pompeia. Dois anos depois, foi criada a Lavapés, com raízes no cordão Baianas Paulistas ou Baianas Teimosas. A escola de samba Lavapés, que existe até hoje, contava com aproximadamente trinta foliões, que percorriam as ruas do bairro em direção à Sé tocando sambas de rádio. A agremiação esteve em seu auge durante as décadas de 1940 e 1960, entrando em decadência após a oficialização do carnaval por não acompanhar as inovações (BELO, 2008; SIMSON, 2007).

As escolas de samba, da mesma forma que os cordões, se multiplicaram em São Paulo. Nos dois casos, a organização era de base familiar, as diferenças eram poucas e os desfiles aconteciam, no início, nas ruas dos bairros de origem das agremiações a fim de evitar a repressão policial. A principal diferença estava no ritmo: enquanto os cordões tocavam marchas carnavalescas, as escolas de samba tocavam samba. O Camisa Verde e Branco foi o primeiro a substituir a marcha pelo samba em 1955 (BELO, 2008; SIMSON, 2007).

Durante as décadas iniciais dos cordões e das escolas de samba, a cidade de São Paulo se desenvolveu economicamente, passou a receber muitos imigrantes e negros que, vindos do interior, trouxeram o batuque, característica do samba paulistano, que nasceu no interior do estado e tinha na cidade de Pirapora do Bom Jesus seu centro de reconhecimento. Eram comuns as idas à cidade de Pirapora por ocasião da Festa do Bom Jesus, que era realizada entre os dias três e seis de agosto. Esse evento foi muito importante como ponto de encontro para o desenvolvimento das ocorrências musicais nos negros paulistas e o samba de Pirapora se tornou sinônimo do samba tocado e

dançado em São Paulo, o samba de bumbo (uma alusão ao instrumento de percussão cujo som prevalecia) (BRITTO, 1986).

Em 1954, ano do IV Centenário da cidade de São Paulo, foi realizado o Concurso Estadual de Desfile Carnavalesco no Parque do Ibirapuera, o qual foi inaugurado para essa comemoração e passou a ser utilizado para a realização dos desfiles. Até 1967, os desfiles não eram bem vistos e sofriam com a repressão policial. Foi então que sambistas como Inocência Tobias (Mulata) do Cordão Mocidade Camisa Verde e Branco, Deolinda Madre (Madrinha Eunice) da escola de samba Lavapés, Alberto Alves da Silva (Seu Nenê) da escola de samba Nenê de Vila Matilde, Sebastião Eduardo Amaral (Pé Rachado) do Cordão Carnavalesco Vai-Vai, Carlos Alberto Alves Caetano (Carlão) da escola de samba Unidos do Peruche e Benedito Nascimento (Xangô) da escola de samba Unidos de Vila Maria reuniram-se com o intuito de solicitar auxílio financeiro ao poder público, resultando na oficialização do carnaval (URBANO, 2006 *apud* BELO, 2008).

O prefeito José Vicente Faria Lima decidiu apoiar a festa carnavalesca e sancionou a Lei nº 7.100/67, destinada a regular a promoção do carnaval pela Prefeitura Municipal de São Paulo, e que, juntamente com a criação da Secretaria de Turismo e Fomento, oficializou o carnaval. O desfile, que era realizado no vale do Anhangabaú, passou a ter arquibancadas e iluminação adequadas à festa e o concurso entre as agremiações passou a ser responsabilidade do poder público e não mais dos estabelecimentos comerciais. Após a oficialização, foram criadas normas para a regulamentação, resultando na uniformização do carnaval. Faria Lima encomendou a um carnavalesco carioca um regulamento para a realização de um concurso entre as agremiações paulistanas. Estas, por sua vez, foram, então, submetidas a uma nova realidade trazida do Rio de Janeiro. Muitas deixaram de existir e outras se tornaram escola de samba, como é o caso do Vai-Vai e do Camisa Verde e Branco. A necessidade em se aproximar e se enquadrar ao modelo de carnaval carioca<sup>5</sup> era crescente (BELO, 2008).

Com a oficialização, o interesse da iniciativa privada e o apoio do poder público, os folguedos negros passaram a ter uma aceitação maior por parte da sociedade paulistana, levando a um conseqüente aumento na participação da população mais instruída e abastada, em sua maioria branca. No entanto, de acordo com Simson (2007),

---

<sup>5</sup> A oficialização do carnaval do Rio de Janeiro aconteceu em 1932, ano em que as escolas de samba passaram a desfilar na Praça Onze (MAIA, 2003 *apud* BELO, 2008).

nas agremiações mais antigas e tradicionais, os brancos eram hierarquicamente inferiores aos negros e foi somente por volta dos anos 1970 que as primeiras escolas de samba lideradas por brancos surgiram, como é o caso da Mocidade Alegre e da Rosas de Ouro, fundadas em 1967 e 1971 respectivamente. Elas foram criadas no contexto do carnaval oficializado e de acordo com as normas vigentes.

Com essa nova fase, diversos elementos tradicionais das agremiações carnavalescas paulistanas tiveram fim ou se modificaram, tais como: a figura do baliza (integrante que executava malabarismos com um bastão e abria caminho para a agremiação) foi extinta, o estandarte se transformou em bandeira, os instrumentos de sopro deixaram de fazer parte das baterias, a temática livre deu lugar ao desenvolvimento de um enredo e a ala de baianas tornou-se obrigatória.

A escola de samba Nenê de Vila Matilde foi a primeira a adotar os elementos cariocas em seus desfiles e também a primeira a possuir uma quadra de ensaios, por meio da ocupação de um terreno público sem a autorização da Prefeitura em 1967. Foi fundada em 1949, já como escola de samba, por um grupo de amigos que jogavam tiririca e faziam samba na Vila Matilde, bairro da zona leste de São Paulo, liderados por Alberto Alves da Silva, posteriormente chamado de Seu Nenê. Esta agremiação, devido à sua organização e ao maior acesso ao carnaval carioca, teve uma adaptação mais rápida que as demais (Nenê de Vila Matilde; OBSERVATÓRIO, 2012)

Em 1968, foi criada a primeira Comissão Organizadora do Carnaval Paulistano, vinculada à Secretaria de Turismo e Fomento com o intuito de organizar o carnaval daquele ano, cujo desfile aconteceu no vale do Anhangabaú e do qual participaram dezoito agremiações. Também nesse ano, foi organizado pela Prefeitura o concurso entre as escolas de samba – que é realizado até hoje –, premiando as agremiações mais bem classificadas (BELO, 2008).

Na década de 1970, houve o surgimento das bandas e blocos de rua, que se caracterizam como uma folia de carnaval totalmente gratuita. A maioria das bandas e dos blocos são filiados à Associação das Bandas Carnavalescas de São Paulo (Abasp), entidade que prepara os eventos oficiais de carnaval nas ruas da cidade com o apoio da Prefeitura e da São Paulo Turismo - SPTuris. Eles se apresentam nas ruas durante o carnaval e também nos dias que o antecedem (Carnaval, 2014).

Em 1973, os desfiles passaram a acontecer em um local definido, a Avenida São João. Nesse ano, foi fundada a União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP), com o intuito de auxiliar as agremiações a regularizar seus estatutos, profissionalizando os

desfiles. No ano de 1975, havia três entidades representativas do carnaval paulistano: a UESP, a Associação das Escolas de Samba de São Paulo e a Coligação Regional das Escolas de Samba do Município de São Paulo. Durante a organização do carnaval de 1976, a Secretaria de Turismo e Fomento exigiu a fusão das entidades e foi decidido pela permanência da UESP. Em 1977, os desfiles foram transferidos para a Avenida Tiradentes. Com o passar do tempo, a passarela da Avenida Tiradentes começou a ficar pequena para a crescente estrutura das escolas de samba paulistanas e a realização dos desfiles se tornou um transtorno no trânsito da cidade. Na década de 1980, os desfiles começaram a ser transmitidos, na íntegra, para São Paulo e outras localidades pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Nesse período, houve um aumento exponencial na participação de empresas privadas patrocinando e divulgando o evento, levando a uma maior organização dos desfiles carnavalescos (BELO, 2008).

Em 1986, diretores de nove agremiações (Camisa Verde Branco, Vai-Vai, Rosas de Ouro, Águia de Ouro, Mocidade Alegre, Unidos do Peruche, Imperador do Ipiranga, Acadêmicos do Tucuruvi e X-9 Paulistana) fundaram a Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo (LIGA), uma Organização Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) junto ao Ministério da Justiça, que hoje congrega 22 agremiações e um afoxé. Sua missão, além de produzir os desfiles de carnaval, é contribuir para o desenvolvimento cultural, social e econômico da cidade e realizar eventos e ações com o intuito de beneficiar os sambistas e as comunidades. Foi fundada com o objetivo de congregar as escolas de samba do Grupo I, que passou a se chamar Grupo Especial, representando-as junto ao poder público e às entidades particulares e participar da organização dos desfiles a partir de 1987. Posteriormente, passou a representar os dois primeiros grupos: Grupo Especial e Grupo I, cujo nome foi alterado para Grupo de Acesso. A UESP continuou representando as demais escolas (FRANGIOTTI, 2007; LIGA, 2013).

No final da década de 1980, a passarela na Avenida Tiradentes já não comportava mais a crescente estrutura das escolas de samba paulistanas e, diante disso, a Prefeitura deu início a uma política de reestruturação do carnaval. Em 4 de janeiro de 1990, na gestão da prefeita Luiza Erundina, houve a regulamentação do carnaval paulistano por meio da Lei 10.831, a qual responsabilizou a Prefeitura pela sua organização. A tradição dos carnavalescos que saíam pelas ruas da cidade dançando e festejando ganhou um caráter competitivo, que culminou com uma progressiva regulamentação, até alcançar o sucesso e a visibilidade dos dias atuais. O crescente

sucesso dessa manifestação levou a uma mobilização, por parte dos organizadores, para a construção de um espaço permanente para a apresentação dos desfiles. Em 1º de fevereiro de 1991, foi inaugurado, no Polo Cultural e Esportivo Grande Otelo<sup>6</sup> do Parque Anhembi, o Sambódromo da cidade de São Paulo (figura 1), o primeiro espaço permanente e adequado aos critérios de apresentação, onde são realizados os desfiles desde então. Após o término das obras, o Sambódromo foi novamente inaugurado em 12 de fevereiro de 1996, na gestão do prefeito Paulo Maluf (BELO, 2008; SIMSON, 2007).



Figura 1: Sambódromo de São Paulo  
Fonte: Anhembi (2014)

A definição de um local permanente para a realização dos desfiles levou muitas escolas dos grupos Especial e de Acesso a transferirem seus barracões de alegorias para áreas mais próximas ao Sambódromo a fim de facilitar o transporte dos carros alegóricos, principalmente os das agremiações que se localizam em bairros afastados, que enfrentam problemas com alegorias que quebram durante o percurso ou ficam presas em viadutos (BELO, 2008).

---

<sup>6</sup> Na época denominado Polo Cultural e Esportivo. A mudança de nome para Polo Cultural e Esportivo Grande Otelo data de 1994 (BELO, 2008).

Em 1998, foi firmado um contrato entre a Liga Independente das Escolas de Samba e a Rede Globo de Televisão, o qual concedeu à emissora o direito de exclusividade na transmissão dos desfiles no período de 1999 a 2015. Após o contrato com a Globo, houve alterações nos desfiles como a mudança do dia da semana para sexta-feira e sábado de carnaval – a fim de não coincidir com os desfiles das escolas de samba cariocas, que ocorrem no domingo e na segunda – e a aceleração do samba-enredo devido à estipulação de um tempo máximo de desfile sob pena de perda de pontos. Em 2004, houve a criação do G5, que reúne cinco escolas de samba da capital paulista: Unidos de Vila Maria, Unidos do Peruche, Mocidade Alegre, Rosas de Ouro e X-9 Paulistana. O objetivo é atrair turistas e movimentar a economia ligada ao setor o ano inteiro, fomentando o turismo receptivo em suas quadras (BELO, 2008).

Atualmente, as atividades das escolas de samba não se reduzem ao desfile carnavalesco. Elas são uma referência para sua comunidade e, durante todo o ano, uma opção de lazer para seus membros.

#### **1.4 Os desfiles das escolas de samba e o ciclo carnavalesco**

Há, oficialmente, na cidade de São Paulo, seis categorias de escolas de samba: os grupos Especial e Acesso, que fazem parte da Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo, e mais quatro grupos de agremiações que pertencem à União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP). Há também um grupo de blocos especiais, com treze integrantes, vinculado à UESP e um afoxé vinculado à LIGA. Com exceção do Grupo 4 da UESP, todas as agremiações recebem recurso financeiro da Prefeitura de São Paulo para a realização de seus desfiles. Há, ainda, algumas bandas e blocos carnavalescos que não participam da disputa e não recebem ajuda financeira da Prefeitura, realizando apresentações nas ruas da cidade apenas no pré-carnaval. As agremiações que fazem parte da Associação das Bandas, Blocos e Cordões Carnavalescos do Município de São Paulo são quatorze e apresentam-se no centro da cidade, também na semana anterior aos desfiles no Sambódromo (OBSERVATÓRIO, 2012; 2014a).

Os desfiles das escolas de samba no Sambódromo acontecem, atualmente, na sexta-feira, no sábado, no domingo e na segunda-feira de carnaval e deles participam

apenas os grupos Especial e de Acesso e o Grupo 1 da UESP. Na sexta-feira e no sábado acontecem os desfiles das agremiações pertencentes ao Grupo Especial, primeira divisão do concurso das escolas de samba de São Paulo; no domingo, os desfiles do Grupo de Acesso, segunda divisão do concurso; e na segunda-feira, os desfiles do Grupo I da UESP, terceira divisão do carnaval paulistano. Os preços para assistir aos desfiles das escolas dos grupos Especial e de Acesso variam entre R\$ 30,00 e R\$ 2.640,00, dependendo do setor escolhido. Há oito setores, que vão do A até o H, que incluem arquibancada, cadeiras de pista e mesas de pista com quatro lugares. Além desses setores, há os camarotes, como o tradicional Camarote Brahma, em cujo espaço interno são realizados *shows* e *performances*, com a participação de DJs e outras atrações (CAMAROTE, 2014; LIGA, 2013).

O Grupo Especial é composto por quatorze escolas de samba, divididas em dois dias de desfile, sendo sete agremiações por dia. Em 2014, os desfiles aconteceram nos dias 28 de fevereiro, com início às 23h15 min e 1º de março, com início às 22h30 min. Fizeram parte do Grupo Especial as seguintes escolas: Leandro de Itaquera, Rosas de Ouro, X-9 Paulistana, Dragões da Real, Acadêmicos do Tucuruvi, Vai-Vai, Tom Maior, Pérola Negra, Gaviões da Fiel, Mocidade Alegre, Nenê de Vila Matilde, Águia de Ouro, Império da Casa Verde e Acadêmicos do Tatuapé. Cada escola tem entre 55 e 65 minutos para realizar o desfile e deve sair com no mínimo 2.000 componentes, conforme demonstrado no quadro 1. As escolas de samba perdem pontos na fiscalização, concentração e na pista, durante o seu desfile, a cada infração cometida, tais como apresentar-se, em qualquer um dos quesitos acima mencionados, em quantidade inferior ou superior à exigida e utilizar força animal para movimentar as alegorias. No julgamento, são analisados os seguintes quesitos: bateria, harmonia, samba-enredo, mestre-sala e porta-bandeira, comissão de frente, alegoria, enredo e fantasia. As agremiações desfilam diante de uma comissão julgadora disposta em cabines ao longo da pista. Cada um dos quesitos é avaliado por quatro jurados e há descarte da menor nota. As penalidades dos desfiles das agremiações do Grupo de Acesso, ao qual pertence a escola de samba analisada, encontram-se no Anexo A.

As divisões inferiores são chamadas de Grupo de Acesso. O Grupo de Acesso foi composto, em 2014, por oito agremiações (Colorado do Brás, Morro da Casa Verde, Unidos do Peruche, Camisa Verde e Branco, Império do Ipiranga, Unidos de Vila Maria, Mancha Verde e Estrela do Terceiro Milênio) que desfilaram no dia 2 de março de 2014 com início às 21h. Cada escola tem entre cinquenta e sessenta minutos para

realizar o desfile e possui um mínimo de mil componentes, conforme demonstrado no quadro 1. Assim como no Grupo Especial, elas perdem pontos na fiscalização, concentração e na pista, durante o seu desfile, a cada infração cometida. Ou seja, é necessário cumprir o tempo de desfile e apresentar-se com o número mínimo de componentes.

Requisitos	Grupo Especial		Grupo de Acesso	
	Mínimo	Máximo	Mínimo	Máximo
Tempo de desfile	55 min.	65 min.	50 min.	60 min.
Componentes	2.000	não há	1.000	não há
Alegorias	5	não há	4	4
Comissão de frente	6	não há	6	15
Baianas	50	não há	30	não há
Mestre-sala e Porta-bandeira	1	não há	1	não há

Quadro 1: Tempo de desfile, número de componentes e de alegorias exigidos das agremiações em 2014.

Fonte: Elaboração própria baseada no regulamento oficial dos desfiles carnavalescos de 2014.

A cada ano, há o acesso para o Grupo Especial das duas escolas de samba mais bem colocadas do Grupo de Acesso e também o acesso de uma escola do Grupo I da UESP para o Grupo de Acesso, a qual deverá abrir os desfiles do Acesso no carnaval subsequente. Da mesma forma, há o descenso do Grupo Especial para o Grupo de Acesso das duas agremiações que obtiverem as duas menores pontuações no desfile e do Grupo de Acesso para o Grupo I da UESP de uma escola que obtiver a menor nota (LIGA, 2013).

A permanência e a regularidade nos grupos são importantes, uma vez que ao descer para o Acesso ou subir para o Especial, a agremiação pode ter perdas ou ganhos consideráveis, principalmente em termos econômicos. As escolas do Grupo Especial, além de receberem um incentivo maior por parte da Prefeitura Municipal de São Paulo, por meio da São Paulo Turismo (cerca de 2,5 milhões para o Especial e 1,2 milhão para o Acesso), têm direito à bilheteria (parte da venda dos ingressos), à venda do chamado “direito de arena” — pago pela emissora de tevê — e também a ter o desfile transmitido na TV Globo (OBSERVATÓRIO, 2014a). É comum a escola eleger uma cidade, um bairro, uma instituição ou uma personalidade importante para homenagear e, dessa forma, espera conseguir patrocínio ou ajuda financeira do homenageado.

Os desfiles dos grupos Especial e de Acesso de escolas de samba do Carnaval Oficial da Cidade de São Paulo são coordenados e promovidos pela LIGA, representada por seu presidente, o qual designa uma coordenação técnica de carnaval para gerenciar a organização. A UESP é responsável pela realização dos desfiles oficiais de domingo, segunda-feira e terça-feira de carnaval, no Sambódromo e em diversos bairros de São Paulo.

A apuração das notas dos grupos Especial e de Acesso é realizada sempre na terça-feira de carnaval às 16h em local predeterminado pela LIGA (normalmente, é realizada no Sambódromo), sendo que o acesso é liberado somente para a imprensa, para os presidentes das agremiações e mais nove convidados por eles indicados. A apuração dos grupos I, II, III e IV e blocos especiais da UESP é realizada na Quarta-feira de Cinzas às 9h.

Na sexta-feira após o carnaval são realizados os desfiles das escolas de samba campeãs, com as cinco primeiras colocadas do Grupo Especial, a campeã e a vice-campeã do Grupo de Acesso. O tempo de desfile, neste caso, é de no máximo cinquenta minutos para escolas do Grupo de Acesso e no máximo sessenta minutos para as escolas do Grupo Especial.

Em 2015, a 12ª colocada no carnaval de 2014 foi a última escola a desfilar na sexta-feira de carnaval e a 11ª, a última escola a desfilar no sábado. A campeã do carnaval de 2014 no Grupo de Acesso abriu os desfiles de carnaval de 2015 no sábado, e a vice-campeã do Acesso abriu o desfile de carnaval na sexta-feira. A agremiação campeã tem direito de escolha de dia e ordem do desfile no ano seguinte.

O carnaval, embora se realize apenas uma vez por ano, possui uma produção que se desenvolve durante todo o ano. Isso representa trabalho para muitos, mas também lazer e prazer com o envolvimento nos preparativos e nos ensaios. O ciclo carnavalesco se inicia, geralmente, após o período da quaresma. Durante o ano, são vários os momentos fundamentais na preparação do desfile carnavalesco, a começar pela definição do tema (enredo) a ser apresentado no próximo ano. Os temas são divulgados entres os meses de abril e junho. Após a definição do enredo, são distribuídas as sinopses, que são uma espécie de texto explicativo para que os compositores possam compor os sambas-enredo, que, posteriormente, são cantados e votados nas eliminatórias, que acontecem na quadra de ensaios entre agosto e outubro. Há casos em que não há eliminatórias, pois as agremiações desconsideram os sambas menos favoráveis, e também em que o samba-enredo é definido sem disputa. Os jurados

avaliam nos sambas-enredo a letra, a adequação ao enredo, a riqueza poética, o entrosamento dos versos com as melodias, o ritmo integrado à letra, a harmonia musical, a facilidade da letra e da música, dentre outros. O samba-enredo pode ser descritivo ou interpretativo, sendo que o primeiro relata minuciosamente o enredo e o segundo conta o enredo sem fixar-se em detalhes, mas contém a ideia principal. A ordem de apresentação dos sambas durante as eliminatórias é definida por sorteio. A próxima etapa é a chamada “apresentação dos pilotos”, ocasião em que são divulgadas as fantasias das alas que compõem o desfile, as quais ficarão, em seguida, expostas na quadra para serem compradas. Começa, então, o trabalho das costureiras nos ateliês. Entre outubro e novembro há a gravação dos sambas que farão parte do CD, lançado no final do ano (OBSERVATÓRIO, 2014a).

Nos meses que antecedem o desfile carnavalesco são realizados, no Sambódromo do Anhembi, os chamados ensaios técnicos das agremiações pertencentes à primeira e à segunda divisão. Cada escola tem direito a três datas para ensaios técnicos e algumas datas para os ensaios específicos, como o dos casais de mestre-sala e porta-bandeira, bateria ou comissão de frente. Há também os ensaios secretos, que podem acontecer de madrugada. Nos ensaios técnicos, as agremiações têm a possibilidade de fazer um desfile próximo ao que acontecerá no carnaval e, dessa forma, minimizar, ou até erradicar, os possíveis problemas que possam comprometer o desfile oficial. É, também, uma forma de entretenimento para os membros das comunidades e para foliões em geral, que podem assistir aos ensaios gratuitamente.

As quadras das escolas de samba ficam lotadas nos ensaios semanais, que acontecem, geralmente, aos finais de semana entre setembro e fevereiro. Esses ensaios arrecadam fundos para a agremiação com a venda de bebidas e/ou com a venda das fantasias. A produção dos desfiles consiste em eventos únicos, que se renovam a cada ano. Segundo Blass (2007, p. 41), o que caracteriza “o encanto da festa” é a “reprodução anual dos procedimentos e a rotina dos ensaios na quadra”.

Após o término do carnaval, acontece a desmontagem e a reciclagem dos materiais utilizados nos carros alegóricos e nas fantasias. As esculturas das alegorias são retiradas e, muitas vezes, são vendidas a agremiações menores ou de outra cidades. Algumas fantasias, em geral as que são alugadas, são recolhidas para também serem vendidas a outras escolas, que as reformam e as reutilizam. Essa reciclagem dos materiais, além de ser uma alternativa para liberar o espaço nas quadras e barracões para

a produção do desfile do ano seguinte, é uma oportunidade para arrecadar recursos financeiros (OBSERVATÓRIO, 2014a).

Na escola analisada no presente estudo, o cronograma para o carnaval de 2015 iniciou-se com a divulgação do enredo “Eu acredito em previsões. E você?”, no início do mês de junho (dia 4) em uma reunião realizada com a presença do presidente, do vice-presidente, do diretor de planejamento, do diretor financeiro e do carnavalesco; no dia 8 do mesmo mês, o carnavalesco Anselmo Brito fez a explanação da sinopse aos compositores; na terceira quarta-feira de junho (dia 18), tiveram início os ensaios da bateria; em julho (dia 18) houve a entrega e a audição dos sambas-enredo concorrentes para as eliminatórias; no dia 10 de agosto ocorreu a apresentação de todos os sambas da disputa; no dia 17, aconteceu a primeira eliminatória do samba-enredo, conhecida como chave branca, na qual seis sambas concorrentes se apresentaram; no dia 31 desse mesmo mês se desenvolveu a semifinal das eliminatórias; a grande final das eliminatórias foi realizada no dia 8 de setembro, com três sambas concorrentes; no dia 5 de outubro tiveram início os ensaios gerais para o carnaval 2015, aos domingos, a partir das 20h; no dia 12 de outubro os pilotos das fantasias foram apresentados em um desfile para que os chefes de ala pudessem, dois dias depois, escolher a ala que iriam coordenar; a partir de 23 de novembro, os pilotos das fantasias passaram a ficar expostos durante os ensaios de domingo. Todos esses eventos aconteceram na quadra da agremiação e foram divulgados no *site* e na página do *Facebook*. Em 2015, o Camisa Verde e Branco foi a quarta escola a desfilar no Sambódromo, no domingo, dia 15 de fevereiro. As figuras 2 e 3 (a seguir) ilustram a divulgação dos ensaios da bateria e a entrega dos sambas-enredo concorrentes na página da agremiação no *Facebook*.



A.C.S.  
E.S.M.

**CAMISA**  
VERDE E BRANCO

FUNDADA EM  
04.09.1953

**ALÔ COMUNIDADE!**

**TODAS AS QUARTA-FEIRAS**  
**A PARTIR DAS 20H**  
**ENSAIO DA BATERIA**

NA QUADRA DA ESCOLA

#CURTA

 **Camisa Verde Oficial**  
WWW.CAMISAVERDEBRANCO.COM

 **Coletivo Ernesto**

Figura 2: Divulgação dos ensaios da bateria no *Facebook*- agosto 2014  
Fonte: Camisa Verde e Branco - Oficial (2014)

A.C.S.  
E.S.M.

**CAMISA  
VERDE E BRANCO**

FUNDADA EM  
04.09.1953

**ALÔ COMPOSITORES!**

**18-07 20H AS 24H ENTREGA  
DOS SAMBAS CONCORRENTES CARNAVAL 2015**

**1 CD COM A OBRA GRAVADA  
15 LETRAS DO SAMBA  
TAXA DE INSCRIÇÃO R\$ 50,00**

**NA QUADRA DA ESCOLA**

#CURTA  
**CamisaVerdeOficial**

Coletivo  
Arneste

Figura 3: Divulgação da entrega dos sambas concorrentes do carnaval 2015 no *Facebook* – julho 2014

Fonte: Camisa Verde e Branco - Oficial (2014)

Muitas escolas e blocos carnavalescos organizam eventos e confraternizações ao longo do ano, como festejos juninos, festa de dia das crianças, feijoadas, almoços, *shows*, encontros de baterias, dentre outros. Esses eventos, além de contribuírem para o fortalecimento das relações sociais dos membros da comunidade, servem para angariar fundos para ajudar na realização do desfile.

As escolas de samba são organizações culturais sem fins lucrativos, cujo produto final é o carnaval e, uma vez denominadas associações culturais e/ ou sociais, devem desenvolver ações sociais e de inclusão para os moradores da cidade, possibilitando a criação de redes de solidariedade. Essas ações advêm da década de 1980, quando as agremiações começaram a distribuir cestas básicas e a realizar campanhas com a finalidade de obter recursos que seriam doados ou revertidos para a população. Não são todas as escolas que realizam essas ações. Devido à maior disponibilidade de recursos, apenas as maiores as realizam. As ações sociais podem ser classificadas em internas e externas. As internas originam-se na própria agremiação e as externas provêm de instituições a fim de efetivar parcerias para realizar seus projetos sociais (FRANGIOTTI, 2007; BELO, 2008).

### **1.5 O projeto Fábricas de Sonhos**

O projeto Fábricas de Sonhos, em São Paulo, segue o mesmo estilo da Cidade do Samba no Rio de Janeiro – espaço de 92 mil m<sup>2</sup> destinado a abrigar os barracões das escolas de samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro, onde são elaborados e montados os carros alegóricos e algumas fantasias que serão utilizadas no desfile carnavalesco. Há, na Cidade do Samba, uma programação voltada para turistas com oficinas de samba e produção de alegorias e fantasias, além de *shows* de samba (CIDADE DO SAMBA RIO DE JANEIRO, 2014; BELO, 2008).

Em São Paulo, o projeto é antigo, uma vez que o tema é debatido desde a década de 1990, no entanto, apenas em 2008, na gestão do prefeito Gilberto Kassab, o local foi oficialmente apresentado. O espaço abrigará quatorze barracões, todos do mesmo tamanho (5.608 m<sup>2</sup> cada um) e formato, das agremiações do Grupo Especial e contará com uma infraestrutura adequada e permanente para a elaboração dos materiais utilizados pelas escolas de samba.

Haverá também um espaço chamado Barracão Escola, que será um centro de referência para formação de profissionais de artes cênicas, que poderão prestar serviços para as escolas de samba de São Paulo; a arena Casa de Bambas, cujo espaço será destinado à realização de *shows*; a recepção, que abrigará serviços como o “Memorial

do Samba Paulistano”; um estacionamento e um ponto para reciclagem e reaproveitamento dos materiais (FÁBRICAS DE SONHOS, 2014).

O projeto Fábricas de Sonhos ocupa uma área de 77 mil m<sup>2</sup> na marginal Tietê, sentido Penha, próximo à ponte da Casa Verde, e foi escolhido pela proximidade ao Sambódromo (cerca de um quilômetro de distância), a fim de facilitar o traslado das alegorias sem a necessidade de muitas interdições e sem grande risco de quebrar ou desmontar as alegorias durante o percurso. O impacto desse projeto já é esperado pelas agremiações: o aumento na disputa pelos títulos e também pela permanência no Grupo Especial, garantindo, assim, o seu espaço para o barracão (OBSERVATÓRIO, 2014a).

A figura 4 mostra a área ocupada pelo projeto Fábricas de Sonhos e a figura 5 representa o esboço de como será a distribuição física dos barracões e dos demais espaços do local. O projeto ainda não está concluído e, até o momento, não há previsão de término das obras.



Figura 4: Área destinada ao projeto Fábricas de Sonhos

Fonte: Fábricas de Sonhos (2014)

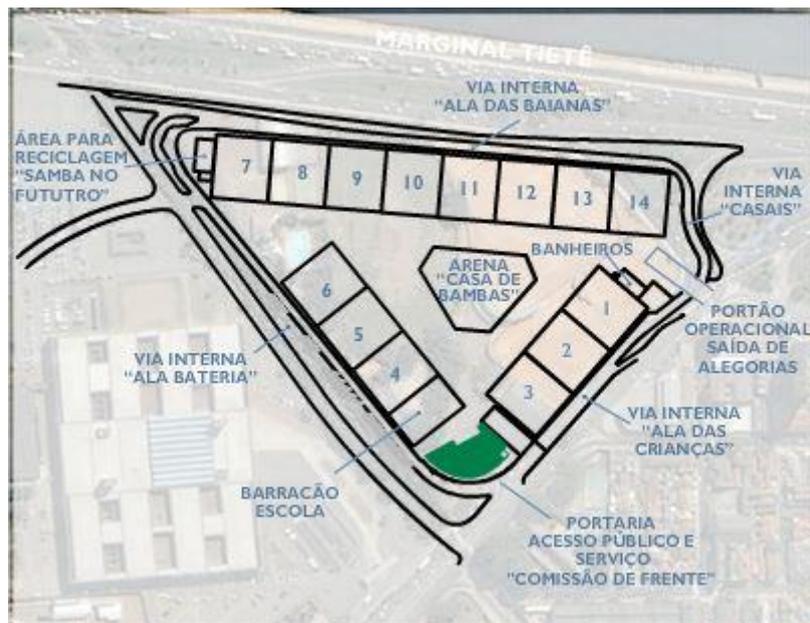


Figura 5: Esboço de como será a distribuição física dos barracões e dos demais espaços do projeto Fábricas de Sonhos

Fonte: Fábricas de Sonhos (2014)

## 1.6 O carnaval como atração turística

Embora a atividade turística exista há séculos, o conceito de turismo surgiu na Inglaterra no século XVIII, e seu estudo como ciência é recente, o que torna fundamental a sua conceituação. A definição de turismo utilizada neste trabalho é da Organização Mundial do Turismo (OMT), que classifica o fenômeno como o deslocamento de pessoas para fora de seu local de residência, durante um período de mais de 24 horas (ou um pernoite) e menos de um ano consecutivo, por objetivos de lazer, negócios ou outros. As motivações são subjetivas e infundáveis. A definição da OMT, embora não permita entender toda a complexidade do fenômeno turístico, auxilia na compreensão do seu significado. O turismo está relacionado às viagens e aos deslocamentos, no entanto, não são todas as viagens que são consideradas turismo. Para que haja turismo, é necessário o descolamento, a permanência no local de destino durante um determinado período e o retorno ao local de origem. Viagens com duração inferior a 24 horas são consideradas excursões (ANSARAH, 2001).

Para o carnaval, o turismo e a hospitalidade são abordagens essenciais e os três estão intimamente ligados, por se tratar de um evento que faz se locomoverem pessoas de dentro e de fora do país, ou seja, é uma atração turística com grande demanda (pode-se chegar à marca de seis milhões de turistas) e depende de toda infraestrutura e serviços básicos e turísticos locais, como meios de hospedagem, transportes e serviços de alimentos e bebidas, além de ser uma grande atividade econômica, que pode gerar aproximadamente 6 bilhões de reais por evento e cerca de 250 mil empregos temporários, diretos e indiretos. A imagem é um ponto importante do *marketing* turístico, são as ideias e impressões que os turistas possuem sobre o destino. Além do próprio evento em si, outros grandes eventos, como a Copa do Mundo, ocorrida em 2014 no Brasil, e as Olimpíadas, que também serão sediadas pelo país em 2016, dão maior visibilidade ao país e contribuem para sua imagem enquanto destino, o que auxilia para um recorde em intenções de viagens (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2014; LOHMANN, PANOSSO NETTO, 2012).

O carnaval pode ser denominado uma atração turística cultural e social, pois mescla a cultura do país, por trazer as manifestações culturais por meio da dança, música e apresentações contidas, além do encontro do turista com os moradores da localidade.

Para a comunidade Camisa Verde e Branco, turistas são quaisquer pessoas que, não sendo sócios, apresentam-se na quadra para os ensaios raramente e/ou apenas nas semanas que antecedem o desfile carnavalesco. Eles não possuem qualquer tipo de vínculo com a agremiação ou com a comunidade e não integram a família. Os turistas são bem-vindos, embora a agremiação não desenvolva nenhuma ação com o intuito de captá-los e fazê-los participar dos ensaios e, na maioria das vezes, eles praticamente não são notados pela comunidade.

Há aqueles turistas que frequentam os ensaios esporadicamente por se identificarem com o samba ou com o carnaval, podendo ou não participar do desfile e há aqueles que compram a fantasia e participam apenas do desfile, sem participar dos ensaios. A participação de turistas estrangeiros acontece em alguns ensaios, geralmente em datas próximas ao carnaval, e percebe-se um cuidado especial com eles. Normalmente, há uma pessoa designada para acompanhá-los, que os recebe e os leva até um camarote exclusivo.

O desfile das escolas de samba de São Paulo é uma festa que atrai adeptos de todos os cantos do país e do mundo e faz parte do calendário oficial de eventos da

cidade, tendo se consagrado como uma atração turística. Segundo dados do *site* Visite São Paulo, a cidade recebe cerca de 120 mil turistas na época do carnaval, sendo o décimo evento paulistano que mais atrai visitantes. Com relação à origem dos turistas, em 2014, os residentes em São Paulo representaram 76,5%, seguidos pelos turistas nacionais (13,1%), região metropolitana de São Paulo (8,5%) e turistas estrangeiros (1,9%) (Visite São Paulo, 2014; OBSERVATÓRIO, 2014b).

O carnaval carioca já atraía turistas nos anos 1920, embora a oficialização do desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro tenha ocorrido somente em 1932, segundo Guimarães (2012, p. 76). A maioria dos turistas eram europeus e norte-americanos, os quais vinham em luxuosos transatlânticos, além dos argentinos. Era oferecido, pela Prefeitura do Rio de Janeiro, a esses turistas, estrangeiros ou não, que vinham ao Brasil para assistir aos festejos carnavalescos, um baile à fantasia no Teatro Municipal da cidade.

Ao mesmo tempo em que aumentava o fluxo de navios de cruzeiro no porto do Rio de Janeiro, crescia o investimento público na propaganda turística do carnaval e também o controle sobre a festa, com uma tentativa de enquadrá-la dentro de um “modelo de urbanidade desejado pelas elites intelectuais e dirigentes” e de tirar do campo de visão dos turistas tudo o que não fosse adequado para a formação de uma boa imagem da cidade (GUIMARÃES, 2012, p. 171).

O turismo e a hospitalidade “não são antagônicos e precisam se complementar”, de acordo com Wada (2003, p. 66). O benefício das duas áreas encontra-se justamente na sobreposição das mesmas, uma vez que o turismo concentra-se em entender o viajante – suas tradições, suas expectativas, seus relacionamentos, seus desejos e suas necessidades – e a hospitalidade se atém ao anfitrião ou morador. Seja para o turismo ou para a hospitalidade, o foco exclusivo no viajante ou no turista é menos benéfico do que no relacionamento de ambos e na sua intersecção.

## **CAPÍTULO 2 – ETNOGRAFIA E A ESCOLA DE SAMBA CAMISA VERDE E BRANCO**

O segundo capítulo aborda a pesquisa etnográfica – como ela foi realizada para a elaboração deste trabalho e como se desenvolveu o trabalho de campo, desde o primeiro contato com a escola de samba até a “quase” integração à comunidade – discorre sobre a história do Camisa Verde e Branco, desde a sua origem como cordão carnavalesco até os dias atuais, relatando o cotidiano da agremiação e seu cronograma para o desfile de carnaval.

### **2.1 A pesquisa etnográfica**

A pesquisa aqui desenvolvida possui abordagem qualitativa, de modalidade etnográfica e bibliográfica. Na pesquisa qualitativa, o problema decorre de um processo indutivo, de um obstáculo observado, de um problema a ser formulado e pressupõe uma imersão do pesquisador no contexto a ser estudado. O pesquisador deve despojar-se de preconceitos, procurar compreender a significação social, manter conduta participante e não se transformar em mero relator passivo. A pesquisa bibliográfica é realizada a partir de um registro disponível, utilizando-se de dados e teorias já trabalhados por outros pesquisadores e é constituída principalmente por livros e artigos científicos. Sua vantagem é propiciar ao pesquisador a cobertura de uma série de fenômenos muito mais ampla do que aquela que ele poderia pesquisar diretamente (GIL, 2011). Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os temas hospitalidade, festa, carnaval e escolas de samba a fim de perceber a função social do carnaval como instrumento de formação de vínculos e identidade grupal e da quadra de ensaios como um lugar de encontro e convivialidade.

A etnografia busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto e a sua cultura. Na pesquisa etnográfica, o pesquisador insere-se no meio a ser pesquisado a fim de compreender os processos cotidianos em suas diversas modalidades, aplicando métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa. Uma vez inserido, o pesquisador irá compartilhar as vivências e registrar os

momentos e situações observados em um caderno de campo (SEVERINO, 2007). O contato com o objeto de pesquisa deve ser direto e possuir uma longa duração para que se possa melhor entendê-lo. O trabalho de campo não existe por si só. Não basta apenas estar junto com os pesquisados, é necessário conviver com eles e se situar dentro do universo da pesquisa.

Foram utilizadas como técnicas de pesquisa a observação não participante e a entrevista semiestruturada. Com o intuito de realizar a pesquisa e entender o funcionamento da escola de samba, foram frequentados os ensaios para o carnaval, houve a participação nas reuniões e foi feita a carteirinha a fim de se tornar sócia da escola de samba. A produção dos dados qualitativos se apoia na descrição de como a agremiação recebe, dos comportamentos da família entre si e com os visitantes, sem, contudo, empreender nenhuma interferência na comunidade, respeitando a privacidade, as diferenças, os hábitos e a alteridade.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de conversas e entrevistas com membros da agremiação, por meio de uma técnica popularmente conhecida como “bola de neve”, em que os entrevistados sugerem outros componentes para serem entrevistados. Os sete depoimentos orais foram coletados de forma individual na quadra da agremiação, gravados em áudio mpeg4 e, posteriormente, transcritos, a fim de serem incorporados à dissertação. O critério de seleção dos entrevistados se deu pelo tempo de participação no Camisa Verde e Branco e pela frequência com que participam dos eventos e ensaios. Foi pedido que os entrevistados preenchessem um termo autorizando o uso do depoimento coletado. Esses termos foram digitalizados, incorporados à dissertação e encontram-se no Apêndice A.

O recrutamento de novos participantes foi interrompido após ter atingido a saturação teórica, ou seja, após ser constatado que a coleta de novos dados por meio de novas entrevistas acrescentaria poucos elementos para a discussão e tampouco levaria a uma compreensão mais detalhada. De acordo com Bauer e Aarts (2002, p. 59), a saturação é um critério de finalização da pesquisa: “investigam-se diferentes representações, apenas até que a inclusão de novos estratos não acrescente mais nada de novo”. Dessa forma, como os discursos começaram a se repetir durante as entrevistas, foram colhidos somente sete depoimentos.

A transcrição pode ser considerada como uma das fases da entrevista. Na primeira fase é elaborado um roteiro de perguntas; a segunda é a entrevista propriamente dita, ou seja, o processo de coleta de dados; a terceira fase, por sua vez, é

o processo de transcrição. Durante a transcrição, as palavras não foram grafadas de acordo com a pronúncia, ou seja, a fala das pessoas foi editada, corrigindo-se os erros gramaticais e as omissões de construção de sentido. As transcrições das entrevistas encontram-se, na íntegra, no Apêndice B.

Foi utilizado o recurso da manutenção de um diário de campo, no qual foram registrados os acontecimentos, as conversas e as impressões nas diversas idas à quadra da escola de samba. Esse recurso se mostrou muito importante para a etnografia desenvolvida.

Como fontes para coleta de dados utilizou-se a fala das pessoas, anotações feitas em campo, fotografias tiradas pela autora, análise do perfil da escola na página da rede social *Facebook*, conversas entre os membros da família, divulgação dos ensaios e eventos nas redes sociais, transcrições de entrevistas e registros da escola de samba. Os dados foram colhidos em um amplo processo de idas e vindas, nas diversas etapas da pesquisa. Foram também realizadas conversas informais com amigos pertencentes a outras escolas de samba, como Mocidade Alegre e Rosas de Ouro, a fim de entender como se dá a participação deles no desfile carnavalesco e também como é seu envolvimento com a comunidade.

Os textos de Magnani (2003) e Geertz (1989) foram importantes para o desenvolvimento da pesquisa e da dissertação, pois ambos, embora não se detenham a analisar o carnaval, trazem os resultados de uma pesquisa etnográfica. No caso de Magnani, é retratado o tempo livre nos bairros periféricos, analisando uma festa popular, por meio da inserção do autor no cotidiano das pessoas; já Geertz analisa a briga de galos em uma aldeia balinesa e descreve o percurso percorrido até ser aceito pela comunidade. A leitura desses livros foi essencial para entender como realizar a etnografia, o quão importante é o distanciamento dos sujeitos da pesquisa e como agir para tentar ser aceita pela comunidade pesquisada.

Os trabalhos de campo foram realizados de maio de 2013 a janeiro de 2015, incluindo: visitas semanais à quadra e sede social da escola de samba Camisa Verde e Branco, conversas e entrevistas com diretores e demais componentes da escola, participação nos ensaios para o desfile de carnaval, participação no desfile carnavalesco e participação em eventos e reuniões da comunidade. A convivência com a comunidade, a participação nos eventos, as anotações, as fotografias e as entrevistas foram importantes para compreender os vínculos estabelecidos entre os membros, a importância da agremiação para a comunidade e o que os motiva a frequentar a quadra

de ensaios. Foram acompanhados: os eventos, reuniões e ensaios na condição de pesquisador e membro da comunidade, já que, a fim de compreender a vivência na quadra, foi necessário associar-se à agremiação.

Como a escolha da agremiação se deu por interesse e não por familiaridade, foi necessário desenvolver uma aproximação com a comunidade. O primeiro contato com o Camisa Verde e Branco foi em meados de maio de 2013, quando foi iniciado o trabalho de campo. O primeiro contato com a agremiação foi por telefone para obter informações sobre quando seria possível conhecer a quadra e foi informado que durante a semana não há nenhuma atividade e que não compensaria ir até lá, pois não se encontraria ninguém e o local estaria fechado. Como foi mencionado que o propósito era uma pesquisa e que as informações seriam para uma dissertação de mestrado, sugeriram contato com o Paulo Rocha, que, na ocasião, integrava a diretoria da escola de samba. Após contato telefônico com o Paulo, foi agendada uma reunião na mesma semana, na quadra da agremiação. Havia, no local, neste dia, um grupo de componentes em uma confraternização, na qual, cada um, dentro de sua possibilidade, havia contribuído levando alimentos e bebidas. Havia também um grupo, da ala dos compositores, com instrumentos musicais, cantando samba.

A reunião com o Paulo, nesse dia, durou aproximadamente duas horas e ele explicou, dentre outras coisas: o funcionamento da escola e do barracão de alegorias, o organograma institucional da agremiação, o processo de produção das fantasias, a dinâmica para o carnaval, o projeto Fábricas de Sonhos, como se dá a recepção de turistas, a importância do bairro para a escola de samba e vice-versa.

Quando tiveram início os ensaios da bateria, em julho de 2013, a pesquisadora foi tratada com resistência pela família – sua presença, muitas vezes, não era notada pelos participantes, que agiam como se ela não estivesse lá – e questionada sobre o encaminhamento do material da pesquisa. Como diria Geertz (1989, p. 278), era como se ela fosse uma não pessoa, um espectro ou uma criatura invisível. Algumas vezes, ela foi abordada e indagada sobre quem era e o que estava fazendo ali. Ao responder que era uma pesquisadora e que estava desenvolvendo uma dissertação de mestrado sobre o Camisa Verde e Branco, as pessoas, geralmente, se mostravam surpresas e algumas questionavam o que seria escrito sobre elas. Foi assim até o início de 2014, quando decidiu-se participar do desfilarm de carnaval e a fantasia foi escolhida e comprada.

Ela foi apresentada ao mestre de bateria, Fernando Moreira, que estava estreando no comando da bateria do Camisa Verde e Branco, conhecida pelo nome de Furiosa,

que a convidou a assistir ao ensaio. Como era apenas a bateria ensaiando, havia poucas pessoas na quadra.

Após a compra da fantasia, a pesquisadora conheceu algumas coordenadoras de ala e, de certa forma, por meio desse contato, conseguiu cruzar uma barreira abstrata (RAFFESTIN, 1997) e, embora não seja considerada da família (algo que talvez nunca será), passou, pelo menos, a ser notada por alguns poucos membros da comunidade.

## 2.2 O Camisa Verde e Branco: da sua formação aos dias atuais

Eu sou Camisa, sim, senhor  
Sou Barra Funda de valor  
Paulistano descendo a ladeira  
Com verde e branco na minha bandeira  
Descendente do Largo da Banana  
Da Casa Verde e da Vila Carolina  
Na derrota ou na conquista  
Eternamente eu serei Camisa  
(Hino: Eu Sou Camisa)

A escola de samba Camisa Verde e Branco tem sua origem relacionada com o surgimento dos primeiros cordões carnavalescos na cidade de São Paulo. O outrora denominado Grupo Carnavalesco da Barra Funda surgiu nas imediações do Largo da Banana, próximo à linha férrea Sorocabana, região onde atualmente se localiza o Memorial da América Latina, e saiu pela primeira vez em 12 de março de 1914 da casa de Dionísio Barbosa, que se localizava no entroncamento das ruas Vitorino Carmilo e Souza Lima, na Barra Funda (SIMSON, 2007).

O cordão era composto por oito homens, seis do bairro de origem e mais dois brancos que vieram do Canindé (um compadre do fundador do bloco havia sido convidado e, na impossibilidade de participar, enviou dois descendentes de italianos, que moravam em sua casa, para substituí-lo), que ensaiavam e desfilavam pelas ruas do bairro sob o comando de Dionísio Barbosa. Os componentes trajavam roupas simples e, por vezes, remendadas, e desfilavam pelas ruas do bairro cantando músicas de autoria própria, acompanhadas com violões, pandeiros e chocalhos de tampinhas de cerveja. A rua Barra Funda era a principal via do comércio local e o trajeto principal do cordão. Nos anos de 1918 e 1919, o cordão já contava com aproximadamente cinquenta componentes, que desfilavam de calça branca (pois todos possuíam uma), camisa verde

(fornecida pela direção do bloco) e chapéu de palha. Essa indumentária deu origem ao apelido dado ao folguedo pelo público: Camisa Verde. Mais tarde, por imposição policial, tiveram que acrescentar o branco, para diferenciarem-se do movimento integralista (CAMISA, 2014; OBSERVATÓRIO, 2014a; SIMSON, 2007).

Dionísio Barbosa (figura 6) era filho de um marceneiro e de uma doceira e professora leiga, que ensinava gratuitamente as crianças dos sítios, e nasceu na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, em 1891. O pai gostava de samba, tocava instrumentos e cantava, e foi nesse ambiente que Dionísio foi criado. Ele tinha o apelido de Nhonhô da Chácara em virtude de seu perfil animador, que comandava romarias, piqueniques e outras atividades de lazer para a população negra (BRITTO, 1986).

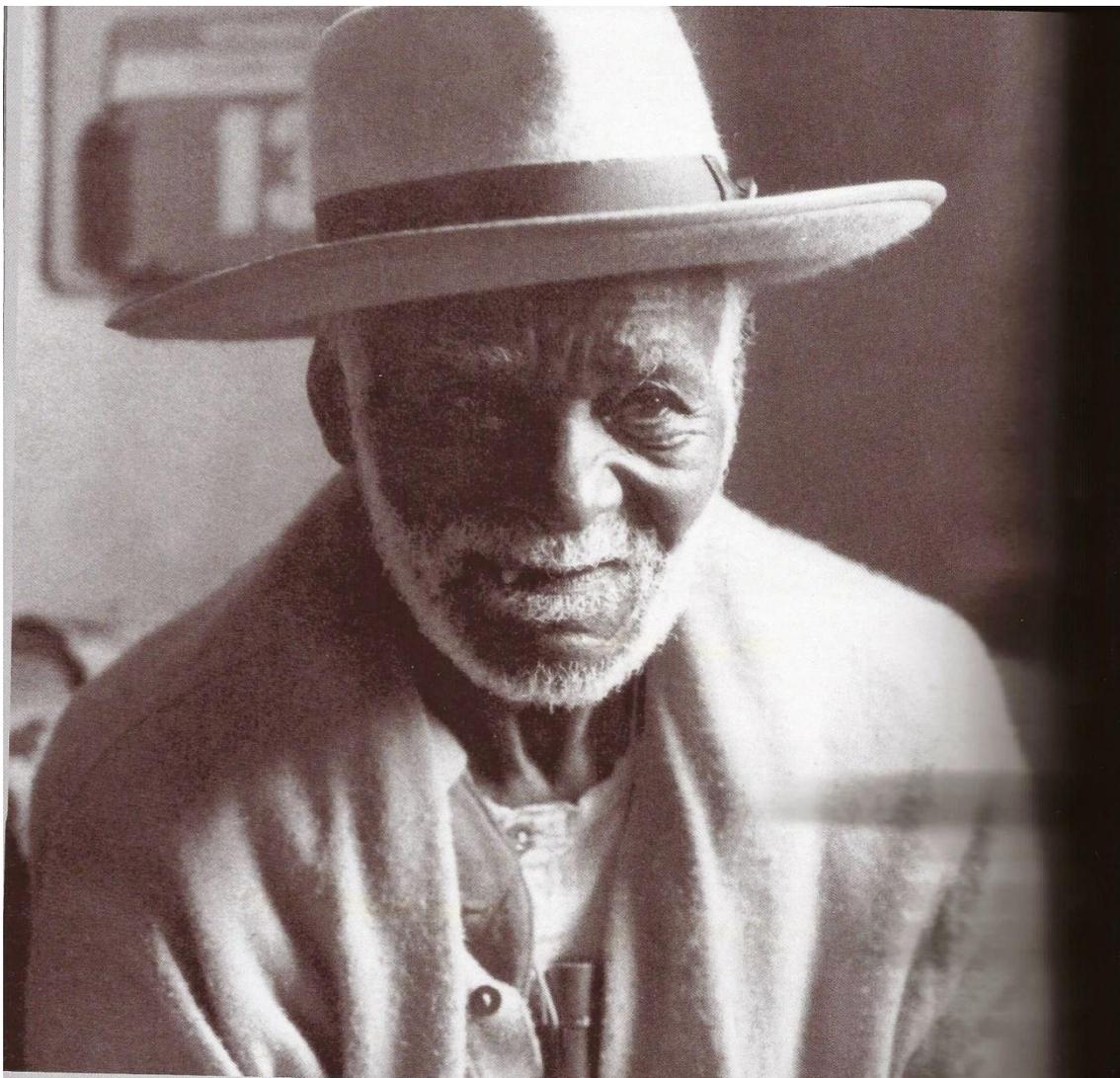


Figura 6: Dionísio Barbosa, fundador do Grupo Carnavalesco da Barra Funda  
Fonte: Fotografia Paulo Pereira Barbosa (SIMSON, 2007).

O Barra Funda ia para a rua com instrumentos de sopro e corda e pouca percussão. Seu samba era “puxado para o ritmo das famosas marchas de letras curtas e melodias simples, bem ao estilo dos cordões que de fato eram aqueles agrupamentos” (OBSERVATÓRIO, 2014a, p. 4). Ele era, juntamente com o Vai-Vai, o Campos Elíseos, o Paulistano da Glória e o Som de Cristal, um dos cordões mais famosos da tradição carnavalesca da cidade.

O cordão teve grande influência dos ranchos – manifestações carnavalescas populares que surgiram na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, cujos componentes desfilavam fantasiados ao som da marcha-rancho – e dos folguedos negros do interior do estado de São Paulo, como o samba rural ou samba de bumbo, que foram trazidos por negros que vieram de cidades como Araraquara, Sorocaba, Campinas, Tietê, Piracicaba, Capivari, dentre outras (BELO, 2008; SIMSON, 2007).

O Grupo Carnavalesco da Barra Funda parou de desfilar em 1936 em virtude das perseguições sofridas durante a Era Vargas por ser confundido, devido à cor da roupa, com simpatizantes do Partido Integralista de Plínio Salgado. Em 1953, Inocêncio Tobias, o Mulata (apelido dado por amigos, após Inocêncio sair vestido de mulher), retratado na figura 7, criou um movimento, reorganizou o antigo grupo carnavalesco e fundou, no dia 4 de setembro deste ano, o “Cordão Mocidade Camisa Verde e Branco”. Na categoria de cordão, tornou-se campeão em seu primeiro desfile, no ano de 1954, com o enredo sobre o IV Centenário da cidade de São Paulo. A agremiação foi campeã também em 1968, com o enredo “Treze de maio” e em 1969 com “Biografia do samba”. Durante a época da ditadura militar, a agremiação produziu um enredo sobre João Cândido, militar brasileiro que foi líder da Revolta da Chibata, o qual foi censurado pelos militares.

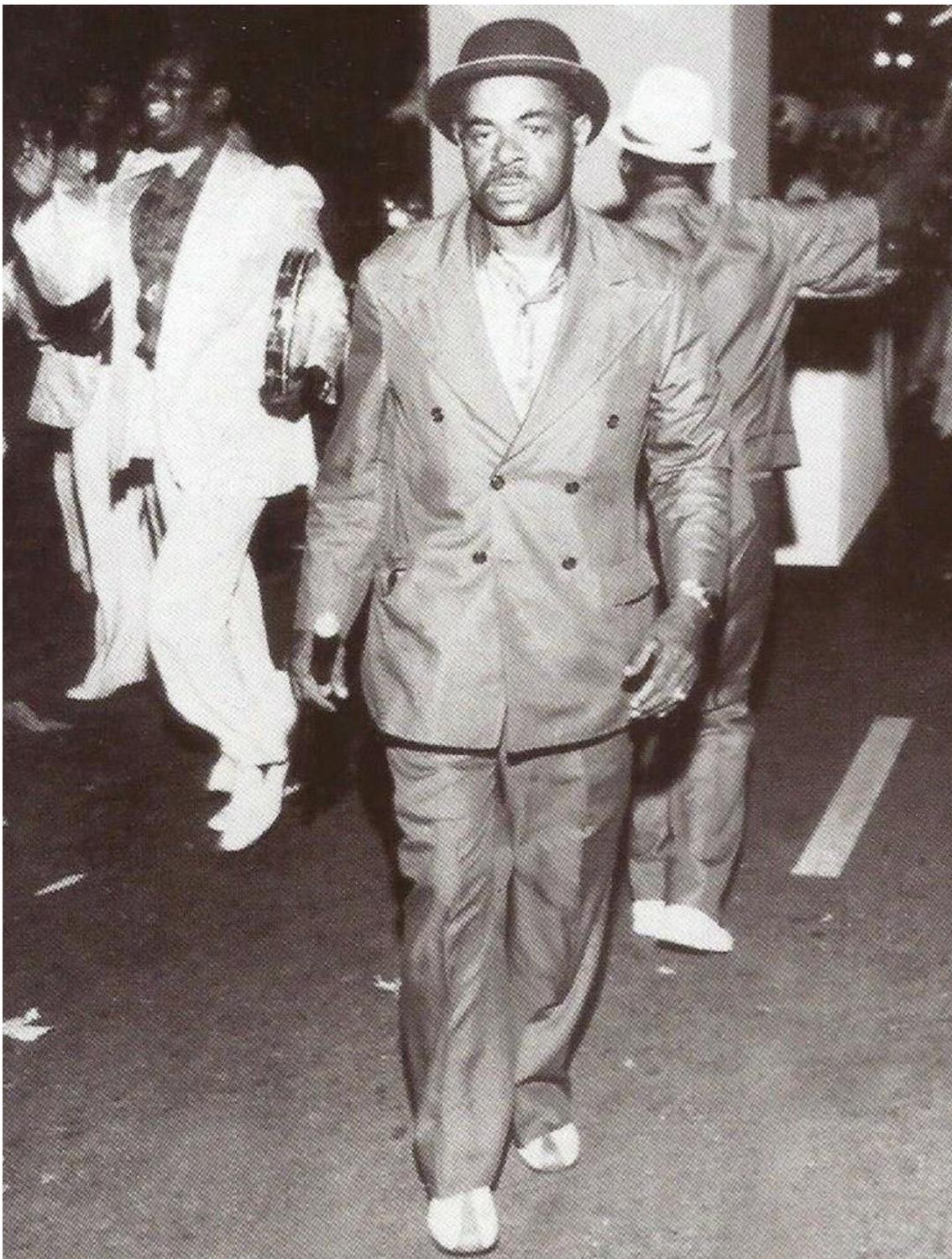


Figura 7: Inocêncio Mulata, dirigente do Camisa Verde e Branco em sua segunda fase, em um desfile de carnaval de sua agremiação na Avenida São João, na década de 1960. Fonte: Simson (2007).

O grupo era constituído por homens uniformizados que desfilavam ao som de marchas pelas ruas da Barra Funda, cantando e tocando instrumentos de percussão e harmonia (CAMISA, 2014). De acordo com Bueno (2012, p. 6), o Grupo da Barra

Funda foi “a primeira manifestação surgida como criação específica do carnaval popular de São Paulo, absorvendo influências dos ranchos cariocas” e também do “samba rural do interior de São Paulo”.

No ano de 1972, o Camisa Verde e Branco passou para a categoria de escola de samba, inaugurou sua quadra de ensaios na Barra Funda e ingressou no primeiro grupo do carnaval paulistano. Na época, o grupo era considerado um quilombo urbano devido aos costumes e às características dos seus integrantes. Em 1977, conquistou o título de tetracampeão. No ano de 1980, Inocêncio Tobias veio a falecer e seu filho, Carlos Alberto Tobias, assumiu a presidência da agremiação, apoiado por sua mãe, Dona Sinhá, Cacilda Costa (portadora do título de Dama do Samba Paulistano) e por sua esposa Magali dos Santos. Em janeiro de 1990, após o falecimento de Carlos Alberto, sua filha Simone Cristina Tobias assumiu o comando da escola temporariamente até o término do carnaval, quando Magali dos Santos assumiu a presidência (CAMISA, 2014).

Em 1996, o Camisa Verde ficou no penúltimo lugar do Grupo Especial e foi rebaixado para o Grupo de Acesso. Em 2003, a agremiação conseguiu apresentar, no carnaval, o enredo que havia sido censurado pela ditadura militar e conquistou o 6º lugar do Grupo Especial. Em 2004, homenageou a Barra Funda e seus 50 anos, com um enredo que dizia "Vem festejar, vem brindar, amor / 50 anos de glórias, eu sou! / Vem batuqueiro e mete a mão no couro / Que a Barra Funda é jubileu de Ouro". Em 2006, em virtude de problemas enfrentados com o carnavalesco, que abandonou o trabalho menos de um mês antes do desfile, a escola ficou na 13ª posição e foi rebaixada. Em 2007, foi vice-campeã do Grupo de Acesso e voltou ao Grupo Especial, sendo, no entanto, rebaixada novamente no ano seguinte (CAMISA, 2014).

No carnaval de 2013, a escola ficou em quarto lugar do Grupo de Acesso. Em agosto de 2013, aconteceram as eliminatórias para o carnaval de 2014 e em outubro, a final, com o lançamento das comemorações do centenário de origem da agremiação. Em 2014, foram comemorados os cem anos de história com o enredo “O quilombo está em festa! Do Grupo Barra Funda ao Camisa Verde e Branco, vamos celebrar cem anos de história”, que contextualiza a história da agremiação desde o primordial Grupo Barra Funda, passando pelo cordão e pela sua fundação como escola de samba, até sua atual importância para o carnaval. No desfile de 2014, a escola permaneceu no Grupo de Acesso, conquistando o terceiro lugar (CAMISA, 2014).

O quadro abaixo mostra os títulos que o Camisa ganhou nos carnavais e o nome dos respectivos enredos.

<b>Ano</b>	<b>Colocação</b>	<b>Grupo</b>	<b>Enredo</b>
1954	-	Cordões	IV Centenário
1968	Campeã	Cordões	Há um nome gravado na história - 13 de maio
1969	Campeã	Cordões	O samba através dos tempos - Biografia do samba
1970	Vice-campeã	Cordões	Festa das flores
1971	Campeã	Cordões	Sonho colorido de um pintor
1972	3º lugar	Especial	Literatura de cordel
1973	Vice-campeã	Especial	As quatro estações do ano
1974	Campeã	Especial	Uma certa nega fulô
1975	Campeã	Especial	Tropicália
1976	Campeã	Especial	Atlântida e suas chanchadas
1977	Campeã	Especial	Narainã, a alvorada dos pássaros
1978	Vice-campeã	Especial	Semana de Arte Moderna e os contemporâneos do futuro
1979	Campeã	Especial	Almôndegas de ouro
1980	Vice-campeã	Especial	Acima de tudo mulher
1981	3º lugar	Especial	Amor, sublime amor
1982	3º lugar	Especial	Negros maravilhosos "Mútuo Mundo Kitoko"
1983	5º lugar	Especial	Verde que te quero verde
1984	Vice-campeã	Especial	Os três encantos do rei
1985	4º lugar	Especial	Ginga Brasil Moreno ou Menino cor de canela
1986	Vice-campeã	Especial	Fantasia: Sonho sem fim
1987	Vice-campeã (Empatado com Rosas de Ouro)	Especial	Barra Funda Estação Primeira
1988	Vice-campeã (Empatado com Mocidade Alegre)	Especial	Boa noite, São Paulo (Convite para amar)
1989	Campeã	Especial	Quem gasta tudo num dia, no outro assovia
1990	Campeã (Empatado com Rosas de Ouro)	Especial	Dos barões do café a Sarney, onde foi que eu errei
1991	Campeã (Empatado com Rosas de Ouro)	Especial	Combustível da ilusão
1992	Vice-campeã	Especial	Banho de luz que me seduz
1993	Campeã (Empatado com Vai-Vai)	Especial	Talismã
1994	3º lugar	Especial	Eternamente jovem
1995	3º lugar	Especial	Do palco ao asfalto - O resumo da ópera
1996	9º lugar	Especial	Loucos da corte: muito além da inspiração
1997	Campeã	Acesso	Alô Mauês, taí o nosso carnaval!
1998	3º lugar	Especial	Fotografia aos olhos do mundo nas lentes da verde e branco

1999	8º lugar	Especial	Escancarando corações Verde e Branco: Elymar mais popular
2000	4º lugar	Especial	<i>Mare Liberum</i> nas terras de Ibirapitanga
2001	4º lugar	Especial	Sertanista e indianista sim, mas por que não? Orlando Villas Bôas
2002	Vice-campeã	Especial	Quatro: Vamos pensar... Isso vai dar o que falar!
2003	6º lugar	Especial	A Revolta da Chibata. Sonho, coragem e bravura. Minha história: João Cândido, um sonho de liberdade
2004	10º lugar	Especial	No reinado da folia, o povo quer ver: Minha história, cinquenta anos de glórias, brindando a São Paulo da garoa com você
2005	11º lugar	Especial	Disque Camisa, linha direta com o samba
2006	12º lugar	Especial	Das vinhas aos vinhos - Do profano ao sagrado, uma viagem ao mundo do prazer com o néctar dos deuses
2007	Vice-campeã	Acesso	Das sete curvas de um rio nasce a Rua da Cultura, religião, comércio e festas populares: 25 de Março, Isso é Brasil!
2008	14º lugar	Especial	Da Pré-História ao DNA: A história do cabelo eu vou contar!
2009	4º lugar	Acesso	Guerreiros! Camisa Verde faz a festa e prega a paz universal
2010	4º lugar	Acesso	Tô no jogo, me respeite!
2011	Vice-campeã	Acesso	Paulista viva, vista a Camisa. A mais paulista das avenidas
2012	14º lugar	Especial	É o amor...
2013	4º lugar	Acesso	Era uma vez, outra vez!
2014	3º lugar	Acesso	O quilombo está em festa! Do Grupo Barra Funda ao Camisa Verde e Branco, vamos celebrar cem anos de história.
2015	3º lugar	Acesso	Eu acredito em previsões, e você?

Quadro 2: Carnavais do Camisa Verde e Branco

Fonte: Elaboração própria baseada nas informações contidas no *site* e no aplicativo da agremiação.

As figuras 9 e 10, denominadas de Carna Cardiograma, ilustram, ano a ano, a *performance* do Camisa Verde e Branco, desde a inauguração do Sambódromo. O objetivo do Carna Cardiograma é demonstrar o quanto o desempenho de uma escola de samba pode variar a cada ano, ou seja, a regularidade nas primeiras colocações do Grupo Especial não garante um bom resultado no ano seguinte e, também, um rebaixamento em um ano não significa que a agremiação permanecerá no Acesso nos

próximos carnavais. O eixo vertical indica a posição do Camisa Verde e Branco durante os anos de 1991 a 2014, os quais estão indicados no eixo horizontal.

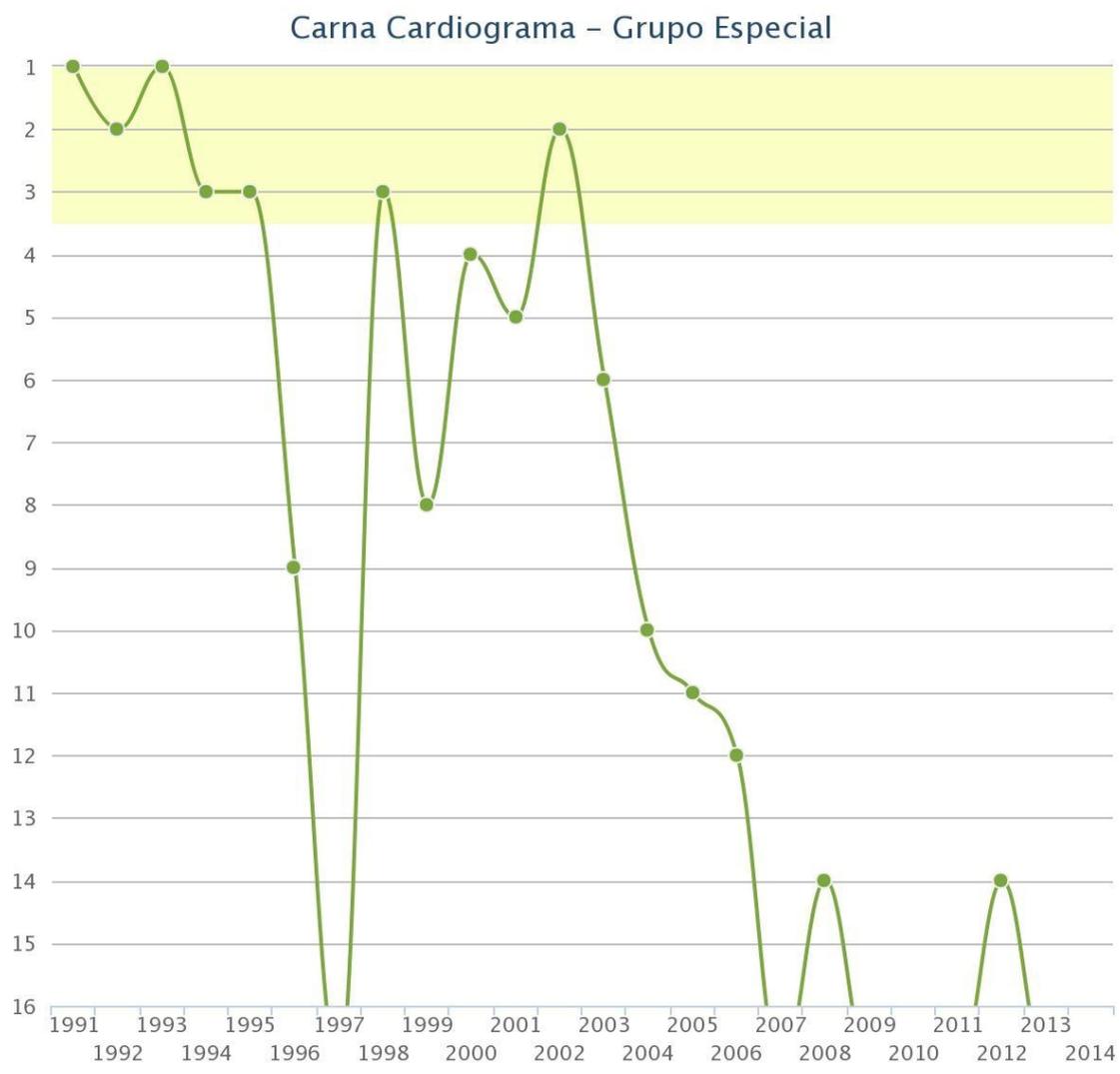


Figura 8: Carna Cardiograma Camisa Verde e Branco no Grupo Especial  
Fonte: Carnaval 2014 São Paulo (2014)

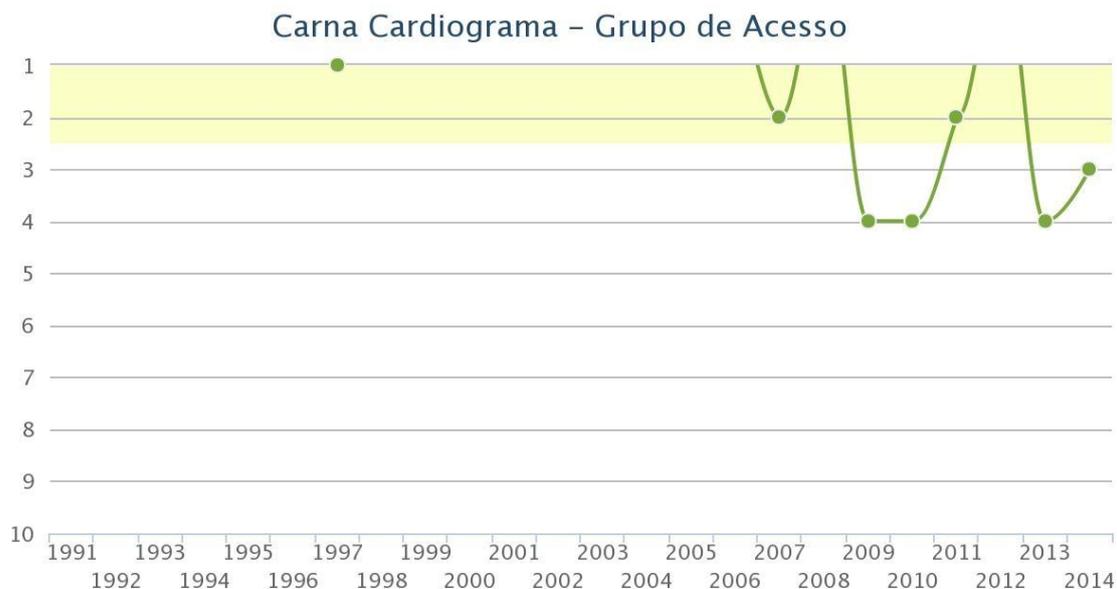


Figura 9: Carna Cardiograma Camisa Verde e Branco no Grupo de Acesso  
 Fonte: Carnaval 2014 São Paulo (2014)

A sede social e quadra de ensaios do Camisa Verde e Branco (figura 8) situa-se na rua James Holland, 663, no bairro da Barra Funda, e foi inaugurada no ano de 1973. O local é de fácil acesso, pois é próximo da estação de trem e metrô Palmeiras-Barra Funda e da Avenida Marquês de São Vicente, sendo bem servido de linhas de ônibus, interligadas ao metrô. O barracão de alegorias localiza-se na rua Sólon, no bairro do Bom Retiro, embaixo do viaduto Orlando Murgel e a agremiação conta com aproximadamente 3 mil membros, segundo relato do ex-presidente.

As cores oficiais são o verde e o branco, o orixá é Ogum e o símbolo é um trevo de quatro folhas na cor verde, que é utilizado para identificar a agremiação nas redes sociais, nas roupas e nos instrumentos. O pavilhão é composto pelo trevo na cor verde com o nome da escola, sua data de fundação e nove estrelas na cor dourada que representam os campeonatos conquistados pelo Camisa nos desfiles oficiais das escolas de samba. A estrela abaixo do trevo representa a condecoração à Ordem do Mérito da Cultura, promovida pelo Ministério da Cultura. O Camisa e o Vai-Vai são as únicas escolas de samba paulistanas condecoradas (CAMISA, 2014).



Figura 10: Quadra do Camisa Verde e Branco

Fonte: A autora (2013)

Há três tipos de ensaios para o desfile de carnaval no Camisa Verde e Branco: de bateria, geral e técnico. Os ensaios da bateria acontecem na quadra, às quartas-feiras e aos domingos, tendo início entre os meses de junho e julho e a entrada é gratuita. Em meados de setembro iniciam-se os ensaios gerais, os quais contam com a participação de praticamente todas as alas que compõem o desfile carnavalesco e também acontecem na quadra. Esses ensaios são gratuitos apenas para os membros que possuem a carteirinha da agremiação; para os demais, há um custo de cinco reais até o mês de dezembro. No mês de janeiro do ano seguinte, a entrada passa a custar dez reais. Nos meses que antecedem o desfile carnavalesco são realizados no Sambódromo do Anhembi os chamados ensaios técnicos das agremiações pertencentes à primeira e à segunda divisão. Cada escola tem direito a três datas para ensaios técnicos e algumas datas para os ensaios específicos, como o dos casais de mestre-sala e porta-bandeira, bateria ou comissão de frente. Nos ensaios técnicos, as agremiações têm a possibilidade de fazer um desfile próximo ao que acontecerá no carnaval e, dessa forma, minimizar, ou até erradicar, os possíveis problemas que possam comprometer o desfile oficial. É,

também, uma forma de entretenimento para os membros das comunidades e para foliões em geral, que podem assistir aos ensaios gratuitamente.

Enquanto os adultos ensaiam na quadra, as crianças correm e se divertem com brincadeiras de bola. Algumas até arriscam alguns passos do samba e tentam participar do ensaio. Conforme o tempo vai passando e o carnaval se aproximando, os ensaios se intensificam e passam a ter um caráter menos descontraído e a quantidade de frequentadores da quadra – alguns assíduos e outros nem tanto – aumenta. Esses ensaios se caracterizam como momentos de convívio e sociabilidade para a comunidade, que espera chegar o final de semana para poder se encontrar. Após o término do ensaio, alguns membros da agremiação, aqueles pertencentes à família, permanecem, às vezes, no local, conversando, em uma confraternização.

A figura 11 mostra um ensaio geral realizado na quadra da agremiação no mês de janeiro de 2015, poucas semanas antes do carnaval. A quadra estava lotada, com a participação da família e de algumas pessoas de fora da comunidade.



Figura 11: Ensaio geral na quadra do Camisa Verde e Branco – Janeiro 2015  
Fonte: Coletivo Arnesto (2015)

Além do *site*, a escola possui perfis nas redes sociais *Twitter* (@CamisaVerde) e *Facebook* (Camisa Verde e Branco - Oficial), onde divulga alguns eventos e ensaios.

Todavia, esses canais de divulgação, até a diretoria passada, não reuniam as informações necessárias para a efetiva mobilização dos turistas, e eram compreendidos apenas pela comunidade. Ainda hoje, muitos eventos, como são realizados de maneira informal e somente para os membros, não são divulgados no *site* nem nas redes sociais e, muitas vezes, nem mesmo a secretária está ciente dos eventos. Os eventos abertos ao público são divulgados nas redes sociais *Facebook* (seja no perfil oficial da escola de samba ou nos perfis dos membros) e *Twitter*, no *site* da agremiação, por meio de *banners* dispostos na quadra e panfletos entregues durante os ensaios. Os eventos restritos à comunidade são divulgados por meio de ligações telefônicas e mensagens de texto no celular, facilitando a restrição das informações aos membros.

As figuras 12 e 13 ilustram como se dá a divulgação dos acontecimentos na rede social *Facebook*, como, por exemplo, a festa de posse da diretoria e de lançamento do enredo 2015 e o anúncio da escolha do novo intérprete. As figuras 14 e 15 mostram o planfeto, distribuído na quadra, que divulga a feijoada da Velha Guarda que aconteceu em agosto de 2014 na quadra da agremiação.

Figura 12: Divulgação da festa de posse da nova diretoria no *Facebook* – julho 2014  
Fonte: Camisa Verde e Branco - Oficial (2014)



Figura 13: Divulgação do novo intérprete da agremiação no *Facebook* – julho 2014

Fonte: Camisa Verde e Branco - Oficial (2014)



Figura 14: Panfleto distribuído na quadra que divulga a realização da 5ª Feijoada da Velha Guarda – parte I

Fonte: Camisa Verde e Branco (2014)

A.C.S. E.S.M.  
**CAMISA VERDE E BRANCO**  
FUNDADA EM 04.09.1953

Eu Acredito em Previsões!  
Enredo do Carnaval 2015 E Você?

INFORMAÇÕES:  
**3392-7031**

**PREÇO ÚNICO: R\$ 25,00**

**CAMISA VERDE BRANCO**

**RUA JAMES HOLLAND, 663 - BARRA FUNDA**  
email: [velhaguarda@camisaverdebranco.com](mailto:velhaguarda@camisaverdebranco.com) / [www.camisaverdebranco.com](http://www.camisaverdebranco.com)

Figura 15: Panfleto distribuído na quadra que divulga a realização da 5ª Feijoada da Velha Guarda – parte II

Fonte: Camisa Verde e Branco (2014)

Os anúncios e as divulgações de eventos nas redes sociais dialogam com a comunidade, convidando a família e os amigos a irem à quadra, e sempre se iniciam com saudações como “Alô, Comunidade!”, “Alô, Compositores!” e “Alô, Camisa” e algumas vezes terminam com “Salve” ou “Axé”. As três saudações são comumente utilizadas durante os ensaios na quadra, os quais se iniciam com a saudação “Alô, Camisa!”, ao que a comunidade responde “Salve!”. Nas redes sociais, os membros da agremiação são, algumas vezes, referidos como quem é “do trevo”, “verde e branco” ou da “Barra Funda” (em alusão ao bairro).

Em agosto de 2014, a agremiação divulgou em sua página no *Facebook* o lançamento do seu primeiro aplicativo para celular, compatível com o sistema iOS (para iPhone) e Android. O aplicativo contém algumas informações do *site* e também do *Facebook*, tais como: endereço e contato da agremiação, ficha técnica contendo os responsáveis por cada setor da diretoria, informações sobre o samba-enredo, dia e horário dos ensaios, agenda de eventos atualizada para os próximos cinco meses (contendo, algumas vezes, até os dias em que haverá algum evento fechado na quadra com o nome ou apelido da pessoa que talvez seja responsável pelo evento), hinos da agremiação, sambas-enredo de outros carnavais, fotos dos eventos, informações sobre

as fantasias para o carnaval de 2015, interligação com a página do *Facebook* (com acesso às postagens na rede social), dentre outras. O *layout* do aplicativo está representado a seguir na figura 16.

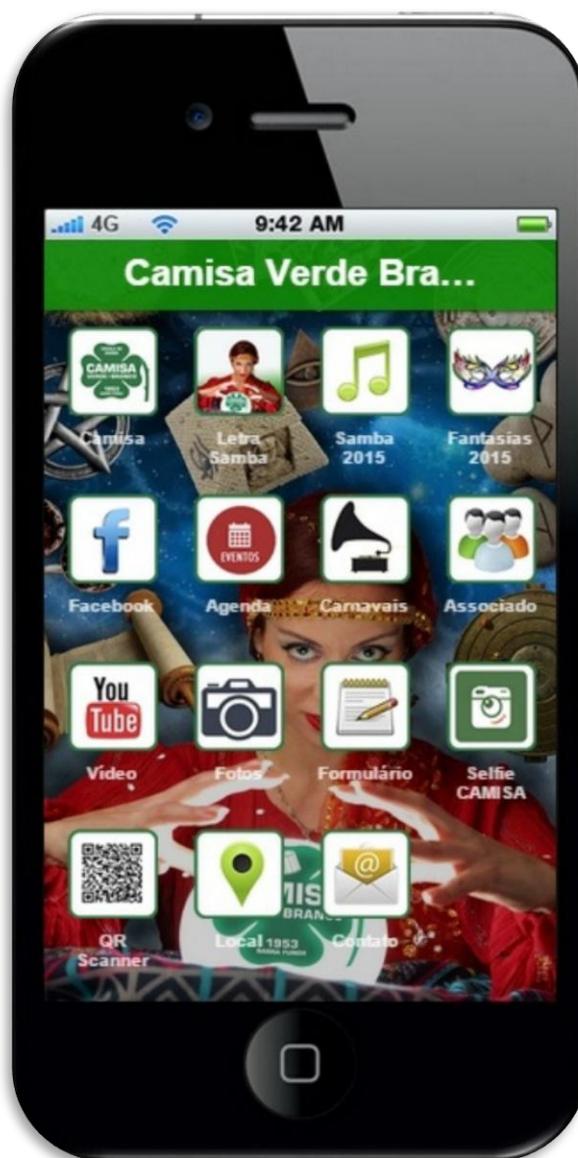


Figura 16: *Layout* do aplicativo do Camisa Verde e Branco  
Fonte: Camisa Verde e Branco (2014)

No ícone “Camisa” constam informações sobre a agremiação, como nome oficial, cores, endereço, ficha técnica, número de títulos carnavalescos ganhos, o tema do próximo carnaval e uma opção na aba superior para compartilhar o aplicativo nas redes sociais, por mensagem de texto ou *e-mail*. No ícone “Carnavais” estão disponíveis diversos hinos da escola e também os sambas-enredo dos carnavais de 1989 a 2014. No aplicativo, há uma opção que permite ao usuário ter acesso às imagens dos pilotos das

fantasias para o carnaval de 2015 e aos contatos dos coordenadores responsáveis por cada ala, e outra em que é possível preencher o formulário para solicitar a carteirinha de 2015. Ao entrar no “*Selfie CAMISA*”, as pessoas podem postar uma foto que tiraram em algum ensaio ou evento do Camisa e compartilhá-la com outros usuários.

O Camisa Verde e Branco é um espaço de inclusão social, cujo intuito é preservar a cultura negra, antes renegada e marginalizada. O carnaval, produto final da agremiação, é apenas uma das atividades ali desenvolvidas. São desenvolvidos dois projetos sociais, tributários da atividade principal: o Cisne do Amanhã e a Escolinha de Bateria. O projeto chamado Cisne do Amanhã tem como objetivo formar e aprimorar os casais de mestre-sala e porta-bandeira de agremiações do estado de São Paulo. Agremiações como X-9 Paulistana, Vai Vai, Nenê de Vila Matilde, Leandro de Itaquera e Rosas de Ouro têm representantes no curso. O projeto, iniciado em 2010, tem início no mês de julho e possui duração de nove meses. Os professores são Gabriel de Souza Martins, o Mestre Gabi, e sua esposa Vivi, casal que representou o pavilhão do Camisa Verde e Branco durante nove anos e que possui o título de melhor casal de mestre-sala e porta-bandeira do século – concedido em uma eleição promovida pelo jornal *Folha de São Paulo*. A Escolinha de Bateria, cujo intuito é formar novos ritmistas, tem início no mês de junho. Para participar das aulas, que acontecem aos domingos à tarde, não é necessário ter noção de instrumentos e a idade mínima é de 9 anos, para ambos os sexos (Portal IG, 2011; CAMISA, 2014).

### 2.3 O desfile do Camisa Verde e Branco

É verde e branco o meu amor  
 Meu pavilhão, minha paixão  
 Eu sou Camisa onde for  
 O trevo é meu coração  
 (“É o amor”, samba-enredo Camisa Verde e Branco, 2012)

No carnaval de 2014, a confecção das fantasias para o desfile carnavalesco sofreu um atraso e a maioria das fantasias foi entregue no domingo de carnaval, dia do desfile, pela manhã. Algumas alas realizaram a entrega na quadra do Camisa Verde e Branco e outras, na casa das coordenadoras de ala. Na ala que foi acompanhada pela pesquisadora, a Mulheres Guerreiras, as fantasias foram entregues na casa da família da

coordenadora Sumaia, localizada no bairro do Limão. As moradias visitadas nessa ocasião eram da coordenadora Sumaia, de sua irmã Elilian (também coordenadora de ala) e de sua mãe. As casas eram aglutinadas e a coordenadora da ala estava, juntamente com o restante da família, inclusive as crianças, terminando de colar alguns adereços nas fantasias, que foram entregues à agremiação sem estarem finalizadas. Ela o fazia sem pagamento, para a escola, por amor ao pavilhão.

No dia do desfile carnavalesco, a maioria das pessoas que vão desfilar se concentram na quadra da agremiação no final da tarde e de lá vão ao Sambódromo em ônibus disponibilizados pela Prefeitura. Esses ônibus são os que realizam o transporte coletivo todos os dias na cidade de São Paulo e que, no dia do desfile, se dirigem à quadra da escola – ou outro local em que estejam concentrados os componentes de determinada ala –, de lá levam os componentes até o Anhembi e após a apresentação, voltam ao local de origem. Cada ônibus transporta uma ala específica e, normalmente, há integrantes de uma ou, no máximo, duas alas em cada um. Em tese, eles deveriam seguir ao Anhembi na sequência em que as alas serão montadas na avenida, no entanto, isso nem sempre acontece. Durante o trajeto, as pessoas ficam animadas, afinal, está chegando o momento tão esperado, que é a apresentação oficial na passarela do samba, resultado de quase um ano de trabalho.

Chegando ao Anhembi, os ônibus estacionam em uma área afastada do Sambódromo, onde os coordenadores de ala dão início à montagem das alas na sequência correta. Após a montagem, os diretores de harmonia, junto com os coordenadores de ala dirigem os componentes até a área de concentração das escolas e, durante o trajeto, vão se juntando ao cortejo alguns componentes de destaque, as passistas ou até mesmo aqueles que chegaram atrasados. É nesse local que são feitos os últimos ajustes, onde são inseridos os carros alegóricos, já em suas devidas posições, e onde os integrantes que desfilarão em cima dos carros alegóricos sobem com a ajuda de guindastes.

A figura 17 ilustra uma das alas que compõe o desfile carnavalesco na chegada ao Anhembi, já se posicionando na ordem correta.



Figura 17: Ala das crianças chegando ao Anhembi no dia do desfile – março 2014

Fonte: A autora (2014)

Um pouco antes de terminar o desfile anterior, o locutor libera o chamado “esquenta”, momento em que todos os componentes, preparados para entrarem no Sambódromo, cantam o hino oficial da escola de samba, que é seguido do samba exaltação<sup>7</sup> e do atual samba-enredo. Algumas vezes, sambas antigos e mais conhecidos também são cantados e, então, a bateria começa a tocar. O desfile propriamente dito tem início quando o locutor anuncia o nome da escola, os portões que dão acesso à passarela se abrem e o cronômetro começa a correr. Os gritos de guerra são expressões típicas de cada puxador para anunciar o início do desfile e convocar cada um dos integrantes da agremiação a cantarem com determinação. No caso do Camisa, o grito de guerra inicia-

<sup>7</sup> Samba exaltação é um gênero de samba que surgiu em 1939, com um estilo menos rústico e mais sofisticado. Ele exalta as qualidades e a grandiosidade do país por meio de letras ufanistas e com grande arranjo orquestral. A inauguração desse gênero foi com a composição “Aquarela do Brasil”, do mineiro Ary Barroso (FURTADO FILHO, 2009).

Atualmente, é cantado antes do samba-enredo e da entrada da escola na avenida, no desfile de carnaval, glorificando a agremiação e sua tradição.

se com o puxador ou o presidente gritando “Alô, Camisa” e os componentes respondendo, em seguida, “Salve!”.

Todos os integrantes devem seguir cantando e dançando até o término do desfile, mesmo após já terem cruzado a passarela. Os cantores, os componentes da bateria, as rainhas de bateria, as princesas, madrinhas e algumas componentes de honra, permanecem na passarela durante quase todo o tempo do desfile, uma vez que em um dado momento, entram no recuo – espaço, na passarela, reservado para a bateria – e saem somente após a passagem de quase todos os componentes. Essa manobra, controlada pelo diretor de bateria, é necessária para garantir que o samba seja tocado durante todo o desfile. Após o término de um desfile, o narrador anuncia a escola seguinte com seu respectivo enredo e, já na dispersão, a agremiação que terminou de passar pela avenida espera o último componente atravessar o portão de chegada para, então, buscar os ônibus que a levaram ao Anhembi e que a esperam ao final da dispersão, na saída próxima à marginal Tietê.

O Camisa Verde e Branco, por ser do Grupo de Acesso, teve entre cinquenta e sessenta minutos para realizar o desfile e, para que o tempo estipulado fosse cumprido, os diretores de harmonia, junto com os coordenadores de cada ala, acompanhavam a evolução da agremiação pelas laterais, cuidando para evitar que os componentes se desalinhassem e que algum problema comprometesse a nota e incentivando todos a cantarem o samba-enredo.

No carnaval de 2014, a concentração na quadra teve início às 18h, os ônibus começaram a sair em direção ao Anhembi por volta das 21h30 min e o desfile do Camisa Verde e Branco teve início à meia-noite. Após o desfile, algumas pessoas permaneceram no Sambódromo para assistir aos outros desfiles e outras foram embora com amigos ou familiares. A maior parte da comunidade, porém, voltou para a quadra da agremiação com os ônibus da Prefeitura.

## **CAPÍTULO 3 – HOSPITALIDADE E SOCIABILIDADE**

Este terceiro – e último – capítulo apresenta os resultados dos dois anos de pesquisa na quadra da escola de samba Camisa Verde e Branco e comporta o relato da sociabilidade e do ritual da hospitalidade nesse local, que representa, para sua comunidade, uma segunda casa e um lugar de encontro e de convivência. Constam, também, transcrições de alguns trechos das sete entrevistas realizadas com membros da agremiação, nas quais eles falam de seu amor ao pavilhão e sobre o significado da escola em suas vidas.

### **3.1 A hospitalidade e a sociabilidade na escola de samba Camisa Verde e Branco**

A quadra da escola de samba Camisa Verde e Branco é uma referência importante para os membros da agremiação e também para os moradores não apenas da Barra Funda, como também dos bairros vizinhos. Ela se configura como um lugar de encontro e sociabilidade; praticamente uma extensão da casa das pessoas que ali frequentam. É lá que os membros se reúnem, se divertem, fazem samba e fortalecem os laços sociais. Em algumas ocasiões, os membros se reúnem no local para uma confraternização ou para celebrarem o aniversário de alguém. Nesses encontros, a sede se caracteriza como um espaço de convívio e partilha, uma vez que cada um, dentro de sua possibilidade, leva bebidas e alimentos. A partilha do alimento também possui importante papel para a sociabilidade das pessoas. Sendo assim, podemos dizer que a quadra se configura como um lugar de hospitalidade, de acordo com a definição de Baptista (2002).

O carnaval constitui-se em um tempo afastado do tempo repetitivo do trabalho e das preocupações do cotidiano. A quadra da escola de samba, por sua vez, constitui um ambiente propício para a hospitalidade e para a sociabilidade, uma vez que as relações sociais são estimuladas e os relacionamentos interpessoais formam-se e ampliam-se. É um local onde se vê a integração das pessoas, independente da classe social a que pertencem. Organizado pelos membros da escola, o carnaval promove vínculos e a participação das pessoas é ordenada por sentimentos de solidariedade e doação, já que,

exceto o carnavalesco, o intérprete, a equipe de barracão e os cargos não são remunerados. O único interesse, nesse caso, além do desejo de que a agremiação saia vitoriosa na competição carnavalesca, é manter e reforçar os vínculos sociais entre os membros e com a escola.

A hospitalidade é, assim como o carnaval, uma experiência vivida. Ambos alteraram as hierarquias existentes: no carnaval, era concedida uma licença que autorizava a desordem carnavalesca e o rei era deposto e um novo era, então eleito pelo povo, o Rei Momo<sup>8</sup>; na hospitalidade, o estranho é elevado à posição de convidado e, então, honrado e o anfitrião agora é quem presta serviços para o outro. Existem, segundo Sheringham e Daruwalla (2007), outras semelhanças entre hospitalidade e carnaval, tais como: a inversão da ordem, o senso de desordem, o caráter temporário, a criação de vínculos, a fuga do cotidiano, a transgressão autorizada das fronteiras e a comensalidade. Há um consenso para reordenar e assumir os papéis e obrigações prescritas e, em ambos os casos, essa suspensão temporária das hierarquias permite a mudança na interação entre os envolvidos.

A integração entre os membros da família e o amor ao pavilhão foram observados nas visitas à agremiação, nas participações nos eventos e também nas entrevistas, como na de Alexandre Salomão – diretor de carnaval do Camisa Verde e Branco e membro desde 1982 dessa agremiação –, que disse ter estabelecido muitos contatos no Camisa Verde e Branco que criaram vínculos e ter levado muitos amigos para participar da escola, e da Elilian, coordenadora de ala, que relatou ter feito ali muitas amizades sinceras e para o resto da vida.

O Adão, que é o vice da escola, ele era um batuqueiro, e em uma situação que precisava de gente para ajudar em uma situação que ocorreu na escola, ele veio me ajudar muito, indo atrás de fantasia de ala, carro alegórico... E você vê, hoje, ele é um vice aqui da escola, já tem um conhecimento, mas foi um cara que eu aprendi a gostar aqui dentro. [...] Minha ex-mulher conheci aqui dentro, minha atual mulher também conheci aqui dentro. [...] Tem as amizades, o Adão é um dos caras, o Rafael, a Ju, que é uma amiga minha há

---

<sup>8</sup> Na mitologia grega, Momo era o deus do sarcasmo e do delírio. Foi convidado para avaliar as obras de Zeus, Atenas e Prometeu e devido às suas críticas e comentários jocosos, acabou sendo expulso do Olimpo. Os primeiros reis Momos desfilavam em festas de orgia por volta dos séculos V ou IV a.C. e eram, geralmente, gordos e extrovertidos. Nas bacanais romanas, um Rei Momo era selecionado entre os soldados mais belos do exército e, durante o carnaval, era tratado como a mais alta autoridade local. Ele era o governante de um período de total liberdade e possuía todas as regalias durante a festa, como comidas, bebidas e mulheres. No Brasil, o Rei Momo surgiu como comandante do carnaval em 1933 no Rio de Janeiro e foi criado primeiramente como um boneco de papelão e, no ano seguinte, foi personificado pelo cronista Moraes Cardoso, do jornal *A Noite*. Atualmente, há concurso para a escolha do Rei Momo em vários lugares do Brasil e para participar é preciso esbanjar alegria e simpatia e pesar no mínimo 120 quilos. Durante seu reinado, o Rei Momo recebe a chave da cidade, a qual simbolicamente governa durante o carnaval (MUNDO ESTRANHO, 2014; PEREIRA, 2010).

muito tempo, que eu conheci na ala, são pessoas que eu tenho contato até hoje. Das pessoas que eu tenho contato há mais tempo é a Ju, Bebel, Butil, são os três irmãos, que eram da ala da Cida, o Fabinho que hoje é diretor-geral de harmonia, que conheci aqui dentro, é um irmão que eu tenho de espírito. [...] Tem tantas pessoas que eu conheci aqui dentro. [...] É uma família que você cria aqui, querendo ou não. [...] Se você pegar alguns setores da Harmonia, da molecada que está aí, que eu trouxe para cá e não gostava de carnaval, ou não tinha experiência com carnaval e aprendeu a gostar, são vários componentes... que são amigos meu fora do Camisa, e também criaram um vínculo aqui dentro (Alexandre Salomão, 2014).

Fernando Moreira, conhecido como Neninho, é mestre de bateria e frequenta o Camisa desde os quatro anos. Seu irmão, Felipe, também frequenta a agremiação e é um dos onze diretores de bateria. Em sua entrevista, ele conta que vai à quadra praticamente todos os dias para se encontrar com os amigos e/ou cuidar e arrumar os instrumentos da bateria, que a quadra se torna sua casa durante o carnaval e que seu vínculo com a comunidade é grande.

Eu estou no Camisa praticamente todos os dias, aqui é como se fosse minha segunda casa e a comunidade é como se fosse uma família para mim porque a maioria me viu crescer, os mais antigos me viram crescer, e quem chegou depois me vê com bastante frequência. Meu vínculo com a comunidade é muito, muito, muito grande. [...] A mãe do meu filho, minha atual mulher, conheci aqui no Camisa; meu melhor amigo, o Jorge, é daqui do Camisa; minha primeira namorada foi do Camisa... Graças ao Camisa, eu tenho um vínculo muito grande, por isso que eu sempre serei grato ao Camisa. [...] O Camisa para mim é uma forma de vida, eu vivo pelo Camisa. Eu tenho o Camisa como um cotidiano mesmo, se eu acordar e não pensar no Camisa, não serei eu. No carnaval eu durmo aqui, fico dias, almoço, janto... O Pelezão, meu padrinho, é o caseiro da casa, eu já tenho o meu canto. Aqui, no carnaval, vira até a minha primeira casa. Fico aqui direto, arrumando instrumentos e quando não tem nada para fazer, joga *video game* aqui... Eu sempre arrumo alguma coisa para passar aqui. Vou trabalhar, passo aqui, isso já vira normal, a quadra é meu lar doce lar. [...] A minha motivação é a bateria também, eu tenho um amor muito grande por essa bateria. Eu venho aqui, entro no quartinho, vejo o que está faltando. Quando tem um amigo meu, (a gente) fica na secretaria, a gente fica jogando conversa fora. A minha motivação maior é meu pai também, que foi mestre durante vinte anos (Fernando Moreira, 2014).

Vivi, esposa do Mestre Gabi, e porta-bandeira do Camisa Verde e Branco, também considera a comunidade como sua família, já que muitas vezes passa mais tempo na quadra do que na sua própria casa. Ao ser indagada sobre sua relação com a agremiação, ela acrescenta que “o Camisa é uma coisa de emoção e coração” e que “é até muito difícil, mas costumamos falar que nós matamos e morremos pelo nosso pavilhão” (Venézia Martins, 2014).

Constata-se uma classificação interna e não oficial que divide os frequentadores em três categorias: sambista, sambeiro e turista. Este não é sócio, não possui nenhum

tipo de vínculo com a escola ou com a comunidade, frequenta alguns ensaios e eventos por curiosidade e diversão e só aparece nos meses que antecedem o carnaval. O sambeiro frequenta esporadicamente e em eventos pontuais, não possui vínculo com a escola, desconhece as raízes da agremiação, pode ou não ser sócio e valoriza a agremiação, porém, não com o mesmo sentimento de pertencimento de quem faz parte da comunidade. Sambista é o sócio da comunidade, possui carteirinha, participa ativamente da vida da agremiação, conhece a história da escola, está sempre presente nos encontros, ensaios e eventos e integra a família. É esse sambista quem define o outro, o forasteiro, o turista e também o irmão.

A classificação sambista e sambeiro foi relada por Leopoldi (1978), segundo o qual os termos são originários da década de 1920 e foram, inicialmente, empregados para designar a aptidão ou não de uma pessoa para desenvolver uma coreografia específica no ritmo do samba. Sambista seria, então, a pessoa que conseguisse executar com destreza uma sequência coreográfica e sambeiro, ao contrário, era quem se atrevia a sambar sem saber fazê-lo, somente para se exhibir. O sambeiro também era chamado de falso sambista ou presepeiro. Até a consolidação das escolas de samba, o termo sambeiro não possuía conotação negativa e era pouco empregado. Depois, ganhou um novo significado e passou a designar as pessoas que se inseriam em uma agremiação carnavalesca a fim de obter oportunidade para promoções sociais. Atualmente, as expressões sambista e sambeiro referem-se a duas categorias relacionadas com o mundo do samba, sendo, respectivamente, uma que canta, toca e dança o samba com uma naturalidade de berço e outra constituída por pessoas apenas interessadas em participar do desfile de carnaval, mas que não possuem grande convivência com o mundo do samba. Em alguns dicionários, confunde-se sambista com sambeiro, o que é inaceitável no mundo do samba.

Por um lado, aceita-se a participação de qualquer pessoa alheia ao mundo do samba, uma vez que isso beneficia a agremiação, aumentando o número de membros, melhorando seu desfile carnavalesco (já que as escolas de samba precisam apresentar-se com um número mínimo de componentes, que varia de mil a dois mil, dependendo se ela está no Grupo de Acesso ou no Grupo Especial, respectivamente, e perdem um ponto se o número for inferior ao estipulado) e também o fato de acolher pessoas dos estratos mais elevados da população confere-lhe uma imagem de ascensão social. Por outro lado, espera-se que esse convívio não acarrete violência aos sentimentos de consideração e respeito dos sambistas ao samba. Há a esperança, por parte dos

sambistas, de que essas pessoas frequentem a escola motivadas por uma identificação genuína com os seus valores (LEOPOLDI, 1978).

Nesse sentido, um turista pode ultrapassar a fronteira material da agremiação e, ao mesmo tempo, confrontar-se com o limite imaterial, de acordo com Raffestin (1997). Ou seja, embora ele esteja dentro da quadra e possa assistir ao ensaio, ele não integra a comunidade, não faz parte daquela família e continua sendo um estranho. Para passar do estatuto de turista para o de sambista e ser aceito na comunidade é preciso ultrapassar as fronteiras abstratas. Sua transformação em sambista significa, portanto, que, de ser evitado e tratado com hostilidade, ele deve ser honrado e protegido, pois passou a integrar a comunidade. No Camisa não há nenhuma regra ou rito de passagem para a conversão do turista em convidado. Apenas pela convivência, pela confiança ou pela proximidade com algum membro da agremiação, um forasteiro pode, talvez, passar a integrar a família. Essa barreira também perpassa a possibilidade de integração nas diversas alas que compõem a sequência do desfile carnavalesco, dado que há alas em que o turista não é admitido, pois são restritas apenas aos membros da comunidade.

A maioria dos entrevistados mostrou-se favorável à participação de turistas, dizendo que a comunidade é receptiva e acolhedora e que as passistas ensinam os turistas a sambar, o que favorece sua integração. Alexandre (2014) alegou que a participação de turistas no desfile é tímida pelo fato de o Camisa estar no Grupo de Acesso e seu desfile não ser televisionado, mas que acha importante desenvolver alguma ação para atrair turistas, como citado a seguir.

Para desfile, é um pouco mais difícil porque o Camisa desfila no Acesso. E o que o componente quer? Ele quer televisão, ele quer mídia. Você não vai pagar para entrar num desfile, uma fantasia que vai desfilar para o cimento. A não ser que os caras sejam os apaixonados pela agremiação, como eu sou, como alguns são. É difícil você trazer o turista, é mais fácil trazer o turista para desfilar sexta e sábado em São Paulo, porque o cara que gosta de carnaval e de desfile, ele desfila em uma escola em São Paulo e depois desfila em uma no Rio de Janeiro, normal o cara fazer isso. Ou até [desfila em] duas em São Paulo e duas no Rio, tem gente que consegue. Hoje não tem nenhum trabalho voltado para turistas. [...] Para desenvolver alguma ação tem um outro trabalho que é trazer alguém de turismo, alguém de faculdade para cá, para começar a minar um trabalho. E falar que a escola não quer ganho, quer que traga as pessoas para cá. Nós vamos disponibilizar para o cara a entrada, se ele quiser um camarote, ele compra para subir. Geralmente, eles vão querer um camarote, porque o público é diferente. [...] O cara entrou e está perto da bateria, ele está no paraíso. Eu sou um cara assim, eu gosto disso, minha mulher gosta disso. Agora tem gente que prefere ficar no camarote (Alexandre Salomão, 2014).

O vice-presidente Washington Alessandro Campos, conhecido como Adão, também considera importante a presença de turistas e acredita que a agremiação poderia

ter realizado eventos e ações voltados aos turistas na época da Copa do Mundo. Ele concorda com Alexandre ao dizer que é difícil atrair turistas nas escolas do Grupo de Acesso e alega que a colocação da agremiação dificulta também a captação de patrocínios. Vivi, por outro lado, não se mostrou muito aberta à participação de turistas ao dizer que o Camisa é uma “escola de tradição” que procura trabalhar e desfilar somente com sua comunidade, sem muitas pessoas de fora. Cristiane, filha de Vivi e Mestre Gabi, contou, em sua entrevista, que foram criados vínculos com alguns turistas estrangeiros na ocasião da Copa e que estes irão retornar para, segundo ela, “prestigiarmos nossa bateria, a nossa quadra, a nossa comunidade mais de perto” (Cristiane Martins, 2014).

O sentimento de pertencimento a uma dada comunidade, assim como o acolhimento, a sensação de estar em um lugar seguro no qual as pessoas dividem interesses comuns, relatados por Bauman (2003), podem ser observados na fala de Gabriel Martins, que destaca o vínculo que tem com a comunidade, de como isso é importante e que quem não faz parte da escola de samba não entende como se dá a participação dos membros. Mestre Gabi, como é conhecido pela comunidade, foi mestre-sala no Camisa Verde e Branco durante quatorze anos e atualmente é coordenador do setor de casais.

Ah, o Camisa significa muito [...]. A gente cria esse vínculo com a comunidade sambística da Barra Funda [...]. Faz parte da nossa vida. Essa atividade que a gente tem dentro do samba faz com que a gente crie um vínculo, assim, que é muito difícil de separar, principalmente, quando você é benquisto por todo mundo, então, isso é maravilhoso. As pessoas que não são, não entendem esse lado da escola de samba e da comunidade (Gabriel de Souza Martins, 2014).

Alexandre Salomão contou que vai à quadra quase todos os dias e que não precisa de motivo para frequentá-la.

Janeiro e fevereiro, que é época de carnaval, diariamente, não tem como, ou para cá, ou fazer alguma coisa para fora que é do Camisa, ou Barracão. Agora estamos vindo pelo menos duas vezes por semana, agora nessa época, porque como teve muita mudança de diretoria, está tendo muita reunião. [...] Não tem dia certo para vir, vira e mexe tenho que vir para cá, estou vindo hoje [dia 10 de julho de 2014, quinta-feira], segunda-feira tenho que vir de novo. [...] Ou você passa de carro, dá uma entrada na quadra, vê quem está lá e toma um café. Ou tem alguém que fala que tem um probleminha e se dá para passar lá na quadra, e eu venho e converso, não tem como, você vem direto (Alexandre Salomão, 2014).

Mestre Gabi, em sua entrevista, relata seu amor pelo pavilhão e conta que, assim como Alexandre, não há uma ocasião específica em que frequenta a quadra, a qual é definida por ele como uma “segunda casa”.

É uma segunda casa [...] Eu estive aqui anteontem, estive ontem, estou hoje e provavelmente estarei amanhã. Então é uma extensão mesmo. Você às vezes está sentado na sala da sua casa e fala assim “Ah, eu vou dar uma chegada no Camisa”. E eu não moro perto, eu moro a 15 km daqui. [...] Quando você faz parte integrante da escola, você não tem dia, não tem noite. Às vezes estou no trabalho e vem uma ligação “Gabi, dá uma chegadinha aqui na escola, nós precisamos conversar algumas coisas”, às vezes a respeito de enredo, posicionamento, na avenida de casais, etc. É uma função que a gente tem na escola que não te deixa... [ficar] afastado, você está sempre. E quando não te chamam, você vem (Gabriel de Souza Martins, 2014).

O vice-presidente da agremiação, Adão, é da comunidade há 26 anos e já passou, segundo ele, por todos os setores, desde a bateria, comissão de carnaval e harmonia, até chegar à vice-presidência. Na entrevista, ele diz ter um vínculo muito grande com a escola, ter feito muitas amizades dentro da comunidade, que para ele é considerada uma família, e conta que tem a quadra como sua segunda casa.

O Camisa, hoje, pra mim, representa... muita coisa, porque foi uma escola onde iniciei, me apaixonei, gostei e hoje eu faço de tudo para colocar o Camisa no seu devido lugar. Eu sei que é um trabalho árduo, com muitas dificuldades [...] Hoje, pra mim, o Camisa... representa muita coisa na minha vida. [...] É uma segunda casa. Quando começa o carnaval, a gente até se afasta da família, pelo fato da gente conviver tanto tempo aqui dentro da quadra. [...] Você fica mais tempo aqui do que na sua própria casa. Então se torna, sim, um lugar de ponto de encontro, que você vem e fica aqui, bate um papo, aí o pessoal faz uma vaquinha aqui e outra ali, faz um churrasquinho, e quando você vê já está discutindo carnaval, falando e respirando carnaval. [...] No meu caso, eu venho todos os dias no Camisa. Ainda mais agora, sendo vice-presidente, tenho que estar aqui com mais frequência. [...] Aqui, querendo ou não, se tornou uma família. Quando você começa a participar diariamente, você conhece muitas pessoas. [...] Você cria um vínculo muito grande aqui na escola, tenho boas amizades. Tem pessoas que eu não conhecia... [...] Uma dessas pessoas é o Alexandre Salomão, que é o Teta, eu já conhecia ele, mas nos três últimos anos trabalhamos muito, juntos na Comissão de Carnaval, e ele se tornou um grande amigo meu (Washington Campos, 2014).

O sentimento de pertencimento à agremiação, a identificação com o local – considerado uma segunda casa – e a importância da partilha de alimentos e bebidas na sociabilidade dos membros da comunidade são pontos em comum nos relatos dos entrevistados. Todos disseram que vão à quadra frequentemente, mesmo que não tenha ensaio, reunião ou evento previamente agendado.

Mesmo nos rituais de passagem, seja no nascimento ou na morte, a comunidade se solidariza e envia, por meio do *Facebook*, mensagens de apoio e de carinho umas para as outras. Em novembro de 2014, foi anunciado na quadra que uma das coordenadoras da ala de assistentes mirins, a Simone, havia falecido e foi pedido um minuto de silêncio antes de dar início ao ensaio. O anúncio foi feito também na página da agremiação no *Facebook*, onde o presidente Velozo publicou uma mensagem de

condolências ao marido, Douglas Wiliam, que é ritmista da Bateria Furiosa, e aos familiares. Alguns dias depois, o marido e o filho também publicaram uma mensagem na mesma rede social e receberam o apoio da comunidade verde e branco, que disse que “a família Camisa Verde e Branco” estava de luto devido à perda da coordenadora de ala. O filho publicou a *hashtag*<sup>9</sup> #SimoneEterna, a qual foi copiada por outras pessoas nos comentários. Ao mesmo tempo que se solidarizavam com o falecimento, as pessoas parabenizavam Douglas pelo neto que estava para nascer, dizendo que o garoto seria Camisa Verde e isso era “fato”.

Além dos ensaios, são organizados alguns eventos e festas, que fortalecem a sociabilidade e a coesão interna, reforçam os vínculos sociais e afetivos entre os participantes e auxiliam na captação de recursos para o carnaval. Mesmo quando não há ensaio para o carnaval ou algum evento da comunidade, os membros pertencentes à família se reúnem na quadra, seja para conversar sobre assuntos relacionados ao carnaval, seja para jogar conversa fora. A quadra é também utilizada para a comemoração de aniversário dos membros, para chás de bebê e festas particulares, de acordo com uma entrevistada, que comentou, inclusive, que a festa de quinze anos de sua filha será realizada no local. O motivo, segundo ela, além de não pagar aluguel do espaço, é por ser um local de fácil acesso para os convidados, já que todos participam da agremiação.

Fernando, mestre de bateria, realizou o aniversário de dois anos de seu filho na quadra da agremiação, tendo a Disney como tema, e contou com a participação de outras pessoas da comunidade, conforme relatos dos convidados no *Facebook*. O aniversário foi realizado no primeiro domingo do mês de novembro, dia de ensaio geral na quadra. Na semana anterior foi anunciado no *Facebook* que não haveria ensaio geral no domingo, sem especificar se era por conta do feriado de Finados ou por conta de algum outro evento na quadra (no caso, a festa de aniversário). Fica a dúvida se até mesmo um ensaio é cancelado para a realização de uma festa de aniversário de algum membro da família.

No Camisa Verde e Branco, embora haja projetos como o da Escolinha de Bateria, não há uma efetiva integração com os moradores da Barra Funda, apesar de a

---

<sup>9</sup>*Tags* são palavras-chave ou termos associados a uma informação. *Hashtags* são palavras-chave, antecedidas do símbolo "#", que designam o assunto que está sendo discutido em tempo real no *Twitter*, no *Facebook*, no *Instagram*, no *Pinterest*, no *Google+* e no *YouTube*. Elas fazem com que o conteúdo da sua postagem seja acessível a todas as pessoas com interesses semelhantes, mesmo que eles não sejam seus seguidores ou fãs, e aparecem como *links* clicáveis quando usadas em mensagens.

atual gestão parecer empenhada em estreitar esse relacionamento. Durante os ensaios e eventos que acontecem na quadra são montadas tendas e barracas informais nas calçadas ao redor do local, nas quais são comercializados alimentos, como lanches e cachorro-quente, e bebidas, como água e refrigerante, além de diferentes tipos de bebidas alcoólicas. Essas tendas e barracas se configuram como um lugar de encontro e diversão para os moradores do bairro, que se reúnem ali para comer, beber e até, algumas vezes, tocar um samba. A figura 18 ilustra um momento como esse. Na ocasião na foto, estava acontecendo, na quadra, a festa de posse da nova diretoria do Camisa Verde e Branco e também a apresentação do enredo do próximo carnaval. A festa foi aberta ao público e contou com a participação de outras agremiações, como a Mocidade Alegre e a Nenê de Vila Matilde. Como a quadra estava lotada, muitas pessoas, apesar de terem adquirido ingresso, não conseguiram permanecer lá dentro e acabaram se reunindo do lado de fora. Na foto a seguir, as pessoas que estão sentadas talvez não integrem a família, já que não há roupa e/ou adereço que as identifiquem. Normalmente, as pessoas da comunidade, quando vão à quadra, estão vestidas com a camiseta da escola com o tema do próximo carnaval ou com algum adereço, como um boné, que as identifique como tal. Quando não estão uniformizadas, geralmente, estão vestidas com algum detalhe nas cores verde e branco, sendo o mais comum a camiseta com as cores da agremiação.



Figura 18: Durante a festa de posse da nova diretoria, alguns participantes se concentraram na parte de fora da quadra, na calçada.  
Fonte: Camisa Verde Oficial (2014)

A relação com o bairro e os laços de vizinhança são muito relevantes, tanto que diversas escolas fazem, em seus nomes e nas letras dos hinos e sambas-enredo uma referência aos seus bairros, como, por exemplo: Nenê de Vila Matilde, Unidos de Vila Maria, Unidos do Peruche, Morro da Casa Verde, Acadêmicos do Tucuruvi, Príncipe Negro da Cidade Tiradentes, Paineiras do Sapopemba, Império de Casa Verde, dentre outras. Desde o início das manifestações, o sentimento de pertencimento ao lugar de moradia era bastante significativo. Há uma espécie de fusão com o bairro e parte dos membros da comunidade mora ou já morou ali. Atualmente, diferentemente do que acontecia no início, a agremiação não é composta somente por moradores da Barra Funda, ela atrai pessoas de todos os cantos da cidade, apesar de seu nome ainda estar diretamente relacionado ao bairro.

Alexandre conta em sua entrevista que as pessoas associam o Camisa com a Barra Funda, mas que muitos membros residem na Vila Carolina, bairro da zona norte da capital paulista.

Geralmente, as escolastêm uma associação com o bairro delas. Vocêvê, Perucheporque é no Parque Peruche, Morro da Casa Verde fica na Casa Verde, Império da Casa Verde é na Casa Verde, Vai-Vai é sinônimo de Bexiga, todo mundo sabe, Vila Matilde sabe que é na Zona Leste, Leandro de

Itaquera é lá também. Tem uma associação, não é Camisa Verde da Barra Funda, mas tem uma associação com a Barra Funda. Só que o foco do Camisa Verde hoje é na Zona Norte e Barra Funda. Zona Norte: Bairro do Limão, Freguesia, Vila Carolina, Vila Prado... É uma região que tem muita gente do Camisa Verde. Você vai na Pompeia, tem muita gente que gosta (que é) de lá. Apesar de lá ser a escola da Águia de Ouro, muita gente gosta do Camisa (Alexandre Salomão, 2014).

Nos sambas e hinos faz-se, também, alusão às cores da agremiação. O hino do Camisa Verde e Branco diz, em seus primeiros versos “Sou verde e branco até a morte / do Verde e Branco não me separarei [...]”. O samba-enredo de 2014 fala do nome da escola, de suas cores (verde e branco), do símbolo oficial (o trevo de quatro folhas) e do bairro onde se localiza sua quadra (Barra Funda): “Cem anos de glórias, gravadas no peito / e não tem mais jeito eu sou verde e branco / Respeite o meu manto, meu trevo imortal / o meu Camisa é muito mais que especial / Axé, a Barra Funda pisa forte na avenida [...]”. O samba exaltação, música que exalta a agremiação, também faz referência às cores e ao bairro: “Verde, verde que te quero verde / A minha alma fez raiz na Barra Funda / berço do meu carnaval [...]”. Os hinos e sambas-enredo falam do amor ao pavilhão e do pertencimento ao bairro da Barra Funda, sentimentos declarados pelos entrevistados.

A sociabilidade dos membros não se restringe ao samba, há também o futebol. O Camisa possui um time de futebol, ilustrado a seguir na figura 19, que disputa campeonatos com times de outras escolas de samba, como é o caso do Festival Pegada de Macaco, que contou com a participação de baterias de outras dez agremiações, como Rosas de Ouro, Vila Maria, Pérola Negra, Unidos do Peruche, Tom Maior, dentre outras. O evento aconteceu em novembro de 2014 no bairro da Pompeia, no Playball Empreendimentos Esportivos, local que aluga quadras de futebol para torneios esportivos. A figura 20 mostra o cartaz de divulgação do Festival, que foi divulgado no *Facebook* da Bateria Furiosa.



Figura 19: Time de futebol da Bateria Furiosa – novembro 2014

Fonte: Bateria Furiosa Celtic's (2014)



Figura 20: Divulgação do Festival Pegada de Macaco no *Facebook* – novembro 2014  
 Fonte: Bateria Furiosa Celtic's (2014)

### 3.2 O ritual da hospitalidade

Hospitalidade nota 10.000 muito agradecido pela recepção. Um agradecimento especial ao Miro da comissão da escola. Muito obrigado. Festa na data de hoje muito *show*. (Getúlio Costa)

A hospitalidade é, segundo Montandon (2011, p. 31), “uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis” e não é considerada somente uma maneira de interação social, como também uma das principais formas de socialização. O mesmo autor defende que uma das primeiras coisas que marcam a atitude do anfitrião é o ato de oferecer comida e bebida a seu hóspede, mas que a hospitalidade não se reduz a isso. Pelo contrário, ela se caracteriza por uma relação entre as pessoas da qual derivam um vínculo social e os valores de solidariedade e sociabilidade. O anfitrião deve se colocar como o hóspede de seu hóspede, acomodando-o no lugar de honra e concedendo-lhe atenção, delicadeza e consideração.

No dia a dia da escola de samba Camisa Verde e Branco, a figura do anfitrião é ilustrativa, diluída e não é delegada a ninguém, dificultando, dessa forma, o acolhimento e a integração, bem como o exercício da hospitalidade. Segundo alguns relatos, os anfitriões são representados pelo casal de mestre-sala e porta-bandeira – embora não conste no organograma. Na prática, a função de receber os visitantes não é exercida por ninguém e há a falta da tomada de consciência do papel de cada membro como anfitrião.

No organograma da associação (ilustrado a seguir na figura 21), a liderança máxima é exercida pelo presidente Hervando Luiz Veloso, conhecido como Veloso, seguido do vice-presidente Washington Alessandro, conhecido como Adão. Abaixo, ficam os demais cargos, que respondem diretamente à diretoria: diretor-geral, harmonia, patrimônio, planejamento, eventos, financeiro, jurídico, musical, bateria, ouvidoria/qualidade, projeto social, secretaria, cerimonial, imprensa, esportes, *marketing*, pessoal/treinamento, conselho fiscal e comissão de carnaval (CAMISA, 2014).

Nota-se que o organograma demonstra a informalidade nos tratamentos, já que os nomes dos responsáveis pela harmonia da escola estão no diminutivo e não são precedidos do sobrenome. Ele também não institui a figura do anfitrião e, sendo assim, por dedução, ela estaria centrada no presidente. Na prática, é ele quem dá as boas-vindas aos convidados nos eventos oficiais. No entanto, no dia a dia, nos encontros informais e não planejados e até mesmo em alguns ensaios, o presidente nem sempre está presente na quadra e o exercício do receber não é delegado a ninguém. Foi constatado que, como o foco é o desfile, a hierarquia é pensada somente para essa ocasião e não reproduz o cotidiano.



### Presidente

Hervando Luiz Velozo (Velozo)

### Vice-Presidente

Washington Alessandro (Adão)

#### DIRETOR GERAL

Alexandre Salomão (Teta)

#### HARMONIA

Fabinho/ Paulinho

#### PATRIMÔNIO

Mario Simone (Marinho)

#### PLANEJAMENTO

Jurandir Santos

#### EVENTOS

José Carlos Mariano (Zezão)

#### FINANCEIRO

Douglas Verrone (Tico)  
Bruno Domingos (Bruno)

#### JURIDICO

Cristiane Linhares

#### MUSICAL

Toninho Abadengo

#### BATERIA

Fernando Moreira

#### OUVIDORIA/ QUALIDADE

Pedro Motta (Mota)

#### PROJETO SOCIAL

Edilaine Daniel Carvalho (Laine)

#### SECRETARIA

Pedro Ribeiro (Pedro Ribeiro)

#### CERIMONIAL

Walquiria Espinosa dos Santos (Wal)  
Silvana Espinosa

#### IMPRENSA

Antônio Carlos Cirilo (Toninho Cirilo)  
Duda Ribeiro

#### ESPORTES

Camila Cristina Rodrigues

#### MARKETING

Edmundo Cesário de Almeida (Eddy)  
Rodger Salvatiera

#### PESSOAL TREINAMENTO

Ricardo de Paula

#### CONSELHO FISCAL

Carlos Veiga (Carlos)  
Mário Magalhães (Bolão)  
Adilson Rodrigues (Fit)

#### COMISSÃO de CARNAVAL

Anselmo Brito  
Ailton Mesquita  
Marcos (Cogumelo)  
Alexandre (Teta)  
Rafael Santana (Rafa)  
Jurandir Santos  
Alex Euzébio (Alex)

Figura 21: Organograma da escola de samba Camisa Verde e Branco  
Fonte: Camisa Verde e Branco (2014)

Na comunidade Verde e Branco, principalmente dentro da família, os apelidos são mais importantes do que os nomes para a identificação dos membros, tanto é que muitos são conhecidos apenas pelos seus apelidos. No organograma, salvo algumas exceções, os nomes aparecem seguidos dos apelidos, os quais são colocados entre parênteses, como, por exemplo, no caso do vice-presidente Adão, do diretor-geral Alexandre Teta, do responsável pelos eventos Zezão, do Tico do financeiro e do Cogumelo da comissão de carnaval. Pode-se interpretar esse tratamento como um canal de entrelaçamento que concorre para que se possa vê-los como integrantes de uma verdadeira comunidade (BAUMAN, 2003). Além disso, demonstra a intimidade e a

integração existentes entre os membros da comunidade, configurando uma rede de amizade e de cooperação que é por eles chamada de família.

A família, nesse sentido, vai além do núcleo familiar. Essas pessoas se identificam umas com as outras seja pelas condições sociais de existência, pela raça, pelos gostos e hábitos comuns e em alguns casos por morarem no mesmo bairro. No entanto, o principal motivo para tal afinidade é o amor e dedicação à escola de samba, ou como eles costumam dizer, pelo amor ao pavilhão. De acordo com o que foi relatado nas entrevistas, muitas pessoas que integram a família frequentam a agremiação há muito tempo, são descendentes de famílias fundadoras e possuem algum cargo, seja na diretoria ou na coordenação das alas que compõem o desfile carnavalesco. O crescimento da família acontece, principalmente, por hereditariedade, já que é uma agremiação familiar, da qual diversos membros da mesma família participam. Foi constatado que a família cresce e se renova também quando algum de seus membros leva um parente ou amigo para participar uma vez e este acaba se integrando à comunidade.

A agremiação possui como missão "difundir o samba e o carnaval na sociedade, visando agregar a todos os cidadãos uma consciência crítica, através do espetáculo lúdico". Sua visão é "ser uma associação reconhecida pela ética, transparência e qualidade nos serviços prestados com excelência para os nossos componentes, parceiros e simpatizantes" e seus valores são: integridade, credibilidade, comprometimento, competitividade e valorização de pessoas (CAMISA, 2014).

Nos ensaios realizados na quadra, o portão principal, que dá acesso à Rua James Holland está sempre aberto, liberando a entrada de membros e não membros. Os membros, em especial aqueles pertencentes à família, ao chegarem, cumprimentam os amigos e logo se juntam aos mais chegados. Já os não membros, quando chegam, quase não são notados e permanecem isolados. No dia do desfile de carnaval, o ritual de acolhida permanece o mesmo, embora seja um dia em que os membros ficam eufóricos e na expectativa de vencerem o concurso. Dessa forma, constatou-se que a prática da hospitalidade é restrita aos integrantes da comunidade e não se estende a todos que frequentam a quadra de ensaios.

O presidente e alguns membros da diretoria utilizam, em alguns ensaios, uma camiseta verde com o logo da agremiação bordado em branco do lado direito e, logo abaixo, a designação do cargo a que pertence. Da mesma forma, as coordenadoras de ala utilizam uma camiseta com as cores verde e branca, na qual está escrito

“coordenadora de ala” e atrás há o logo do próximo carnaval. Algumas customizam essa camiseta, o que significa que, mesmo que tenham que ficar uniformizadas, possuem liberdade para personalizar a roupa e também para exibir e valorizar sua identidade. Elas cortam as mangas e colam adereços e *gliter* nas camisetas. O fato de os membros da diretoria e dos coordenadores de ala começarem a frequentar os ensaios e alguns eventos uniformizados os distingue dos demais componentes.

No carnaval de 2015, o desfile do Camisa contou com vinte alas fantasiadas e abertas aos turistas: Deus Hórus, Árabes, *Vikings*, Chineses, Ifá, Bruxas, Magos da previsão, Crianças, Maias, Leitura de mão, Baralhos ciganos, Previsão zodiacal, Numerologia, Previsão tecnológica, Previsão do tempo sol, Previsão do tempo chuva, Passistas mirins e Tributo aos adivinhos, Baianas – Tributo ao deus Rá. As fotos das fantasias foram divulgadas no *site* e na página da agremiação no *Facebook* e abaixo de cada foto havia o nome e o telefone do(a) respectivo(a) coordenador(a) de ala. Isso indica a transparência da nova gestão, assim como uma melhor comunicação entre a diretoria e a comunidade, a qual pode se inteirar dos acontecimentos por meio das redes sociais, do aplicativo para celular e também do novo *site* – que, atualmente, contém todas as informações necessárias para a mobilização das pessoas para participarem do carnaval.

Exceto a Velha Guarda, área restrita aos sambistas mais antigos, todas as alas divulgadas são abertas aos turistas e, segundo os coordenadores de ala, para participar do desfile, é necessário fazer a carteirinha da agremiação, preencher um cadastro, participar de pelo menos dois ensaios na quadra para aprender os “movimentos”, saber cantar o samba e é interessante que a pessoa participe de um ensaio técnico no Anhembi. Das alas divulgadas, a única em que a fantasia é gratuita e em que não é necessário fazer a carteirinha é a das crianças. Segundo Kátia, a coordenadora da ala, os ensaios da ala acontecem aos domingos às 17h na quadra e a idade mínima para participar é sete anos. No dia do desfile carnavalesco, os pais devem deixar as crianças na quadra às 18h e buscá-las no mesmo lugar de madrugada, após o término do desfile. Ela pede para os pais uma colaboração no valor de dez reais por criança para comprar os lanches. É necessário que os pais preencham uma autorização para que o(a) filho(a) possa desfilar. São cerca de cem crianças na ala, sendo a maioria filhos de pessoas da comunidade.

Na ocasião do carnaval de 2014, as fantasias também ficavam expostas na quadra nos dias de ensaio, mas não havia fotos no *site* ou na página do *Facebook*

divulgando-as e fornecendo o contato dos coordenadores de ala. A compra das fantasias era feita na própria quadra. A pessoa que se interessasse por alguma, deveria procurar o responsável pela ala e preencher uma ficha com nome, telefone e tamanho de roupa (P, M ou G). No entanto, na hora de retirar as fantasias, os tamanhos solicitados ao responsável pela ala não eram obedecidos (foram confeccionadas fantasias dos tamanhos M e G apenas) e quem chegasse primeiro para buscar possuía a vantagem de escolher o tamanho. Para o carnaval de 2015, foi prometido que a entrega seria mais organizada e não sofreria atraso.

Ao adquirir a carteirinha da escola para o ano de 2015, a entrada é gratuita em todos os ensaios da agremiação e a fantasia de ala também é gratuita. A carteirinha é válida por um ano, pode ser feita por um dos três planos (prata, ouro e diamante) e pode funcionar, também, como um cartão pré-pago sem anuidade. No plano prata, o valor para a confecção é de 70 reais e os benefícios são: entrada gratuita nos ensaios, benefícios em toda a rede de parceiros do programa EUSOUTORCEDOR, receber sem sair de casa o certificado e o cartão do programa, fantasia gratuita para as alas e cartão pré-pago Visa. No plano ouro, o valor é de 200 reais e os benefícios são iguais aos do plano prata e mais: 50% de desconto nos *shows* e circulação livre na área VIP. O valor do plano diamante é de 500 reais e seus benefícios, além daqueles do plano prata, são: entrada gratuita nos *shows*, camisa carnaval 2015 e *squeeze*, circulação livre nas áreas VIPs e 50% de desconto na compra do camarote. Para adquirir a carteirinha é necessário fazer o cadastro no *site* <http://camisaverde.eusoutorcedor.com.br/>, ler e aceitar os termos do contrato e efetuar o pagamento de acordo com o plano escolhido. As adesões podem ser feitas até o final do mês de dezembro de 2014, sendo que a partir de janeiro de 2015 as fantasias custarão 150 reais (CAMISA, 2014).

Pertencer ao Camisa Verde e Branco é fazer parte da família, participar das ações para o carnaval, seja na quadra ou fora dela, ter amor e lealdade ao pavilhão, comparecer às festas particulares dos membros, visitar a casa dos amigos feitos lá e ir à quadra mesmo que não haja nenhuma atividade no local naquele dia. Pertencem à agremiação os membros antigos, mas também aqueles que entraram por serem filhos de algum membro já estabelecido ou, geralmente, por indicação de algum deles. Os membros convivem juntos há tempos e possuem vínculos de amizade entre si; já os turistas, por sua vez, não se conhecem, não conhecem os membros da comunidade e não possuem, normalmente, qualquer vínculo entre si, com os membros ou com a agremiação.

A socialização e as relações de poder em Winston Parva – nome fictício de uma pequena cidade localizada ao sul da Inglaterra, que possuía um núcleo relativamente antigo e duas povoações formadas mais recentemente – que são analisadas por Elias e Scotson (2000), são semelhantes às do Camisa Verde e Branco. A cidade é dividida em três zonas, sendo a zona 1 uma área residencial de classe média, onde habitavam as pessoas mais privilegiadas economicamente, e zonas 2 e 3 locais de residêndiados operários das fábricas locais. Não havia diferenças de nacionalidade, etnia ou raça, tampouco quanto ao tipo de ocupação dos moradores, renda, nível educacional e padrão habitacional. A única diferença era que as zonas 1 e 2 eram habitadas por um grupo com alto grau de coesão familiar que se autodenominava “aldeia” e que havia se instalado na região há duas ou três gerações e a zona 3 era formada por recém-chegados, que eram estranhos não somente para os antigos residentes como também entre si.

A expressão “estabelecidos” é utilizada para designar, respectivamente, indivíduos ou grupos que ocupam posições de poder e prestígio e que são reconhecidos como uma “boa sociedade”. Os *outsiders*, por sua vez, caracterizam-se como um grupo heterogêneo de pessoas cujos vínculos sociais não são tão sólidos quanto os dos estabelecidos. Embora existam sempre no plural, os *outsiders* não constituem, de fato, um grupo social. A relação estabelecidos x *outsiders* é utilizada para explicar as relações de poder entre os habitantes da aldeia e os recém-chegados, cuja diferenciação baseia-se no tempo de moradia na cidade. O livro discute a maneira com que o estigma social criado pelo critério de temporalidade atuou a fim de depreciar aqueles que estão fora do grupo dos estabelecidos (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 7).

A classificação das famílias desempenhava um papel central na vida comunitária, influenciava o rol de membros das associações políticas e religiosas, o agrupamento das pessoas nos *pubs* e clubes e afetava o relacionamento de crianças e adolescentes nas escolas. Aqueles que já se haviam fixado na cidade tiveram tempo de criar uma vida comunitária estável e com tradições próprias e os recém-chegados foram vistos como uma ameaça ao padrão e à ordem estabelecidos porque seu comportamento levava os antigos residentes a acreditar que qualquer contato com eles rebaixaria seu *status*. Os antigos residentes reservavam para pessoas do seu tipo os cargos importantes das organizações locais e deles excluía os moradores da outra área. Eles se consideravam superiores, faziam comentários elogiosos sobre os membros do seu grupo (*pride gossip*) e teciam comentários negativos sobre os moradores da zona 3 (*blame gossip*), recusando-se a manter qualquer contato com eles. Os recém-chegados eram

considerados anônimos e *outsiders* em relação ao grupo estabelecido e não conseguiam revidar pelo fato de não terem coesão. O fato de as famílias antigas se conhecerem e terem vínculos sólidos entre si não significa que, necessariamente, elas se estimem. É somente com relação aos intrusos que elas tendem a se unir, já que entre si, de acordo com as circunstâncias, elas podem competir e quase invariavelmente o fazem. Na época da pesquisa já haviam se passado vinte anos desde a chegada dos moradores da zona 3 e eles ainda eram estigmatizados e rejeitados pelos aldeões.

No caso da escola de samba Camisa Verde e Branco, os membros da comunidade são tidos como os estabelecidos e os turistas, os *outsiders*. No entanto, embora não façam parte da comunidade estabelecida e não mantenham o mesmo tipo de vínculo – assim como no caso de Winston Parva –, os turistas não são estigmatizados nem totalmente excluídos, já que são aceitos na quadra da agremiação e podem assistir aos ensaios e participar do desfile de carnaval.

Fernando, o Neninho, que é músico e mestre de bateria da agremiação, contou que a bateria do Camisa Verde é composta por 200 membros e 11 diretores – sendo que cada um é especialista em um tipo de instrumento – são seis instrumentos, sendo que quatro deles são obrigatórios: surdo, caixa, tamborim e chocalho. O carnaval de 2015 foi o segundo dele à frente da Bateria Furiosa. Seu pai, o Mestre Neno, foi mestre de bateria durante vinte anos no Camisa e, de acordo com Fernando, esse cargo já estava “prometido” a ele há algum tempo e foi só uma questão de tempo para que o pai se aposentasse e ele estivesse apto para assumir o cargo. Ao ser questionado como se dá a transmissão da liderança da bateria, ele se contradisse e explicou que é uma questão “política” e depende do presidente da escola.

Para alguém participar da bateria pela primeira vez é necessário que algum ritmista deixe o cargo. Fernando contou que há uma lista de espera que conta com oito a quinze pessoas e que, quando há vaga, é ele que escolhe a pessoa mais apta. Para participar dessa lista de espera não é necessário que a pessoa faça parte da escolinha de bateria, desde que ela já saiba tocar algum instrumento e esteja apta a integrá-la. Ao mesmo tempo, Fernando disse que após assumir o comando da Furiosa, convidou alguns amigos que já tinham o domínio de alguns instrumentos (e por isso não precisaram passar pela Escolinha de Bateria) para a integrarem. Assim como em Winston Parva, a comunidade do Camisa Verde e Branco parece reservar para as pessoas da família a transmissão dos cargos. A transmissão do comando da bateria e a participação como ritmista ilustram de forma clara essa questão, já que Fernando parece

ter assumido a direção da bateria pelo fato de seu pai ter ocupado esse cargo durante muito tempo e por ser ele quem escolhe quem irá participar do desfile de carnaval como ritmista.

Assim como outras pessoas com quem a pesquisadora conversou, Fernando disse que o Camisa é uma escola de samba com clima familiar, cujos membros a frequentam há tempos e possuem relativa intimidade entre si e também que, assim como no seu caso, geralmente, o amor à escola passa de pai para filho. Fernando tem um filho, disse que o garoto já frequenta a quadra e que espera que ele siga seus passos. No entanto, há também pessoas avulsas que também são da comunidade, as quais, muitas vezes, foram apresentadas por algum membro antigo. Ele também relatou que os amigos que levou para a bateria hoje integram a comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante algum tempo, o carnaval ficou quase reduzido aos desfiles das escolas de samba e aos grandes bailes dos clubes privados. Atualmente, no entanto, antes do início do carnaval oficial, há os chamados ensaios técnicos, que, realizados no Sambódromo, atraem muitas pessoas em uma verdadeira festa e confraternização popular. Esses ensaios são gratuitos, apresentam uma prévia do que acontecerá no dia do carnaval e reúnem componentes de praticamente todas as alas das agremiações. Entre dezembro e janeiro começam também os ensaios técnicos de alas específicas, como casais de mestre-sala e porta-bandeira, comissão de frente e baterias, cujo acesso é restrito somente aos membros das escolas.

Nas sociedades, há sempre espaço para o festejar. Seja no carnaval ou em outras festas populares, a população encontra uma forma de alternar o papel passivo de expectadora para um papel mais participativo, nutrindo e reforçando os laços sociais. Destaca-se o importante papel de festas como o carnaval como mediadoras das diferenças econômicas, sociais e culturais e fortalecedoras da rede de relações sociais. As festas são espaços singulares para a prática da hospitalidade, uma vez que, minimizadas as diferenças, propiciam o acolhimento ao outro, em uma dinâmica de reciprocidade.

A quadra e sede social da Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco é um local de encontro, de convivência e de sociabilidade para sua comunidade, é onde seus membros se reúnem, trocam experiências e fortalecem a amizade. Os ensaios para o carnaval, as reuniões e demais eventos que acontecem na quadra da agremiação ajudam a reforçar e promover os vínculos sociais entre as pessoas e também com o lugar. Embora alguns membros não morem no bairro da Barra Funda ou em seus arredores, existe um forte sentimento de pertencimento à escola de samba e também ao bairro onde ela está inserida. Acredita-se que, se não houvesse um espaço para o encontro e para a convivência dos membros, os vínculos existentes não seriam, talvez, tão sólidos e estáveis.

Foram realizadas sete entrevistas com membros da agremiação, todos pertencentes à família, nos meses de junho e julho de 2014, durante os eventos realizados na quadra. Nas entrevistas, foi comum as pessoas referirem-se a outras agremiações como “coirmãs”, alegando não haver conflito e/ou rivalidade entre elas. Ao

mesmo tempo, mencionavam que o Camisa é uma escola de “tradição”, cujo ambiente é mais familiar do que em outras agremiações e que a comunidade pretende preservar essas características.

O processo de entrevistas foi interrompido pois o *corpus* de pesquisa ficou saturado, ou seja, o discurso começou a se repetir e as respostas para perguntas como “O que o Camisa significa para você?” e “Em que ocasiões frequenta a quadra?” se tornaram similares. Todos os entrevistados relataram que a agremiação se constitui em uma família, na qual os membros se conhecem e se ajudam, e que a quadra de ensaios é considerada uma segunda casa e, às vezes, até mesmo a primeira casa, pois é lá que eles passam a maior parte do tempo, principalmente na época do carnaval. Foi revelado nas conversas, nas entrevistas e também nas fotos e atividades das redes sociais, que as pessoas se encontram frequentemente no local, mesmo que não haja nenhuma atividade lá, ou na casa de algum dos membros.

Na gestão anterior, os eventos realizados na quadra não eram divulgados no *site* ou na página do *Facebook* e, na maioria das vezes, nem mesmo a secretária estava ciente dos acontecimentos. A comunicação e a divulgação dos eventos acontecia durante os ensaios para o carnaval, por meio de cartazes e panfletos, e pelo boca a boca. Devido a essa falta de organização e de divulgação, antes, sequer conseguia-se coincidir com os encontros ali realizados, pois não se tinha acesso às informações sobre a existência das atividades. Com a mudança da diretoria da agremiação em junho de 2014, as informações ficaram mais transparentes e o acesso a elas ficou mais fácil.

Atualmente, os canais de divulgação das atividades são o *site* oficial, a página do *Facebook* e o aplicativo para celular, os quais reúnem as informações necessárias para a mobilização dos turistas. O *site* foi reformulado e agora possui informações como data, local e horário dos ensaios, contatos para a compra de fantasias, fotos dos ensaios e eventos realizados, *link* para preencher o formulário e obter a carteirinha da agremiação, dentre outras. Na antiga gestão, a página do *Facebook* não era atualizada e as informações sobre ensaios e eventos na quadra não eram divulgadas com frequência, o que dificultava aos turistas o acesso às informações necessárias para poderem se mobilizar para frequentar a quadra e participar dos ensaios.

As práticas de hospitalidade são entendidas como ritos sociais destinados a acolher e estreitar os vínculos entre as pessoas e como processos que visam ordenar as tensões objetivando limitar a hostilidade. Seus gestos criam laços sociais e pessoais. A

hospitalidade não pode ser forçada, seus gestos são voluntários e o retorno não pode ser exigido.

A quadra se configura como um lugar de hospitalidade e de sociabilidade, sim, mas apenas para seus membros. Os considerados *outsiders*, por não possuírem vínculos com as pessoas da comunidade, com o bairro ou com a agremiação, e por não conhecerem ninguém, não se sentem acolhidos e não percebem a quadra como um lugar de encontro e de sociabilidade. Já os membros estabelecidos, assim como na comunidade teorizada por Bauman (2003), possuem um forte sentimento de lealdade, de solidariedade e de identificação com a agremiação, com a música e com o bairro. O Camisa Verde e Branco é uma comunidade estruturada por meio de relações de parentesco – já que é comum membros de uma mesma família participarem da agremiação, cada um com seu papel claramente definido, seja na diretoria ou na coordenação das alas do desfile de carnaval –, vizinhança – por meio de conversas e entrevistas, percebeu-se que alguns membros residem na Vila Carolina, bairro da zona norte de São Paulo – e amizade – por participarem da mesma agremiação carnavalesca, há forte ligação de amizade entre eles.

A quadra de ensaios é um espaço simultaneamente público e privado. É um espaço público por ser, geralmente, concedido às agremiações pela Prefeitura e nele serem realizados os ensaios para o carnaval, que são abertos ao público em geral, e privado por permitir a realização de festas particulares de seus membros, as quais são, normalmente, restritas aos convidados.

Notou-se que há uma mudança do ritual da hospitalidade da escola para o Sambódromo e também quando o carnaval se aproxima. No Sambódromo, principalmente no carnaval, momento em que, exceto diretoria e coordenadores de ala, estão todos fantasiados, não é possível distinguir quem é e quem não é da comunidade, já que ali todos são iguais. Dessa forma, o ritual muda e todos são tratados da mesma maneira.

As três hipóteses foram confirmadas. A primeira diz respeito à exigência, imposta no regulamento oficial dos desfiles carnavalescos, de um número mínimo de componentes, o que obriga a agremiação a receber turistas e a praticar, conseqüentemente, uma encenação da hospitalidade; de acordo com a segunda, no dia a dia da escola, a figura do anfitrião encontra-se diluída e não há ações destinadas a acolher ou integrar o turista, que é tolerado por ocasião do desfile de carnaval; a terceira hipótese, por sua vez, afirma que as atividades realizadas no dia a dia da escola

destinam-se exclusivamente aos membros da comunidade, dado que a sua divulgação é personalizada.

A hospitalidade na escola de samba analisada não é genuína, pois há motivos implícitos nela, como o intuito de aumentar o número de componentes da escola e o número de participantes do desfile de carnaval. Neste caso, por ser do Grupo de Acesso, a quantidade mínima para a escola poder desfilar no Sambódromo no carnaval é de mil pessoas. A encenação acontece porque se acredita que a hospitalidade não é praticada de maneira desinteressada e não é estruturada no sistema da dádiva. Pelo contrário, na ocasião do carnaval e nos meses que antecedem o evento, os turistas são bem recebidos nos ensaios com um interesse implícito: o desejo e a necessidade de que eles participem, como componentes das alas, do desfile carnavalesco a fim de que a escola faça uma boa apresentação no Sambódromo. A hospitalidade genuína, baseada na dádiva, é praticada pelo prazer de acolher, sem esperar retorno e seu interesse é no vínculo entre as pessoas.

Os turistas, geralmente, não são acolhidos e dificilmente ultrapassarão a fronteira imaterial da agremiação (RAFFESTIN, 1997), a não ser por indicação de alguém da família. Eles só são incluídos no momento do desfile carnavalesco. Em uma ocasião normal, o turista, embora admitido na quadra durante um evento ou ensaio, mediante o pagamento da entrada, muitas vezes, não é notado pela comunidade e permanece isolado. Com o tempo e a frequência na participação de ensaios, o turista passa a ser percebido por alguns membros, mas continua invisível para a maioria. Foi observado que em algumas alas, a família só se renova por hereditariedade ou quando um turista é apresentado e apadrinhado por um membro estabelecido, o qual por ele se responsabiliza. No dia do carnaval, ele é acolhido de tal forma que se sente como integrante da agremiação, porém, após o término do desfile e do recesso que se segue, a situação volta a se normalizar, ele voltará a não ser notado e será percebido como um intruso.

Fica no ar a pergunta de como se dá a renovação da bateria, já que, segundo o próprio mestre, é ele quem escolhe os ritmistas que irão participar do desfile carnavalesco.

A figura do anfitrião no Camisa Verde e Branco não é formalizada. Analisando o organograma da agremiação, deduz-se que, teoricamente, ela está centrada no cargo de presidente, que é a autoridade máxima. No entanto, na prática, o exercício dessa função não é delegado a ninguém. Como o interesse da escola é atrair novas pessoas somente para o desfile carnavalesco, não são desenvolvidas ações para captação de

turistas. A explicação dada por alguns membros da diretoria é que os turistas procuram somente as escolas de samba do Grupo Especial devido à possibilidade de aparecerem na TV Globo, já que apenas os desfiles desse grupo são transmitidos ao vivo por essa emissora.

Embora haja um discurso favorável à participação de turistas nos ensaios e eventos, o núcleo da família é cuidadoso para expandir seus limites para que os laços sociais não se diluam e para que o caráter familiar da agremiação seja mantido. Sendo assim, as atividades cotidianas são destinadas unicamente à comunidade e, por esse motivo, não são notificadas previamente no *site* da escola ou nas redes sociais. Os forasteiros são admitidos no interior da quadra, no entanto, não ultrapassam a fronteira imaterial, já que a agremiação impede a participação deles na chamada família e também nos cargos da diretoria.

Tendo em vista que se trata de uma pesquisa qualitativa, o *corpus* analisado não pode ser generalizado, as conclusões são válidas apenas para o conjunto entrevistado e analisado. A exclusão do turista não é absoluta, mas é predominante. Ao mesmo tempo que o núcleo da família não integra o turista, este, talvez não frequente a agremiação com assiduidade e não queira participar daquela rotina.

Não foi o objetivo desta pesquisa verificar se todos os membros do Camisa Verde e Branco concordam com a classificação deles em sambista, sambeiro e turista nem tampouco averiguar a questão dos moradores do entorno da quadra de ensaios, que não gostam de carnaval, e analisar a *performance* das pessoas no dia do desfile.

A hospitalidade virtual é uma potencialidade de pesquisa e pode ser explorada em trabalhos futuros, já que as redes sociais aqui mencionadas são uma fonte de estudo da hospitalidade, por serem um ambiente no qual os membros da comunidade do Camisa Verde e Branco interagem entre si e ficam sabendo das notícias e dos eventos que acontecerão na quadra. No entanto, não foi o propósito desta dissertação analisar esse tipo de hospitalidade.

Atualmente, ainda que seja membro da comunidade e possua a carteirinha, a autora não integra a família, embora algumas pessoas já a reconheçam, a cumprimentem e conversem com ela nos ensaios e eventos na quadra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANHEMBI. **Anhemi:** do tamanho do seu evento. Disponível em: <<http://www.anhemi.com.br/espaco/sambodromo/>>. Acesso em: 29 março 2014.

ANSARAH, M. G. D. R. **Turismo:** como aprender, como ensinar. 3ª. ed. São Paulo: Senac, v. 2, 2001.

BAPTISTA, I. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, C. M. D. M. **Hospitalidade:** Reflexões e Perspectivas. Barueri: Manole, 2002.

BAPTISTA, I. Hospitalidade e eleição intersubjectiva: Sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, Ano V, n. 2, dezembro 2008. ISSN 1807-975X. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/turismo/index.php/hospitalidade>.

BARONETTI, B. S. **Da oficialização ao Sambódromo:** um estudo sobre as escolas de samba de São Paulo (1968-1996). Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

BASTOS, S.; BUENO, M. S. e SALLES, M. D. R. R. Desafios da pesquisa em hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. VI, n. 2, julho 2010. ISSN 1807-975X. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/turismo/index.php/hospitalidade>.

BASTOS, S.; BUENO, M. S. e SALLES, M. D. R. R. Hospitalidade: trajetória e possibilidades. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 4, Julio 2010. ISSN 1988-7833. Recuperado em 10 setembro, 2013, de <http://www.eumed.net/rev/cccss/09/bsb.htm>.

BATERIA FURIOSA. Bateria Furiosa Celtic's. **Facebook**, 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/furiosaceltics>>. Acesso em: 5 dezembro 2014.

BAUER, M. W. e AARTS, B. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 4ª. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002. Cap. 2.

BAUER, M. W. e GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 4ª. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BELO, V. D. L. **O enredo do carnaval nos enredos da cidade:** Dinâmica territorial das escolas de samba em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

BENVENISTE, É. **O vocabulário das instituições indo-europeias.** Campinas: Editora da Unicamp, v. 2., 1995.

BLASS, L. M. D. S. **Desfile na avenida, trabalho na escola de samba**: a dupla face do carnaval. São Paulo: AnnaBlume, 2007.

BOTELHO, I. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. **Espaço e debates – Revista de estudos regionais e urbanos**. n. 43/44., São Paulo, 2004. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/pdf/espaco\\_debates.pdf](http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/pdf/espaco_debates.pdf).

BOTELHO, I. e FREIRE, C. T. Equipamentos e serviços culturais na região central da cidade de São Paulo. **Caminhos para o Centro – Estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo**, São Paulo, 2004.

BRITTO, I. M. **Samba na cidade de São Paulo (1900-1930)**: um exercício de resitência cultural. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

BUENO, M. S. (org.). **Hospitalidade no jogo das relações sociais**. Goiânia: Editora Vieira, 2008.

BUENO, M. S. Lazer, festa, festejar. **Cultur: Revista de Cultura e Turismo**, julho 2008. p. 47-59. Recuperado em 5 janeiro, 2014, de <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao3/artigo3.pdf>.

BUENO, M. S. Carnaval, festa, espetáculo. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Maio 2012. [www.eumed.net/rev/cccscs/20/](http://www.eumed.net/rev/cccscs/20/).

CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. 2ª ed. revista. São Paulo: Aleph, 2004. Coleção ABC do Turismo.

CAMARGO, L. O. L. A pesquisa em hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. V, n. 2, dezembro 2008. ISSN 1807-975X. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/turismo/index.php/hospitalidade>.

CAMAROTE BRAHMA CARNAVAL 2014, 2014. Disponível em: <http://www.camarotebrahmasp.com.br/>. Acesso em: 21 março 2014.

CAMISA VERDE E BRANCO. **Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco**. Disponível em: <http://www.camisaverde.net/>. Acesso em: 20 outubro 2014.

CAMISA VERDE E BRANCO. Camisa Verde e Branco - Oficial. **Facebook**, 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/CamisaVerdeOficial>. Acesso em: 10 novembro 2014.

CARNAVAL 2014 São Paulo. **Site oficial de carnaval da cidade de São Paulo**, 2014. Disponível em: <http://carnaval.spturis.com.br/carnaval-de-sao-paulo/carnaval-de-rua/>. Acesso em: 21 março 2014.

CIDADE DO SAMBA RIO DE JANEIRO, 2014. Disponível em: <http://cidadedosambarj.globo.com/>. Acesso em: 30 março 2014.

COLETIVO ARNESTO. Coletivo Arnesto. **Facebook**. Disponível em: [www.facebook.com/ColetivoArnesto](http://www.facebook.com/ColetivoArnesto). Acesso em: 9 setembro 2014.

D'ANDREA, T. Segregação socioespacial e escolas de samba na Cidade de São Paulo. **Histórica - Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, fevereiro 2010.

DERRIDA, J. **Anna Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DIAS, C. M. D. M. O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Hitz: um enfoque especial sobre a qualidade. In: DIAS, C. M. D. M. (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. 1ª. ed. Barueri: Manole, 2002.

DIAS, F. D. F. **Na batida do bumbo: um estudo etnográfico do samba na cidade de Pirapora do Bom Jesus - SP**. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual Paulista - UNESP. São Paulo, 2008.

ELIAS, N. e SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FÁBRICAS DE SONHOS, 2014. Disponível em: <<http://www.fabricasdesonhos.com.br/pagina.php?id=home>>. Acesso em: 29 março 2014.

FRANGIOTTI, N. **O espaço do carnaval na periferia da cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

FRIESE, H. The Limits of Hospitality. **Paragraph**, Edinburgh, v. 32, p. 51-68, março 2009. ISSN 0264-8334.

FURTADO FILHO, J. E. Samba exaltação: Fantasia de um Brasil brasileiro. **Revista Trajetos**, Fortaleza, v. 7, n. 13, 2009. ISSN 1676-3033.

GEERTZ, C. Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galos balinesa. In: GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos - LTC, 1989. Cap. 9.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GOTMAN, A. A questão da hospitalidade hoje em dia (La question de l'hospitalité aujourd'hui). **Communications**, Paris, v. 65, p. 5-19, 1997.

GOTMAN, A. O turismo e a encenação da hospitalidade. In: CAMARGO, L. O. L. e BUENO, M. L. (org.). **Cultura e consumo: estilos de vida da contemporaneidade**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

GRASSI, M.-C. Hospitalité. Passer lê seuil. In: MONTANDON, A. **Le livre de l'hospitalité: accueil de l'étranger dans l'histoire et les cultures**. Paris: Bayard, 2004.

GRÊMIO Recreativo Escola de Samba Nenê de Vila Matilde. Disponível em: <<http://www.nenedevilamatilde.com.br/>>. Acesso em: 26 março 2014.

GRINOVER, L. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, C. M. D. M. **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

GUIMARÃES, V. L. **O Turismo levado a sério: Discursos e relações de poder no Brasil e na Argentina (1933-1946)**. Tese (Doutorado em História Comparada). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

LASHLEY, C.; LYNCH, P. e MORRISON, A. **Hospitality: A Social Lens**. Oxford: Elsevier, 2007. Advances in Tourism Research series.

LEOPOLDI, J. S. **Escola de samba: ritual e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1978.

LIGA Independente das Escolas de Samba de São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.ligasp.com.br/a-liga/>>. Acesso em: 21 março 2014.

LOHMANN, G. e PANOSSO NETTO, A. **Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas**. 2ª. ed. São Paulo: Aleph, 2012.

LYNCH, P. *et al.* Theorizing hospitality. **Hospitality & Society**, v. 1, n.1, p. 3-24, 2011. ISSN 2042-7913.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

MINISTÉRIO DO TURISMO, 2014. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas\\_noticias/20141006.html](http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20141006.html)>. Acesso em: 28 dezembro 2014.

MONTANDON, A. Espelhos da hospitalidade. In: MONTANDON, A. **O livro da hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011.

MUNDO ESTRANHO, 2014. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-a-origem-do-rei-momo>>. Acesso em: 28 dezembro 2014.

OBSERVATÓRIO DO TURISMO/SÃO PAULO TURISMO. **Censo Samba Paulistano**. 2ª ed. São Paulo: São Paulo Turismo, 2012.

OBSERVATÓRIO DO TURISMO/SÃO PAULO TURISMO. **Censo (100 anos) do samba paulistano**. 3ª. ed. São Paulo: São Paulo Turismo, 2014a. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/844000-Censo-100-anos-do-Samba-Paulistano/>.

OBSERVATÓRIO DO TURISMO/SÃO PAULO TURISMO. **A folia em números: Pesquisa do carnaval de São Paulo 2014**. São Paulo: São Paulo Turismo, 2014b.

OLIVEIRA, P. C. M. D. **Carnaval baiano: as tramas da alegria e a teia de negócios**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1996.

PEREIRA, T. **Portal Verdes Trigos**, 2010. Disponível em: <<http://www.verdestrigos.org/wordpress/index.php/2010/02/o-rei-momo-mitologia-grega-circo-carnaval-e-cinema/>>. Acesso em: 28 dezembro 2014.

PITT-RIVERS, J. The law of hospitality. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v.2, n.1, 19 Junho 2012. 501-517. Recuperado em 16 agosto, 2013, de <http://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/99/120>.

PORTAL IG, 2011. Disponível em: <<http://carnaval.ig.com.br/mestre+gabi+um+militante+do+samba/n1238136391827.htm>>. Acesso em: 23 março 2014.

QUEIROZ, M. I. P. D. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RAFFESTIN, C. Réinventer l'hospitalité. **Communication**, Paris, 65, 1997. 59-68.

ROSA, M. C. **Inter-relações de turistas e moradores: um olhar através das manifestações corporais no carnaval de Ouro Preto**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

SEBE, J. C. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: Ática, 1986.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Cortez, 2007.

SHERINGHAM, C. e DARUWALLA, P. Transgressing Hospitality: Polarities and Disordered Relationship? In: LASHLEY, C.; LYNCH, P. e MORRISON, A. **Hospitality: A Social Lens**. Oxford: Elsevier, 2007. Advances in Tourism Research series.

SIMSON, O. R. D. M. V. **Carnaval em branco e negro: Carnaval popular paulistano - 1914-1988**. Campinas: Ed. Unicamp - Imprensa Oficial de São Paulo, v. 1, 2007.

SOARES, R. D. S. **O cotidiano de uma escola de samba paulista: o caso do Vai-Vai**. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

TELFER, E. A filosofia da "hospitalidade". In: LASHLEY, C. e MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004.

VISITE SÃO PAULO, 2014. Disponível em: <<http://www.visitesaopaulo.com/dados-da-cidade.asp>>. Acesso em: 21 junho 2014.

WADA, E. K. Reflexões de uma aprendiz da hospitalidade. In: DENCKER, A. e BUENO, M. (org.). **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003. p. 61-71.

XAVIER, C. V. **Micaretas ou festas micaretas? Sobre espaços públicos e privados, lugares e locais na turistificação da folia em Goiânia**. Tese (Doutorado em

Geografia) - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Universidade Federal de Goiânia, Goiânia, 2010.

### **Fontes de Pesquisa – Entrevistas**

Alexandre Cabrino Salomão, 10 de julho de 2014. Mídia: 1 arquivo mpeg-4 - 35min42seg

Cristiane de Almeida Martins, 20 de julho de 2014. Mídia: 1 arquivo mpeg-4 - 9min48seg

Elilian Cristiane da Cruz, 28 de junho de 2014. Mídia: 1 arquivo mpeg-4 - 3min19seg

Fernando Moreira, 23 de julho de 2014. Mídia: 1 arquivo mpeg-4 - 10min51seg

Gabriel de Souza Martins, 28 de junho de 2014. Mídia: 1 arquivo mpeg-4 - 14min56 seg

Venécia de Almeida Martins, 20 de julho de 2014. Mídia: 1 arquivo mpeg-4 - 7min55seg

Washington Alessandro de Campos, 10 de julho de 2014. Mídia: 1 arquivo mpeg-4 - 11min32seg

**APÊNDICE A: Termos de autorização**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu, João Augusto Mattos CPF: 162.861.828-7, RG: 22.128.874-5 SSP-\_\_\_\_, no cargo de presidente da Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, por meio do presente termo, a pesquisadora Fernanda Camargo Schmidt Marques CPF: 350.213.128-71, RG: 43.777.639-6 SSP-SP, autora do projeto e responsável pela pesquisa intitulada "As práticas de hospitalidade na Escola de Samba Camisa Verde e Branco" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, *slides* e transparências), em favor da pesquisadora da presente pesquisa, acima especificada.

São Paulo, 12 de Março de 2014.

João Augusto Mattos  
Participante da pesquisa

Fernanda C.S. Marques  
Pesquisador responsável pelo projeto

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO**

Eu Callean Custome de Cruz CPF 100.349.708-00  
RG 185416104 SSP-SP, AUTORIZO, por meio do presente termo, a  
mestranda Fernanda Camargo Schmidt Marques, do projeto de pesquisa intitulado  
"As práticas de hospitalidade na Escola de Samba Camisa Verde e Branco", a colher  
meu depoimento e utilizá-lo em nível acadêmico, sem quaisquer ônus financeiros a  
nenhuma das partes.

São Paulo, 28 de junho de 2014

Callean C. de Cruz  
Participante da pesquisa

Fernanda C.S. Marques  
Pesquisador responsável pelo projeto

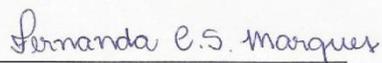
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO**

Eu Gabriel de Souza Martins CPF 359.253.778-20  
RG 3941.802-6 SSP-SP, AUTORIZO, por meio do presente termo, a  
mestranda Fernanda Camargo Schmidt Marques, do projeto de pesquisa intitulado  
"As práticas de hospitalidade na Escola de Samba Camisa Verde e Branco", a colher  
meu depoimento e utilizá-lo em nível acadêmico, sem quaisquer ônus financeiros a  
nenhuma das partes.

São Paulo, 28 de Junho de 2014



Participante da pesquisa



Pesquisador responsável pelo projeto

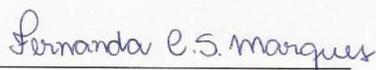
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO**

Eu ALEXANDRE CABRINO SALOMÃO CPF 104.432798-70  
RG 1818985-7 SSP-SP, AUTORIZO, por meio do presente termo, a  
mestranda Fernanda Camargo Schmidt Marques, do projeto de pesquisa intitulado  
"As práticas de hospitalidade na Escola de Samba Camisa Verde e Branco", a colher  
meu depoimento e utilizá-lo em nível acadêmico, sem quaisquer ônus financeiros a  
nenhuma das partes.

São Paulo, 10 de Julho de 2014



Participante da pesquisa



Pesquisador responsável pelo projeto

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO**

Eu WASHINGTON ALESSANDRO, CPF 251770888-63  
RG 28044.101-7 SSP-SP, AUTORIZO, por meio do presente termo, a  
mestranda Fernanda Camargo Schmidt Marques, do projeto de pesquisa intitulado  
"As práticas de hospitalidade na Escola de Samba Camisa Verde e Branco", a colher  
meu depoimento e utilizá-lo em nível acadêmico, sem quaisquer ônus financeiros a  
nenhuma das partes.

São Paulo, 10 de JULHO de 2014.

Washington Alessandro  
Participante da pesquisa

Fernanda C.S. Marques  
Pesquisador responsável pelo projeto

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO**

Eu Cristiane de Almeida CPF 05.365.568-22  
RG 02947180 SSP-SP, AUTORIZO, por meio do presente termo, a  
mestranda Fernanda Camargo Schmidt Marques, do projeto de pesquisa intitulado  
"As práticas de hospitalidade na Escola de Samba Camisa Verde e Branco", a colher  
meu depoimento e utilizá-lo em nível acadêmico, sem quaisquer ônus financeiros a  
nenhuma das partes.

São Paulo, 20 de julho de 2014.

  
\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

Fernanda C.S. Marques  
\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável pelo projeto

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO**

Eu Virgínia de Alcindo Martins, CPF \_\_\_\_\_,  
RG 11.418.018 SSP-SP, AUTORIZO, por meio do presente termo, a  
mestranda Fernanda Camargo Schmidt Marques, do projeto de pesquisa intitulado  
"As práticas de hospitalidade na Escola de Samba Camisa Verde e Branco", a colher  
meu depoimento e utilizá-lo em nível acadêmico, sem quaisquer ônus financeiros a  
nenhuma das partes.

São Paulo, 20 de JULHO de 2014.

Virgínia A. Martins  
Participante da pesquisa

Fernanda C.S. Marques  
Pesquisador responsável pelo projeto

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO**

Eu José Roberto Moreira, CPF \_\_\_\_\_,  
RG 4669614-3 SSP-SP, AUTORIZO, por meio do presente termo, a  
mestranda Fernanda Camargo Schmidt Marques, do projeto de pesquisa intitulado  
"As práticas de hospitalidade na Escola de Samba Camisa Verde e Branco", a colher  
meu depoimento e utilizá-lo em nível acadêmico, sem quaisquer ônus financeiros a  
nenhuma das partes.

São Paulo 23 de Julho de 2019

José Roberto  
Participante da pesquisa

Fernanda C.S. Marques  
Pesquisador responsável pelo projeto

**APÊNDICE B: Transcrição das entrevistas**

**Entrevistada I:** Elilian Cristiane da Cruz

Função: Coordenadora de ala

**Elilian:** Meu nome é Elilian Cristiane da Cruz, sou coordenadora de ala. Faço parte da comissão de membros de todas as alas e to aqui desde os meus 15 anos. Hoje tenho 45 anos, sempre a família toda participando. Meu tio foi um dos primeiros batuqueiros, tocava o surdão aqui, então sempre frequentei.

**Fernanda:** E você desfila desde quando?

**Elilian:** Desde que eu tinha 15 anos, que eu comecei a desfilar.

**Fernanda:** Qual o vínculo que você tem com a comunidade? O que a escola representa para você?

**Elilian:** A minha família praticamente é daqui, então, assim, pra gente é uma segunda casa. A gente participa bastante mesmo. Minha filha foi rainha mirim de bateria, meu filho é da comissão de frente e minha sobrinha é porta-bandeira mirim. É uma família mesmo, temos isso aqui como uma segunda família.

**Fernanda:** Você estabeleceu algum contato aqui? Conheceu alguma pessoa que virou sua amiga, que criou vínculo, que hoje você considera como amiga mesmo?

**Elilian:** Sim, muitas. Muitas amigas minhas, nesse decorrer do período que eu to aqui. A gente faz aquelas amigas mesmo pro resto da vida, amigas sinceras.

**Fernanda:** Que você conheceu aqui dentro?

**Elilian:** Conheci aqui dentro.

**Fernanda:** E você sente a quadra como um lugar de encontro? Como você falou, como se fosse a sua segunda casa, é isso?

**Elilian:** Sim, é um encontro mesmo. A gente se reúne pra quase tudo, quer marcar uma festa, aniversário do pessoal, chá de bebê... faz tudo na quadra, que é um lugar mais fácil pra todo mundo se reunir mesmo.

**Fernanda:** Como vocês são incentivados a participar do carnaval e do dia a dia da escola? Tem algum incentivo? O presidente incentiva vocês? Como funciona?

**Elilian:** Assim, tudo mesmo é pelo amor ao trevo, né?! Esse é o nosso incentivo, ver a nossa escola melhor, cada ano melhor, superando, né, as outras escolas. É amor mesmo.

**Fernanda:** Quando você frequenta o Camisa Verde? Em que ocasiões?

**Elilian:** Olha, eu venho desde a apresentação do samba-enredo, eliminatória do samba-enredo e as festas. Tem festa relacionada ao Camisa, eu to participando.

**Fernanda:** Em todas as ocasiões?

**Elilian:** Em todas ocasiões, todos os eventos. Eu não espero chegar somente os ensaios perto de carnaval, não. É eliminatória de samba-enredo, apresentação do samba-enredo, apresentação das escolas, eu to participando.

**Fernanda:** Como você vê os turistas que participam da escola? Tanto aqueles que aparecem de vez em quando nos ensaios só para ver como é, quanto aqueles que compram a fantasia para o carnaval e que não têm nenhum vínculo com a escola. O que você acha? Têm importância para você, para a escola?

**Elilian:** Não, tem importância, sim, porque é um público diferenciado. De repente, se eles gostam de sair naquele ano, eles voltam outros anos, trazem amigos... Então, é um público que a gente precisa, sim, que tenha na quadra, que participe. E nós damos sempre aquela atenção para eles.

**Fernanda:** Tem mais alguma outra coisa, que você queira contar, em toda essa sua trajetória no Camisa?

**Elilian:** Não, é isso mesmo.

Encerra-se a entrevista.

**Entrevistado II:** Gabriel de Souza Martins, o Mestre Gabi

Função: Mestre-sala

**Gabriel:** Meu nome é Gabriel de Souza Martins e todos me chamam de Mestre Gabi, né. Por que Mestre Gabi? Porque eu sou mestre-sala, né, não em atividade hoje, mas fui mestre-sala na Barroca da Zona Sul e no Camisa Verde, né. Durante 11 anos na Barroca e aqui no Camisa, treze, quatorze (anos), por aí. E meu cargo aqui no Camisa é coordenador do setor de casais.

**Fernanda:** E como começou a sua trajetória no carnaval?

**Gabriel:** Ah, minha trajetória começou há muito tempo atrás, né... Numa escola lá da Vila Antonieta, Vila Rica. Mas lá eu não participava, assim, ativamente. Comecei a participar mesmo, ativamente, não simplesmente como um componente, mas já fazendo parte da ala de compositores, né, na Barroca da Zona Sul. Aí sim, compositores. Isso em 1980...79, 80, por aí. E em 83 eu ganhei um samba-enredo lá na Barroca da Zona Sul e

ele é até comentado hoje, que foi os 75 anos de imigração japonesa, então, foi muito divulgado. Porque vieram 200 japoneses do Japão. Naquela época, né?! Pra desfilarem na escola... Então foi muito, assim, divulgado. Então fui chefe de ala, fui presidente de conselho da escola. Aqui no Camisa eu já fui presidente da ala de compositores, já fui... O que mais? Ah, mestre-sala, né?! Lógico. E outras coisinhas, que foi ajudando a comissão do carnaval, ajudando também a presidência, então estou aí no Camisa.

**Fernanda:** E desde quando o senhor está no Camisa?

**Gabriel:** Desde 1989.

**Fernanda:** Como mestre-sala? O senhor começou como mestre-sala, foi isso?

**Gabriel:** Como mestre-sala. Comecei porque a Magali convidou a Vivi, que é minha esposa, pra sair na escola como porta-bandeira e ela não era porta-bandeira, né. Eu, sim, eu mestre-sala, mas ela não era. Mas aí ela (Magali) pediu, pediu, e teve uns problemas na escola, então a Vivi aceitou. Mas daí o mestre-sala que existia na escola não quis. Então, a Magali disse que era para eu dançar com ela, e aí fizemos esse par que até hoje, a gente tá por aí, né... nas graças do povo.

**Fernanda:** E qual o vínculo que o senhor tem na comunidade? O que o Camisa significa para o senhor?

**Gabriel:** Ah, o Camisa significa muito, porque, você tem, dentro da comunidade, você tem crianças, velhos, jovens, adultos... Então, hoje, no Camisa, você vê crianças, que eram crianças, e hoje são moças, senhoras já casadas. Inclusive nosso mestre de bateria, ele era criancinha quando a gente chegou, e hoje ele é o mestre. Então, a gente cria esse vínculo com a comunidade sambística da Barra Funda, que é difícil. Hoje, por exemplo, eu deveria estar lá no meu bairro, onde eu moro, há 63 anos eu moro lá, mas eu me encontro aqui, vim me reunir aqui com o pessoal. Então ela faz parte da nossa vida. Essa atividade que a gente tem dentro do samba faz com que a gente crie um vínculo, assim, que é muito difícil de separar, principalmente, quando você é benquisto por todo mundo, então, isso é maravilhoso. As pessoas que não são, não entendem esse lado da escola de samba e da comunidade, não entendem.

**Fernanda:** O senhor estabeleceu algum contato que criou vínculo, fez muitas amizades aqui no Camisa?

**Gabriel:** Ah, sim, aqui eu tenho amizades. Agora... O engraçado é que eu tenho amizades aqui no Camisa e em todas as outras escola de samba. Eu sou privilegiado, sinceramente, eu sou privilegiado, porque eu falo para você que o samba de São Paulo me adotou, todo mundo, eu não tenho um lugar que eu chego, em alguma quadra,

alguma comunidade do samba que eu não sou bem tratado, não tem. Eu não posso te falar uma, de falar assim "Ah, eu não gosto de ir lá porque indo lá..." Sabe?! Então, tive a honra de ter sido Cidadão Samba da nossa cidade, então você ser Cidadão Samba da maior cidade da América Latina é uma coisa grandiosa, além de ser Embaixador do Samba da nossa cidade. E isso deixa a gente, assim, muito envaidecido, às vezes fala assim "Nossa, Gabi, você deveria ser mais orgulhoso". Não há necessidade.

**Fernanda:** O senhor sente a quadra um lugar de encontro, uma segunda casa, por exemplo?

**Gabriel:** Exatamente, é uma segunda casa mesmo. Tanto que eu disse a você, eu estive aqui anteontem, estive ontem, estou hoje e provavelmente estarei amanhã. Então é uma extensão mesmo. Você às vezes está sentado na sala da sua casa e fala assim "Ah, eu vou dar uma chegada no Camisa". E eu não moro perto, eu moro a 15 km daqui.

**Fernanda:** Eu imaginei que muitas pessoas morassem aqui perto.

**Gabriel:** Não, não, não... Tem muita gente que mora aqui na Barra Funda, mas tem muita gente que é de fora.

**Fernanda:** Mas se identificam com o bairro...

**Gabriel:** Se identifica, então, é gratificante isso. Para a gente isso é muito gratificante.

**Fernanda:** Em que ocasiões o senhor frequenta a escola? Tem alguma ocasião específica?

**Gabriel:** Não, não tem. Até porque quando você faz parte integrante da escola, de uma forma mais ostensiva, você não tem dia, não tem noite. De repente, às vezes estou no trabalho, e vem uma ligação "Gabi, dá uma chegadinha aqui na Escola, nós precisamos conversar algumas coisas", às vezes a respeito de enredo, posicionamento, na avenida, de casais, etc. É uma função que a gente tem na escola que não te deixa... você (ficar) afastado, você está sempre. E quando não te chamam, você vem.

**Fernanda:** E quanto à organização da escola, como a comunidade é incentivada a participar, seja no dia a dia, seja para o desfile do carnaval. Tem esse incentivo?

**Gabriel:** Existe, existe. Embora, a gente está aprimorando mais esse incentivo, porque a nossa escola agora não está no Grupo Especial. E quando uma escola não está no (Grupo) Especial, ela sente uma diminuição de componentes, porque o componente de hoje não é como o componente antigo, que defendia a bandeira e podia ganhar ou perder, e você estava lá. Hoje não, o componente sai numa escola, se a escola não ganha, ele fala "Ah, não, eu vou pra outra (escola de samba), que a outra tá melhor", não tem fidelidade. E isso é o que a gente tem, a fidelidade ao pavilhão.

**Fernanda:** O senhor tem essa fidelidade, pelo que eu percebi.

**Gabriel:** Nossa Senhora, eu, como diz o nosso hino, Camisa Verde até a morte. Então, Camisa Verde, eu defendo esse pavilhão com muita honra mesmo.

**Fernanda:** O Senhor dá um curso para casais de mestre-sala é isso?

**Gabriel:** Isso.

**Fernanda:** Como é que funciona? É só para o Camisa Verde ou é para outras escolas também?

**Gabriel:** Não, isso é democrático, é um curso que a gente dá aqui no Camisa, o nome é Cisne do Amanhã. Eu pensei, quando nós fizemos, elaboramos o curso, que viessem muitas crianças, por isso Cisne do Amanhã, mas, ao contrário disso, vieram adultos, casais das nossas agremiações coirmãs... Vieram pra ter aulas junto aqui no Camisa, até escolas que são oponentes nossas, mas vem, tem aula comigo e a Vivi aqui no Camisa. Vem gente de Sorocaba, vem gente de Bragança, Santos, Guarujá, Serra Negra, Batatais, São Carlos, Rio Claro, tem muita gente. Te convido para dar um pulinho aí.

**Fernanda:** Quando que é?

**Gabriel:** Dia 6 (de julho de 2014) voltamos com as aulas, às 10h da manhã. Vem para você ver quanta gente tem aí, é lindo.

**Fernanda:** E com relação aos turistas, como o senhor enxerga esses turistas? Qual a importância deles para a escola e como é o relacionamento deles com a comunidade?

**Gabriel:** O turista, ele sempre é bem recebido numa comunidade de escola de samba. Não só na nossa, eu acredito que em todas elas. O que é um pouco difícil é a comunicação, mas quando eles se sentem bem acolhidos, bem recebidos, e a gente é muito receptivos a eles. Se não entende, a gente procura entender, com mímica e tal. Eles querem aprender a sambar e a gente ensina e tem umas meninas aí, que são de primeira linha, e ensinam também. Então, o turista, ele é sempre bem recebido. Nós temos gente aí, que vem desfilar com a gente, que não são daqui do Brasil... Chega o carnaval e, quando a gente vê, eles aparecem, porque se sentiram bem, então isso é gratificante pra gente também.

**Fernanda:** Mestre, tem mais alguma coisa que o senhor queira me contar, ressaltar sobre o Camisa ou sobre a sua trajetória?

**Gabriel:** Sobre o Camisa, eu tenho. Eu tenho... até fazer um convite para você desfilar com a gente, isso é muito importante.

**Fernanda:** Eu desfilei esse ano.

**Gabriel:** Desfilou, mas vai desfilar de novo. Às vezes, na primeira vez, a coisa é meio estranha, não sei como é que foi sua passagem lá pela avenida, mas é sempre bom. E eu faço sempre um apelo pra que as pessoas venham conhecer, mas não, assim, chega e fica inibido, não. Pode chegar e ver as pessoas que estão com a camiseta de diretor de harmonia, pode ir, pode conversar, pedir informação, ou na secretaria ou com as meninas do social. Então... Que venham, que serão bem acolhidos. E nós agora tivemos uma mudança, a nossa diretoria foi mudada, nós estamos com um novo presidente e esta é a tônica que ele botou, o Camisa precisa agregar todo mundo, então, que venham para o Camisa Verde. Venha que será bem recebido.

**Fernanda:** Muito obrigada, mestre.

**Gabriel:** Eu que agradeço.

Encerra-se a entrevista.

**Entrevistado III:** Alexandre Salomão, o Teta

Função: Diretor de carnaval

**Alexandre:** Meu nome é Alexandre Salomão, conhecido como Teta, e hoje estou na Comissão de Carnaval. Estou no Camisa desde 1982, que foi o primeiro desfile que eu fiz, e até agora não parei de desfilar, graças a Deus. Desfilei todos os anos.

**Fernanda:** Desde 1892? Direto?

**Alexandre:** Direto. Saindo em ala até 1990; em 1991, 1992 mais ou menos, eu saí como apoio de harmonia; em 1993, já fui colocado na harmonia e fiquei até 2003, 2004, depois assumi a direção geral de harmonia, e depois eu saí da direção de harmonia e fui para a comissão de carnaval. Foi alterando, diretoria entrou e saiu, mudou presidente e eu continuo sempre nessa parte movida com o carnaval.

**Fernanda:** E como você começou a participar? Como você chegou até o Camisa?

**Alexandre:** Eu era moleque, tinha 12 anos, e um dia eu vim em um ensaio com o pessoal que mora no meu bairro, entrei e comecei a olhar tudo e pensei “Nossa, que legal isso aqui, como será que funciona para desfilar?” Então eu fui perguntar para uma mulher como é que funcionava, e essa mulher era a Cidona, que tinha a ala da tia Cida, a ala Família Unida, e então eu comecei a desfilar. Ela me pegou pelo braço e falou “Vem cá que eu vou te mostrar como é que é. Você já vem para a ala e vê como

funciona tudo”. E depois de um ano eu já estava na casa dela, com 14 para 15 anos, ajudando a fazer fantasia para o carnaval. Coisa meio doida.

**Fernanda:** E qual o vínculo que você tem com a comunidade? O que significa para você ser Camisa Verde Branco?

**Alexandre:** É um negócio meio inexplicável, eu já fiquei afastado duas vezes do Camisa, não deixei de desfilar, mas eu fiquei afastado. Uma vez quando trocou a diretoria, de 2006 para 2007, e voltei para desfilar em 2007 como apoio de harmonia. O pessoal me convidou que era o apoio, desfilei debaixo do carro, que quebrou e ninguém queria ficar no meio da roda, e ficou eu e o Toto, que é um dos diretores da escola, também antigo aqui, segurando a roda, porque você via na cara do povo a ânsia de querer subir, a escola estava no Acesso, o carro quebrado e um monte de gente olhando para o carro no desespero, me joguei para baixo do carro e peguei a avenida inteira só segurando o carro no meio da perna. Então é gratificante quando você vem aqui e as pessoas falam “você estava sumido, legal que você voltou”, sou uma pessoa muito difícil de brigar, mas tenho brigas com todo mundo, e é normal e faz parte da vida. Minha mãe, minha sogra e minha mulher saem aqui no Camisa, minha filha vai sair, minha ex- mulher saía, então, quer dizer, nesses 32 anos muita coisa se formou vindo para o Camisa Verde. Já perdi casamento, já perdi trabalho, mas o Camisa continua na minha vida, é um amor meio que inexplicável. Eu digo para todo mundo que é uma doença incurável, e se Deus quiser, eu morro com essa doença.

**Fernanda:** Eu lembro que naquele dia você comentou que é tipo um câncer na sua vida.

**Alexandre:** É um câncer! Mas é isso mesmo, é tipo um câncer, você não tem como curar. Essa época que eu fiquei afastado, eu sentia muita falta da escola, você falava com as pessoas e comentavam e explicavam, e por não concordar com tipos de direcionamentos com a escola, você se afasta, não concordo e vou me afastar. Mas se ela precisa de você para alguma coisa, você põe o pé na escola e vem para ajudar. É amor, não tem muito o que discutir, isso aqui é amor.

**Fernanda:** E aqui no Camisa você estabeleceu muitos contatos que criaram vínculos? Pessoas que conheceu aqui e que hoje são grandes amigos?

**Alexandre:** Bastantes pessoas, eu tenho até um exemplo, que é o próprio Adão, que é o vice da escola, ele era um batuqueiro, e em uma situação que precisava de gente para ajudar em uma situação que ocorreu na escola, ele veio me ajudar muito, indo atrás de fantasia de ala, carro alegórico, e você vê hoje ele é um vice aqui da escola, já tem um conhecimento, mas foi um cara que eu aprendi a gostar aqui dentro.

**Fernanda:** Que você conheceu aqui dentro?

**Alexandre:** Conheci aqui dentro. Minha ex-mulher conheci aqui dentro, minha atual mulher também conheci aqui dentro. Meu primeiro casamento acabou por causa do Camisa Verde, era Camisa Verde ou então, então tá bom. Naquela época o desfile era só de sábado, saía de casa na sexta-feira, e fui aparecer em casa na Quarta-feira de Cinzas, então acabou de vez. Mas tem as amizades, o Adão é um dos caras, o Rafael, a Ju, que é uma amiga minha há muito tempo, que eu conheci na ala, são pessoas que eu tenho contato até hoje. Das pessoas que eu tenho contato há mais tempo é a Ju, Bebel, Butil, são os três irmãos, que eram da ala da Cida, o Fabinho que hoje é diretor-geral de harmonia, que conheci aqui dentro, é um irmão que eu tenho de espírito, brigamos igual gato e cachorro, mas é meu irmão de espírito, tem tantas pessoas que eu conheci aqui dentro, que se eu começar a numerar nós vamos ficar até amanhã, tem muita gente. Não quero também ser leviano e deixar faltar alguém, mas é uma família que você cria aqui, querendo ou não.

**Fernanda:** E você trouxe pessoas para o Camisa?

**Alexandre:** Muitas pessoas. O irmão da minha primeira mulher desfilava na harmonia aqui comigo, mas agora ele parou um pouco com o carnaval e não quer mais vir. Agora de componentes, se você pegar alguns setores da harmonia, da molecada que está aí, e que eu trouxe para cá e não gostava de carnaval, ou não tinha a experiência com carnaval e aprenderam a gostar, são vários componentes que você bate o olho e sabe que aquela cara fui eu que trouxe para cá, que é amigo meu fora do Camisa, e também criou um vínculo aqui dentro.

**Fernanda:** E não sai mais?

**Alexandre:** Difícil sair, muito difícil. Com exceção desse que eu te falei, ele deu um tempo e foi morar na Austrália, parou com tudo, o resto você vê que estão nos ensaios, nas alas e isso é legal para caramba. Estão montando juntos e são pessoas que aprenderam a gostar da escola também.

**Fernanda:** Como você chegou nesse cargo de diretor de carnaval? Foi com a frequência?

**Alexandre:** Foi com a frequência. Já fui diretor de harmonia, tenho um pouco de experiência em carnaval. A primeira vez que eu peguei efetivo como diretor de carnaval foi em 2008, quando saiu o diretor de carnaval, e então o presidente perguntou se eu podia fazer, mas eu não tinha a ênfase de carnaval englobando tudo, em 2011 sim, daí eu já peguei englobando tudo. Sou um cara mais específico, eu gosto mais de fantasia e

terreiro. Barracão eu não gosto de mexer muito, é uma coisa minha, eu acho que se tem um diretor de barracão, você tem que cobrar dele como está o andamento. Agora o meu negócio é aqui, é chão, harmonia, ver como está o trabalho, ver fantasia, colocar o dedo, agora, por exemplo, na festa da posse. São coisas mais aqui de dentro, mais por experiência. Sou um cara que ia muito para o Rio, faz tempo que eu não vou, mas eu ia muito para o Rio de Janeiro.

**Fernanda:** Você já desfilou lá?

**Alexandre:** Não. Os caras falam "Você tem que ficar em São Paulo e ver as escolas nas daqui", mas eu quero me espelhar no que é bom, e o que é bom é no Rio de Janeiro, é uma base.

**Fernanda:** Pelo que eu vi e entendo, as escolas de São Paulo se espelharam e se espelham de alguma forma nas escolas do Rio de Janeiro, certo?

**Alexandre:** Se quiser aprender alguma coisa, eu vou na Portela, na Mangueira que em matéria de *marketing* é a mais forte do Brasil. Eu vou em uma Imperatriz Leopoldinense, que em matéria de desfile técnico é a melhor que tem, hoje eles estão meio perdidos, mas era sempre desfile técnico, eles não faziam o desfile para povo, e sim para jurado. Que é o que temos que bater aqui no Camisa, parar de querer agradar o povo e agradar o jurado, que é ele que vai dar a nota, então se você inventa muita coisa ou faz alguma coisa que não está no contexto do jurado para agradar o povo "Fizemos isso, Tá legal", mas e a nota? Veio? Não veio, então não interessa. Então eu sempre gostei de me espelhar nessas escolas do Rio, acho que eles têm muito mais a dar do que as escolas de São Paulo. Não que as escolas de São Paulo não tenham a dar, temos grandes exemplos hoje em São Paulo, mas ainda não dá para comparar com as do Rio de Janeiro, estamos ainda anos-luz com o que eles têm hoje, não dá para comparar. Eles estão muito mais à frente, uma verba de uma escola do Grupo Especial do Rio, pela Prefeitura é R\$ 4 milhões, eles recebem mais ou menos R\$ 5 milhões de patrocínio, mais ou menos R\$ 9 milhões. Com esse valor aqui nós fazemos três anos seguidos, não dá para comparar.

**Fernanda:** Você acha que para eles é mais fácil conseguir patrocínio do que as escolas de São Paulo?

**Alexandre:** É mais fácil porque a Prefeitura do Rio de Janeiro investe muito mais, não só a Prefeitura, mas o governo também ajuda. Aqui a Prefeitura de São Paulo ajuda as escolas, a verba é boa também para o (Grupo) Especial, com uma verba de R\$ 1 milhão e 700, e os de Acesso são R\$ 450 mil que não dá para fazer nada. Só que no Rio entra

muito, por ser uma cidade turística, o que eles conseguem aproveitar disso, então engloba. Então você fala em carnaval de São Paulo sinônimo de Rio de Janeiro, porque São Paulo é muito associado a trabalho, é diferente, mas se São Paulo tivesse um investimento como se tem no Rio de Janeiro, dava uma melhorada também.

**Fernanda:** Você acha que a Prefeitura podia investir mais?

**Alexandre:** O governo do estado. A Prefeitura já investe no que consegue investir. Ela não precisa captar e dar em dinheiro, mas a Prefeitura podia arrumar parcerias com as escolas, por exemplo, “Nós vamos falar no ano que vem um enredo que fala do minério do Brasil”, então todas as escolas são obrigadas a falar sobre minério, nós vamos ter as empresas que vão vir e dividir a cota com vocês e fazer um carnaval por igual. Eu vejo que nós tivemos um carnaval em 2000, se eu não me engano, que foi dividido assim, cada escola falava de uma parte do descobrimento do Brasil, então ficou dividido isso para cada escola de São Paulo, achei que ficou um carnaval mais nivelado.

**Fernanda:** Mas nesse caso, quem escolheu o tema foi a Prefeitura?

**Alexandre:** Foi sorteio, tiveram vários temas, e cada escola pegou sua parte. A parte do Camisa ficou para falar um pouco de São Paulo. Foi um carnaval legal, gostei bastante. Mas até passar isso pela cabeça deles. São eles que decidem lá, e não a gente, não tem muito o que discutir. Mas eu acho que falta esse investimento, São Paulo precisaria um pouco mais de apoio, não digo monetário, mas, sim, de parcerias para o carnaval, isso precisava fazer.

**Fernanda:** E o que a quadra do Camisa representa para você? Você sente como se fosse sua segunda casa, um lugar onde você encontra as pessoas?

**Alexandre:** Minha casa. Quando conheci essa escola, era chão de terra e não tinha teto, o Camisa era assim. Terrão, não tinha esse teto, a secretaria, que hoje é aqui em cima, era lá embaixo onde tem a sala de troféu. Então você viu a evolução da quadra e tudo mais, é minha casa. Estou indo para a Barra Funda, lá em casa minha mulher sabe, minha mãe sabia, se os caras queriam me achar “Onde ele está agora? Não está trabalhando, está na quadra”. É um quarto a mais que eu tenho, eu sinto como se fosse a minha casa, quando teve esse problema com o Emurb, nós participamos da negociação para ver o telecentro, fiquei incumbido de ir atrás de documento, que enche o saco, fui atrás de toda a documentação e levantamos. O oficial de justiça quando falou ia fechar a quadra na segunda-feira às 10h, levantamos segunda-feira e 8h30 estava todo mundo aí na frente,”Vamos se jogar, chamar a imprensa”, porque é um patrimônio público, a gente entende isso, mas também é um patrimônio cultural de São Paulo que a gente não

pode perder, você sabe disso. É um patrimônio cultural, o Camisa Verde é uma escola que teve o embrião lançado 100 anos atrás. Camisa Verde é a única escola de São Paulo que conseguiu ser tetracampeã sem dividir título com ninguém, é a escola que apesar de estar sem ganhar um título desde 1993, é a segunda escola com títulos em São Paulo. O Camisa Verde lançou para o samba aqui em São Paulo, Reinaldo, Zeca Pagodinho, Sensação, Negritude Júnior. Tudo saíram daqui.

**Fernanda:** Eles todos saíram daqui?

**Alexandre:** Saíram daqui. O Zeca tinha muito sucesso no Rio de Janeiro, começando o sucesso no Rio, e como ele era muito amigo do Tobias, ele vinha para São Paulo, então, tenho fotos do Zeca desfilando no Camisa, tenho vídeos dele desfilando no Camisa, tem ele falando que ele é Camisa Verde em *show*. O Reinaldo, o Príncipe do Pagode, também pela amizade estava aqui. Negritude, Sensação... Negritude começou nos festivais que tinham aqui no Camisa, que era o Botequim de sábado à tarde, e o Sensação já era tudo molecada daqui, eles tinham um outro nome de grupo antes de formar Sensação, mas que eu não estou lembrando agora, mas são todos daqui, então começaram no Camisa. Tem outros grupos que também começaram e acabaram aqui. O Camisa tem muita história para ser rifado por problemas de outras gestões, que não vem ao caso, porque o patrimônio Camisa Verde e Branco, que eu conheci o grêmio recreativo, Grêmio Recreativo Mocidade Escola de Samba Camisa Verde e Branco, e não a Associação Cultural. Acho que tinha que ter um pouco mais de respeito, eu entendo o lado político, eles têm que dar uma satisfação para o povo, normal isso, mas acho que eles tinham que analisar em matéria de cultura o que significa o Camisa para São Paulo. Se você for no Rio de Janeiro e falar de escola de samba, eles vão falar de Camisa Verde e Vai-Vai, não sabem o que são as outras histórias. Escolas de torcidas para eles são torcidas, não tem nada a ver. Então tem uma cultura muito grande para você desperdiçar ou perder, e isso é o receio que todo mundo que está aqui tem. Mas vamos ver o que vai acontecer agora, espero que agora o Veloso consiga dar uma mexida e manter a quadra, não podemos perder mesmo com esses vazamentos, não podemos perder.

**Fernanda:** Em que ocasiões você frequenta a escola? Quando você vem para cá? Precisa ter alguma coisa, ensaio ou não precisa ter motivo?

**Alexandre:** Não, não tem motivo. Janeiro e fevereiro, que é época de carnaval, diariamente, não tem como, ou para cá, ou fazer alguma coisa para fora que é do Camisa, ou Barracão. Agora estamos vindo pelo menos duas vezes por semana, agora

nessa época, porque como teve muita mudança de diretoria, está tendo muita reunião. Marquei essa reunião agora com você, que é às 19h, tenho outra às 20h, e depois outra às 21h, e vamos tentando matar. Enquanto consigo encaixar na agenda, legal, depois quando não der mais, pulo para sábado. Não tem dia certo para vir, vira e mexe tenho que vir para cá, estou vindo hoje, segunda-feira tenho que vir de novo.

**Fernanda:** Mesmo que não tenha nada?

**Alexandre:** Sempre tem, ou você passa de carro e dá uma entrada na quadra, e vê quem está lá e toma um café. Ou tem alguém que fala que tem um probleminha e se dá para passar lá na quadra, e eu venho e converso, não tem como, você vem direto.

**Fernanda:** E o que é o Camisa para você hoje?

**Alexandre:** O Camisa é minha vida, o Camisa é... Tantas situações que eu passei no Camisa e pelo Camisa, que eu já numerei aqui. O Camisa não é uma pessoa para você jogar na cara, mas é aquela que você podia falar “Perdi casamento por você, perdi trabalho por você, fui indiciado na polícia por você”, é o que eu te falo é inexplicável, a gente passa por situações, o Camisa está ruim de dinheiro e você fala se a gente virar cordão, eu vou ser aquele nozinho que vai segurar, estaremos juntos. É uma coisa... É complexo de se explicar, é a vontade de ver o Camisa bem de novo, como já estive, é gostar de ver essa quadra cheia, é você brigar na rua com alguém por causa do Camisa... fala mal do Camisa, você briga. É igual filho feio, você fala para a mãe e ele sempre vai ser lindo, o filho pode ser o pior do mundo, mas ele vai ser o mais lindo para a mãe.

**Fernanda:** Mas para você ele é perfeito...

**Alexandre:** Perfeito, não tem um defeito, não tem nem chulé, nem micose, nada. Ele é perfeito. Aquela coisa perfeita... É um negocio meio complicado de explicar, você vê outras escolas de São Paulo avançando no tempo, bem na frente da gente, por incompetência da gente também, incompetência nossa. E você fala “Por que a gente não está assim?” A gente até sabe o porquê, estamos trabalhando para tentar mudar. Se você pegar a apuração desse ano, eu estava no Rio (de Janeiro) e não tinha um lugar para ouvir a apuração do Grupo de Acesso. Imagina o meu desespero? Eu ligando para esses caras que estavam no Anhembi a cada dois minutos “E aí, que nota deu? Que nota deu?”, mas sem querer ver nada. Passou no canal Viva o desfile, mas a apuração não passou.

**Fernanda:** Mas ia passar, não ia?

**Alexandre:** Ia passar, mas não passou.

**Fernanda:** Eu cheguei a vir até a quadra, e o pessoal aqui reunido e eu acho que as pessoas também estavam esperando passar.

**Alexandre:** Pois é, também tinha essa informação que ia passar no Viva, mas não passou.

**Fernanda:** Foi um desespero, todo mundo tentando ouvir no rádio e ver na internet...

**Alexandre:** Imagina, vocês estavam aqui... E eu no Rio?! É um negocio que eu tinha prometido para mim, que não ia mais para a apuração, porque fui na apuração em 2011, passei mal, cai na avenida e parei no hospital, deu um ataque cardíaco. 2012 foi o rolo das notas, que entramos lá e rasgamos um monte de papel, quase fui em cana, fui indiciado. 2013 eu fui para lá, porque eu falei que não ia deixar de ir e na hora que eles foram dar uma nota de alegoria para o Camisa, a nota se perdeu, e todo mundo com a câmera em cima de mim, e eu falei que estava quieto e não ia falar nada "Vocês estão vendo a palhaçada que é isso aí". Porque todo mundo sabe que você tem o pavio um pouquinho curto com essa situação. Esse ano eu não fui porque eu não estava. Na realidade, eu me afastei da escola por conta do antigo presidente, não pelo Kaçula, antes dele. Prometi para mim que não ia colocar o pé aqui dentro enquanto ele estivesse e só coloquei depois que ele saiu. Mas um monte de coisa que você vê errada e você não pode falar, você não está na testa, então tem que respeitar os outros, mas é um negócio complicado, você explicar o que é Camisa Verde é complicado, você perde muito. Mas eu não me arrependo ter perdido as coisas, está tudo em casa, tudo em ordem.

**Fernanda:** E como a comunidade é incentivada a participar da escola, não só no carnaval, mas dos ensaios, do dia a dia? Tem esses incentivos?

**Alexandre:** Hoje rola o boca a boca e as redes sociais. O que o Camisa precisa fazer? Isso é uma ideia que teve quando lançou a chapa do Veloso, a gente conversando... É recuperar a comunidade da Barra Funda. E como é que nós vamos recuperar nossa comunidade? Deixando a quadra aberta, fazendo evento na quadra para as pessoas virem, convidando as pessoas via carta, via telefone, via *e-mail*, via *whatsapp*, via o que for, mas trazer de novo esse pessoal para cá. Dar um pouco de valor para as pessoas que saíram daqui magoadas e você sabe que é por causa de coisa besta. Nós temos a obrigação de trazer essas pessoas de volta. Tanto aqui na Barra Funda, que é fazer o que o Camisa fez há 20 e 30 anos atrás, que subia a ponte para fazer ensaio do outro lado da Barra Funda, fazendo o ensaio lá em cima, ir aqui por trás e fazer o ensaio de rua, que esse ano vai dar para fazer de novo. O pessoal da Barra Funda gosta da escola, mas está afastado por causa de um monte de problema que houve aqui dentro. É o que eu te falei:

a pessoa não concorda, ela se afasta. É uma obrigação nossa trazer essas pessoas de volta para cá.

**Fernanda:** Mas a comunidade não é formada só por moradores da Barra Funda, pelo que eu percebi...

**Alexandre:** Não, o Camisa é Vila Carolina, Barra Funda, Pompeia, Lapa, Zona Sul, Zona Leste tem um monte de gente que gosta do Camisa. Mas temos que começar a forçar o pessoal da Barra Funda a começar a ter mais atenção com a escola, e isso é primordial.

**Fernanda:** E como é que funciona? Mesmo que a pessoa não more na Barra Funda, ela se identifica com o bairro, é isso? Com a escola?

**Alexandre:** Não, geralmente as escolas têm uma associação com o bairro delas. Você vê, Peruche porque é no Parque Peruche, Morro da Casa Verde fica na Casa Verde, Império da Casa Verde é na Casa Verde, Vai-Vai é sinônimo de Bexiga, todo mundo sabe, Vila Matilde sabe que é na Zona Leste, Leandro de Itaquera que é lá também. Tem uma associação, não é Camisa Verde da Barra Funda, mas tem uma associação com a Barra Funda. Só que o foco do Camisa Verde hoje é na Zona Norte e Barra Funda. Zona Norte: Bairro do Limão, Freguesia, Vila Carolina, Vila Prado... É uma região que tem muita gente do Camisa Verde. Você vai na Pompeia, tem muita gente que gosta (que é) de lá. Apesar de lá ser a escola da Águia de Ouro, muita gente gosta do Camisa. Então tem que recuperar esse povo que está afastado. Você vai em escolas por aí e vê um monte de componentes que eram do Camisa, você conhece o componente e fala para ele voltar para lá e ele fala que vai voltar, mas se saiu foi por algum problema que houve, alguma mágoa e nós não sabemos qual foi. Não sabemos de todos os problemas, mas tem que descobrir quais são e resgatar essas pessoas.

**Fernanda:** Com relação aos turistas, qual a importância deles para o Camisa Verde? E como vocês se relacionam com eles? Como enxergam a vinda dos turistas para o Camisa?

**Alexandre:** Hoje não tem nenhum trabalho feito, se alguém falar que tem, está mentindo, não tem nenhum trabalho.

**Fernanda:** Isso que eu queria saber também, se vocês desenvolvem alguma ação com intuito de captar turistas.

**Alexandre:** Não tem. A gente está com a intenção de entrar em contato com alguns hotéis e ver se conseguimos um meio campo para jogar com esses hotéis e trazer essas pessoas para os ensaios. Para desfile, é um pouco mais difícil porque o Camisa desfila

no Acesso. E o que o componente quer? Ele quer televisão, ele quer mídia. Você não vai pagar para entrar num desfile, uma fantasia que vai desfilar para o cimento. A não ser que os caras sejam os apaixonados pela agremiação como eu sou, como alguns são. É difícil você trazer o turista, é mais fácil trazer o turista para desfilar sexta e sábado em São Paulo, porque o cara que gosta de carnaval e de desfile, ele desfila em uma escola em São Paulo e depois desfila em uma no Rio de Janeiro, normal o cara fazer isso. Ou até (desfila em) duas em São Paulo e duas no Rio, tem gente que consegue. Mas hoje o trabalho do Camisa não tem nenhum trabalho voltado para turistas.

**Fernanda:** E vocês pensam em desenvolver alguma ação?

**Alexandre:** Pensamos, mas para desenvolver alguma ação tem um outro trabalho que é trazer alguém de turismo, alguém de faculdade para cá, para começar a minar um trabalho. E falar que a escola não quer ganho, quero que traga as pessoas para cá. Nós vamos disponibilizar para o cara a entrada, se ele quiser um camarote, ele compra para subir. Geralmente, eles vão querer um camarote, porque o público é diferente, não é público de chão, é público de camarote. Tem diferença do público de chão. O cara entrou e está perto da bateria, ele está no paraíso. Eu sou um cara assim, eu gosto disso, minha mulher gosta disso. Agora tem gente que prefere ficar no camarote “Quero ficar no camarote, que eu vou estar com a minha mulher, não sei como é que funciona”. Porque ainda tem aquela visibilidade de escola de samba, que você vai lá para usar droga, roubar, pegar a sua mulher.

**Fernanda:** Você acha que ainda tem essa visão?

**Alexandre:** Tem sim. Tem um monte de gente que eu convido para vir para cá, e pergunta como é que é, e eu falo “Pode vir como você quiser, de corrente, relógio. Lá dentro da quadra você é respeitado. Eu vou te buscar no carro e te coloco lá dentro, mas não é essa visão que vocês têm”. Se fosse uma visão dessas, eu não teria trazido minha mãe para desfilar aqui, minha filha de quatro anos não viria para cá, minha mulher, a mãe da minha mulher que sai na Velha Guarda, o pai da minha mulher que já teve aula, meu pai tem 84 anos e vem para ensaio aqui. Eu conheço meu ambiente, eu sei onde estou pisando, eu tenho intimidade para chegar em um cara lá fora e se ele for acender um baseado eu falo “Amigo, vamos respeitar a casa, tem criança”, tenho intimidade para falar com os caras, seja com quem for, acho que a melhor situação é a conversa. Você não vê mais briga aqui dentro, como você já chegou a ver, todas as escolas têm, mas é um ambiente estritamente familiar hoje. Você vê por família, o Tico conheceu a mulher dele aqui, o Adão está aqui há muito tempo e já namorou gente daqui de dentro,

e está namorando uma outra menina daqui de dentro, o Fabinho, que está aqui também, já namorou. Aqui dentro você vai formando... O Flávio, que está na harmonia, o sogro dele é o Bocão, que foi um dos professores meu de harmonia, a sogra dele é daqui, a mulher dele, a Ana, é daqui... A sogra dele, Regina, é daqui. Para você ter uma ideia, no (tempo) que eu estou aqui dentro da escola, minha mulher foi rainha da bateria, a minha cunhada foi princesa infantil da bateria, minha sogra sai na Velha Guarda, minha mãe sai na Baiana e meu sogro teve ala aqui no Camisa... Isso só numa casa, para você ver que é bem família. O legal do Camisa... E eu acredito que as escolas de São Paulo, as mais tradicionais, Nenê, Camisa, Vai-Vai, Peruche são escolas assim, bem família. É diferente você pegar, por exemplo, uma entidade como o Rosas de Ouro, que é uma escola que está muito bem hoje, mas está mais voltada à molecada. Lógico que tem família, mas tem a molecada que está vindo, filhos dos filhos que pegaram o negócio, que é diferente do caso daqui. Acho que a molecada tem mais poder hoje lá dentro, e isso acho legal também, que é uma renovação que o Veloso fez nessa diretoria. A maioria é tudo molecada, acho que um mais velho que estão lá sou eu. O resto é tudo molecada que está chegando aqui. Pegar a molecada e falar “Faz isso aqui, estou aqui para te auxiliar, faz e vê o que você tem que fazer”, e eu acho que isso aqui precisava fazer, dar uma chacoalhada nessa molecada, dar responsabilidade para eles. Colocar responsabilidade na mão deles.

**Fernanda:** Incentivar, né?

**Alexandre:** Incentivar, dar responsabilidade. É fácil para a gente ser telhado, é muito mais fácil ser telhado do que a pedra. Prefiro que os caras cheguem e metam o pau, xinguem e falem “Beleza, muito legal. O que você acha que eu tenho que fazer?”. Eu quero ver a pedra te falar o que você tem que fazer, então eu sinto mais cômodo ser telhado, porque se eu sou pedra, eu tenho que dar a solução para a pessoa, porque as pessoas preferem ser tudo pedra, eu prefiro ser telhado, porque eu vou falar para você: “Está errado? O que você acha que a gente tem que fazer? Qual a solução?”. É muito fácil falar, por isso que é bom dar responsabilidade na mão deles, essa diretoria está legal por isso, é muita molecada, então, você sente que tem um respeito quando eles vêm falar com você, e você fala “Está certo, faz assim”, vamos ver o que vai fazer. Eu acho isso legal, porque é tudo cara que você viu crescer aqui dentro e você vê que hoje está como diretor financeiro, outro assessor financeiro, outro como diretor de *marketing*... Só que você viu essa molecada jogando bola aqui na quadra, correndo,

desde criança. Eu acho que isso é a grande sacada do Camisa agora, é mesclar, dando poder para eles, e não ser pau-mandado, o certo é isso, que é legal.

**Fernanda:** Tem mais alguma coisa que você gostaria de contar sobre o Camisa ou sobre a sua história aqui dentro?

**Alexandre:** Eu te contei acho que tudo, todas as situações que eu tive aqui dentro. Meu amor é igual um time de futebol, você ama incondicionalmente, você não sabe se os caras vão ganhar ou perder, mas o legal é que você pode meter o dedo agora e falar. É o que eu já falei com bastante gente, eu estou na diretoria desde 2005, mudaram Magali, Simone, Maninho, Ribamar e Kaçula. Cinco presidentes e eu estou na diretoria, ou eu sou uma cara muito bom ou sou um cara muito errado e os caras não têm coragem de mexer, porque são os absurdos que tem. Mas eu faço tudo por amor, nunca ganhei dinheiro aqui no Camisa, para nada, e isso eu posso bater no peito. É por amor à escola. Nessa diretoria nova, o presidente me colocou como diretor-geral, eu já estava como diretor na outra chapa, e agora estou novamente como diretor-geral nessa chapa, então eu acho que tenho coisa para somar e ajudar. Só que eu sou um cara muito teimoso, discuto e brigo muito, mas eu prefiro brigar com você em um quarto ou aqui fechado até a gente se resolver, do que carregar picuinha lá para fora. Quase saímos na mão, lá fora vou te beijar no rosto, e falar obrigado pela ajuda e é assim que eu sou, prefiro falar na cara do que ficar engolindo. Tenho uma experiência grande em carnaval, mas estou aprendendo todo dia, você aprende com essa molecada também, eles dão uma ideia diferente que não tínhamos pensado nisso antes, vamos fazer assim. Isso é legal, conseguimos conciliar tudo.

**Fernanda:** Reparei em um dia que você tem uma tatuagem do Camisa. O que significa?

**Alexandre:** Isso foi o seguinte, eu fiz uma promessa... O Camisa caiu em 1996, eu fiz a tatuagem em 97. Se o Camisa subisse pro Especial, eu faria uma tatuagem e um mês depois eu fiz a tatuagem. Promessa não pode deixar para lá, não, quando eu faço, é batata. Já fiz uma promessa para o ano que vem, pra gente subir de novo e vou cumprir a promessa. E depois você pode me cobrar, quando acabar o carnaval e a apuração, eu te falo qual a promessa, agora eu não falo, não, senão não dá certo. Era uma promessa que eu tinha feito para o Camisa subir, então o Camisa subiu e eu fiz a tatuagem. Essas loucuras que você faz pela escola, né?! Cada história, o ano que ficamos embaixo do carro, ele batendo e rasgando a minha cabeça, pensei “O que eu estou fazendo aqui embaixo? Eu estou fazendo uma loucura por causa da escola”, a cara que eu vi do pessoal da escola, os componentes olhando para o carro e começando a chorar, falei

“Esse carro tem que ir para a avenida nem que seja na unha”, e foi. Me ferrei todo, rasgou minha cabeça, o Toto também se machucou, o Renatinho, que era um cara que mexia no barracão, também descia de vez em quando no carro, e quando estava chegando no final, eu falei “Toto, desce e vai fechar a avenida, que você é diretor da escola” e ele falou para eu ir, e eu “ Já estou aqui, vou continuar, vai embora”. Na hora que eu parei e saí do carro, quase matei o bombeiro do coração, sai rolando do carro e o bombeiro esperando para tirar os destaques do carro “Está tudo bem?”, estava tudo ensanguentado, estropiado.

**Fernanda:** Isso foi quando?

**Alexandre:** Foi em 2007, quando o Camisa estava no Acesso, o carnaval da 25 de março. Foi um ano que não queriam nem que eu desfilasse, os caras tinham bronca de mim. E eu falei “Beleza”, consegui entrar no apoio para desfilar, os caras me encheram o saco para vir, e eu falei “Vou pra avenida pra ver qual que é, vai”, e foi isso aí. Tem muitas histórias engraçadas, tem umas que não podemos colocar aí porque envolve mulherada e pode dar problema, dava muita risada aqui dentro. São as pessoas que você conhece na escola... Tem o Idalor, que é meu compadre, que está afastado da escola, sou padrinho da filha dele, conheci ele aqui dentro, esse pessoal todo conheci aqui dentro. Então você cria uma família, tem aquela você vai falar, e sua mulher não gosta daquela pessoa, que é um exemplo aí, mas eu não vou deixar de falar, quero que ela se dane, vi aqui dentro desde pequena, continuo tendo amizade do mesmo jeito. Tem essas histórias... as notas que eu não concordei, falo delas até hoje, pode quem vier bater, eu não vou mudar a minha palavra, eu não rasguei as notas, rasguei envelope, mas os caras quiserem me indiciar por causa de nota e eles erraram, mas podiam me indiciar porque briguei com a polícia, porque queríamos entrar de qualquer jeito lá dentro, podiam me indiciar porque xinguei um monte de gente lá dentro, isso pode colocar: difamação, calúnia, podia colocar qualquer coisa, mas nota eles dançaram, tanto é que o juiz mandou arquivar o processo, porque não tinha prova. E são as coisas que você faz pelo Camisa, as loucuras que você faz, 3, 4, 5 dias trabalhando e dormindo 1 hora por noite, porque você tem que trabalhar no dia seguinte e vir para cá à noite.

**Fernanda:** Mas vale a pena?

**Alexandre:** Vale sim, todo o esforço é válido. Não me arrependo de nada, me arrependo às vezes de ter feito alguma situação ou apoiado alguma pessoa, e ela estava errada, daí tudo bem, sou bastante homem de falar que errei, todo mundo erra. Mas pela

entidade e pelo pavilhão, nenhum esforço foi demais, faria tudo de novo, sem problema nenhum.

**Fernanda:** Alexandre, obrigada pela entrevista.

Encerra-se a entrevista.

**Entrevistado IV:** Washington Alessandro de Campos, o Adão

Função: vice-presidente

**Washington:** Meu nome é Washington Alessandro de Campos, eu tenho hoje um cargo como vice-presidente da escola. Gosto da escola, comecei aqui em 1988, na escola, e passei por todos os setores da escola, desde a bateria, comissão de carnaval e harmonia, até chegar à vice-presidência da escola.

**Fernanda:** Você desfila sempre? Já desfilou?

**Washington:** Sempre desfilei aqui no Camisa.

**Fernanda:** Desde quando?

**Washington:** Desde 88, quando eu cheguei aqui na escola, com 15 anos.

**Fernanda:** Como você chegou até a escola? O que te trouxe até aqui?

**Washington:** Onde eu moro, que é na Vila Carolina, a maioria do pessoal é tudo Camisa Verde e Branco, então eu vim aqui, comecei a frequentar aqui e o Botequim do Camisa, passei pela escolinha de bateria do Camisa e me apaixonei e comecei a sair pela escola.

**Fernanda:** E antes de você ser vice-presidente, você chegou a assumir outros cargos?

**Washington:** Sim, eu fazia parte da comissão do carnaval, que toma conta do carnaval do Camisa. Fiquei 2 anos nesse setor de comissão de carnaval.

**Fernanda:** E qual o vínculo que você tem com a comunidade? E o que é Camisa para você hoje?

**Washington:** O Camisa hoje pra mim representa... muita coisa, porque foi uma escola onde iniciei, me apaixonei, gostei e hoje eu faço de tudo para colocar o Camisa no seu devido lugar, e eu sei que é um trabalho árduo, com muitas dificuldades que nós sabemos, e que nós encontramos. Tenho muito respeito pela comunidade, que é uma comunidade que é carente, precisa ser bem tratada porque foi muito maltratada, e precisa de título pra resgatar a confiança do Camisa, porque o Camisa lá fora, no mundo do samba, ele é muito grande. Só que as pessoas aqui têm que entender que o Camisa

tem essa proporção e é grande dessa forma. Hoje, pra mim, o Camisa pra mim... representa muita coisa na minha vida, faço de tudo para conseguir colocar o Camisa no seu devido lugar.

**Fernanda:** O vínculo com a escola é grande?

**Washington:** Muito grande, muito, muito. É uma escola que eu me apaixonei e eu não saio em outra escola por nada. Sou Camisa até...

**Fernanda:** Você sempre foi Camisa?

**Washington:** Sempre fui Camisa.

**Fernanda:** E aqui dentro do Camisa, você estabeleceu contatos que criaram vínculos, conheceu muita gente, que tornou seu amigo depois? Que pode falar “essa pessoa é meu amigo, conheci aqui dentro”.

**Washington:** Sim, aqui, querendo ou não, se tornou uma família. Quando você começa a participar diariamente, estando diariamente na escola, você conhece muitas pessoas, tanto para o lado bom, como para o lado ruim, umas que são amigas, e outras que não. Mas você cria um vínculo muito grande aqui na escola, tenho boas amizades. Tem pessoas que eu não conhecia e hoje mesmo se tornou um amigo meu, e uma dessas pessoas é o Alexandre Salomão, que é o Teta, que eu já conhecia ele, mas nos três últimos anos trabalhamos muito, juntos na comissão de carnaval, e ele se tornou um grande amigo meu.

**Fernanda:** Você sente a quadra do Camisa, como um lugar de encontro? O que é a quadra para você? O Alexandre falou, que para ele, a quadra é como se fosse uma casa, uma segunda casa. E para você, o que é?

**Washington:** É isso mesmo, o Camisa Verde, pra mim, é uma segunda casa. Quando começa o carnaval, a gente até se afasta da família, pelo fato da gente conviver tanto tempo aqui dentro da quadra. Eu mesmo, cheguei hoje duas horas da tarde e estou até agora aqui, conversando com você neste momento. Então, você fica mais tempo aqui do que na sua própria casa. Então se torna, sim, um lugar de ponto de encontro, que você vem e fica aqui, bate um papo, aí o pessoal faz uma vaquinha aqui e outra ali, faz um churrasquinho, e quando você vê já está discutindo carnaval, falando e respirando carnaval, que é o nosso caso hoje.

**Fernanda:** Você respira carnaval?

**Washington:** Hoje, bem dizer, eu já respiro carnaval.

**Fernanda:** E quando você vem para a escola? Em que ocasiões você frequenta?

**Washington:** Então, para nós, este ano foi um processo... que, na verdade, não descansamos mesmo. O Alexandre, não, ele até que deu um tempinho, mas eu mesmo não descansei. Porque nós viemos aqui para ajudar o Kaçula, nesse último carnaval de 2014, que nós chegamos aqui em novembro do ano passado, mais ou menos, para ajudar o Kaçula, que ele estava meio enrolado, não tinha muito conhecimento em algumas coisas, e fizemos o carnaval de 2014 e logo em seguida já veio a eleição. Então, nós não paramos, começamos a correr de novo com candidatura e todas essas coisas de eleições, e acabando a eleição, iniciamos um outro carnaval em cima, que é o de 2015. Então, bem dizer, eu não parei. Estamos aqui constantemente... Aqui na escola.

**Fernanda:** Não precisa ter motivo, um evento ou ensaio para estarem aqui?

**Washington:** Não, no meu caso, não. No meu caso, eu venho todos os dias no Camisa.

**Fernanda:** Mesmo que não tenha nada?

**Washington:** Não, com mais frequência na escola.

**Fernanda:** E como a comunidade, os membros da escola são incentivados a participar, não só do carnaval, mas dos ensaios, dos eventos. Como rola esse incentivo, essa motivação?

**Washington:** Então, é aquilo... as pessoas que são Camisa Verde mesmo, de verdade, automaticamente, elas vêm sem ter um atrativo, sem nada. Agora, hoje, como está mudando e chegando muitas pessoas novas na escola, a gente tá procurando fazer alguns atrativos para a escola. Um desses atrativos é tentar passar pra elas umas camisetas, ter outros incentivos que antes não tinha nos setores da escola, que é uma água, coisa mínima, um refrigerante para a bateria, um lanche para as crianças. Isso está se tornando um atrativo para o pessoal começar a frequentar, criando um outro ciclo de amizade dentro da escola para as pessoas estarem frequentando mais, com mais frequência a escola.

**Fernanda:** E como é a comunicação, como vocês se comunicam? É pelas redes sociais, para avisar das coisas que vão acontecer, como ocorre essa divulgação?

**Washington:** Redes sociais, *Facebook*, que usa bastante. Hoje, também tem o *Whatsapp*, no qual as pessoas se comunicam bastante, e há umas duas semanas atrás, fechamos um contrato com uma equipe de eventos, que é o Coletivo Arnesto, que eles que mexem com toda essa parte de comunicação com a escola, só para a escola. Então qualquer coisa que tiver na escola, se amanhã ou daqui duas semanas vou fazer algum evento, nós mandamos para ele o que queremos fazer no evento, com dia e horário e eles soltam nas redes sociais, para comunicar.

**Fernanda:** Eles ajudam a divulgar?

**Washington:** Isso, a divulgação da escola.

**Fernanda:** E isso é bom para a escola, né?!

**Washington:** Bastante, porque hoje o que precisa é isso, uma divulgação boa, um *marketing* bom, que todas as escolas precisam, e com a gente também não é diferente, para as pessoas poderem estar participando mais da escola, no caso.

**Fernanda:** E com a relação aos turistas, qual a importância dos turistas para o Camisa? E como vocês se relacionam com eles? Tem algum incentivo para a vinda dos turistas aos ensaios?

**Washington:** Esse ano que foi um ano de Copa, que já está terminando, nós acabamos perdendo uma grande oportunidade de fazer um bom evento para os turistas, devido a essa falta de comunicação do *marketing* que nós não tivemos, que ainda não está muito encaixado. Fechamos com a parte de divulgação, mas com o *marketing* ainda estamos tentando negociar algumas coisas. Nós tínhamos novos hotéis, para fazer essa parte de turismo, para o pessoal tá vindo aqui, depois e antes do jogo, e acabou não tendo. Mas, pra gente, é sempre muito importante ter os turistas aqui, conhecendo nossos espaços, vindo conhecer a escola, até mesmo porque eles gostam muito de carnaval, então é muito importante a presença deles aqui na escola.

**Fernanda:** E vocês pensam em alguma parceria com agência, hotel, alguma coisa?

**Washington:** Sim. É que hoje para a gente é mais difícil, por a gente estar no Acesso, então é uma escola que não aparece na televisão, que seria na Rede Globo. Então é mais difícil para passar essa marca para um patrocinador, um investidor na mídia. Mas para a gente é importante sim, porque hoje o carnaval sobrevive disso, de patrocinadores, investidores que possam ajudar a escola crescer também, nessa parte.

**Fernanda:** E sendo esse ano do centenário da escola, vocês já comemoraram no carnaval com o enredo, e além disso, terão outras atividades para comemorar? O Kaçula havia comentado que pretendia, para eventos, alguma coisa para celebrar durante todo o ano.

**Washington:** Então, na verdade, o Kaçula havia deixado algumas coisas para nós. Na verdade, não deixou pra gente, ele falou, comentou sobre isso conosco, mas não chegou a passar diretamente. O Kaçula deu uma sumida, ele teve um problema com o pai dele. Então, do dia 6 de maio, que assumimos a escola, que foi quando teve a eleição, ele foi aparecer só na semana passada, devido a essas coisas. Então ficou algumas coisas, que

ainda estamos decidindo, para dar continuidade no que ele começou em relação ao centenário. Então tem que sentar com mais calma e bater esse papo com ele também.

**Fernanda:** Tem alguma outra coisa da sua história ou do Camisa que você gostaria de contar?

**Washington:** Eu comecei, como eu te falei, na bateria. Minha profissão hoje, eu mexo com projetos sociais, e tenho a intenção de colocar alguns projetos sociais aqui, na parte de futebol. Sou um ex-atleta profissional, tenho uma entidade, uma ONG chamada Gol de Placa, onde eu tenho uns 60 moleques mais ou menos que treinam todo sábado, perto de casa, em um campinho. Tenho alguns projetos que já estão sendo encaminhados pela Prefeitura e Secretaria do Estado, então, automaticamente, eu também tenho essa intenção de conseguir colocar esse projeto aqui na escola, mexer com essa molecada. E até mesmo essa parte da área social, que tem uma pessoa responsável disso, que é a diretora Elaine, com ela eu conversei bastante para tentarmos pegar essa molecada, as crianças da Barra Funda e redondezas e trazer para dentro da escola com projetos sociais.

**Fernanda:** Obrigada.

Encerra-se a entrevista.

**Entrevistada V:** Venézia de Almeida Martins, a Vivi

Função: Porta-bandeira

**Venézia:** Meu nome é Venézia de Almeida Martins, vulgo Vivi, todos me conhecem por Vivi. Eu saio no Camisa de porta-bandeira desde 1990, muito tempo. Ostentei o pavilhão oficial por todo esse tempo, só que agora já não faço mais parte do quadro de casais. Não desfilo mais, agora eu só ministro aula, porque agora já deu, é muito tempo, temos que abrir caminhos para os mais novos.

**Fernanda:** Desde 1990 que a senhora está aqui no Camisa? Ou participou de outras escolas?

**Venézia:** Desde 1990 aqui no Camisa. Até participei sim, mas a minha história do coração é o Camisa Verde e Branco.

**Fernanda:** E qual o vínculo que tem com a comunidade, o que significa pertencer à comunidade?

**Venézia:** Isso para nós é uma segunda família, aqui é a nossa casa. E segunda família que, às vezes, se torna até a primeira, porque a gente passa muito mais tempo na quadra do que na nossa própria casa. Ser porta-bandeira não é muito fácil, não, porque abrimos mão de muita coisa, então aqui se torna a nossa casa, nosso lar, nossos irmãos. Tanto é que aqui nós falamos: Família Camisa Verde e Branco.

**Fernanda:** Você estabeleceu contatos que criaram vínculos? Fez amizades aqui dentro?

**Venézia:** Fizemos com certeza. Amizades, compadres, temos muito afilhados... As nossas festas são aqui, comemoração de aniversário, Natal. Por isso que consideramos uma família mesmo. Tudo é comemorado aqui.

**Fernanda:** E a maior parte dessas pessoas que você considera família, conheceu aqui dentro?

**Venézia:** Conhecemos aqui dentro.

**Fernanda:** E o que é o Camisa hoje para você?

**Venézia:** É a minha vida. (risos) Camisa para mim é tudo, uma coisa que você sofre, você chora, às vezes se torna cansativo, nós brigamos, mas, no final, é a nossa vida.

**Fernanda:** Faz tudo pelo Camisa?

**Venézia:** Tudo, tudo, tudo.

**Fernanda:** E a quadra, o que é para você? Você sente como se fosse um lugar de encontro, uma casa, como que é essa relação?

**Venézia:** Nós sentimos como se fosse a nossa casa, tanto é que mestre-sala e porta-bandeira, costumamos dizer que são as pessoas que recepcionam as pessoas. Se você chegar na quadra, vai ser recepcionado por mestre-sala e porta-bandeira. Então, mestre-sala e porta-bandeira é o cartão de visita de uma escola.

**Fernanda:** Não sabia disso. Mais que um presidente?

**Venézia:** Muito mais que um presidente, porque nós ostentamos o ponto maior da escola. E qual é o ponto maior da escola? É a nossa bandeira. Porque se a bandeira não estiver presente, não é escola. A escola, para ser identificada, quando entra uma escola e se você não ver a bandeira, é qualquer escola, agora se você ver a bandeira, você já vê a identificação da escola, e você já sabe qual escola é. Então, se entrar uma escola em uma avenida, ou em qualquer lugar, em uma festa normal, ou qualquer outra quadra, você vai identificar com essa bandeira. Então a bandeira é o ponto maior. A nossa estrela de uma escola de samba, não sou eu, nem mestre-sala, nem presidente, é a nossa bandeira, é o nosso pavilhão, que nós chamamos de pavilhão.

**Fernanda:** O pavilhão é a bandeira?

**Venézia:** Isso, é a bandeira.

**Fernanda:** E como vocês são incentivados a participar? Como eles incentivam a comunidade participar não só do carnaval, mas das atividades do dia a dia?

**Venézia:** Isso é de pai para filho. Você começa no samba desde pequeno. Por isso que eu falo para você, é uma família mesmo, aquilo vai triplicando, e o incentivo já vem de dentro do ventre da mãe.

**Fernanda:** E em que ocasiões a senhora frequenta a escola? Precisa ter algum motivo, algum evento ou não?

**Venézia:** Não, eu participo o ano todo. Tanto é que agora, além de darmos aula, que esse projeto que você está vendo aqui, Cisne do Amanhã é para todas as escolas, para pessoas interessadas em saber da arte da dança do mestre-sala e porta-bandeira. O Camisa cede o espaço para esse projeto, mas nós frequentamos a escola de janeiro a janeiro. O carnaval para nós não acaba, ele é de janeiro a janeiro.

**Fernanda:** E mesmo que não tenha alguma atividade da quadra, vocês vêm até aqui?

**Venézia:** Sempre tem alguma atividade na escola, porque o carnaval você, para as pessoas que não frequentam, de repente é só ali fevereiro ou março, na época do carnaval. Mas para nós não, é o ano inteiro, porque termina um carnaval, nós já começamos a fazer outro carnaval. Agora nós vamos entrar na fase de eliminatórias de samba. É o ano inteiro, é de janeiro a janeiro para nós.

**Fernanda:** E os turistas, qual a importância deles para a comunidade?

**Venézia:** Nem sei te explicar para a comunidade, porque o carnaval para nós aqui em São Paulo não é de muito turista, não, é mais nós mesmo, mais a comunidade.

**Fernanda:** Então não tem muitos turistas que vêm até aqui?

**Venézia:** Não, em São Paulo não. No Rio de Janeiro já tem mais.

**Fernanda:** E no Camisa não é diferente?

**Venézia:** Não. O Camisa é uma escola de tradição e nós procuramos trabalhar com o nosso pessoal mesmo.

**Fernanda:** Vivi, tem mais alguma coisa que você queria me contar sobre o Camisa, sobre a sua trajetória, ou sobre o carnaval?

**Venézia:** Bom... Eu posso falar... o Camisa é uma coisa de emoção e coração, eu vou ser sincera para você, é até muito difícil... mas costumamos falar que nós matamos e morremos pelo nosso pavilhão.

**Fernanda:** Que bonito! Vivi, muito obrigada pela sua entrevista.

**Venézia:** De nada, querida. Precisando...

Encerra-se a entrevista.

**Entrevistada VI:** Cristiane de Almeida Martins

Função: Apresentadora de casais

**Cristiane:** Meu nome é Cristiane de Almeida Martins e aqui no Camisa já estou há uns 25 anos. Minha função aqui hoje em dia é como apresentadora de casais. É muito gratificante estar em uma escola de que os pais participam, a família toda, meus pais são o Mestre Gabi e a Vivi, que são os casais soberanos na escola, então muito me envaidece ser a apresentadora desse casal dentro da nossa escola Camisa Verde e Branco.

**Fernanda:** Você participa desde quando, Cristiane?

**Cristiane:** Desde pequena, desde criança, estou sempre aqui. Correndo para lá e para cá, e com o tempo nós vamos nos especializando em alguma coisa, então hoje além de apresentadora, também sou jurada em mestre-sala e porta-bandeira.

**Fernanda:** Mas jurada como, do carnaval?

**Cristiane:** Sim, do carnaval, da FESEC, que é uma associação também, uma Federação do Estado de São Paulo, que julga os carnavais das cidades do interior do Estado de São Paulo.

**Fernanda:** E não aqui de São Paulo? Só do interior?

**Cristiane:** Não, São Paulo eu não posso porque o Gabriel ministra aulas aqui para os jurados também, então eu não por ser filha dele.

**Fernanda:** E no Camisa você já desfilou?

**Cristiane:** Sim, já desfilei vários anos.

**Fernanda:** E qual o vínculo que você tem com a comunidade? O que significa pertencer à escola?

**Cristiane:** O vínculo é muito grande, nós participamos de todas as festas e eventos que tem na quadra. Tentamos arrecadar fundos para ajudar a comunidade em volta da escola. Então, o vínculo é sempre participando, não importa do que e de quando e onde, sendo Camisa estamos sempre junto para o bem comum da nossa comunidade.

**Fernanda:** E o que significa pertencer ao Camisa, ser da comunidade?

**Cristiane:** Eu acredito que é uma alegria muito grande, porque aqui nós construímos mais um laço da nossa família, não só a sanguínea, mas um laço com a comunidade Verde Branco, é como pertencer a um time de futebol, você veste aquela camisa. E como uma escola de samba, nós vestimos aquela camisa também. Mas isso não significa que não vamos em outras comunidades, temos muitos amigos de outras entidades carnavalescas também. Fora dos 60 minutos que estamos competindo no dia do carnaval, somos todos unidos, todas as escolas de samba são unidas o ano inteiro.

**Fernanda:** Não tem essa rivalidade? São todas unidas?

**Cristiane:** Não tem essa rivalidade, somos todas unidas. Semana que vem vai ter uma festa na nossa quadra, da nova posse da diretoria e como convidadas tem a Nenê da Vila Matilde e a Mocidade Alegre. Então eles estarão aqui prestigiando a nossa festa. Assim como tem festa na quadra deles, também somos convidados.

**Fernanda:** Vocês também vão?

**Cristiane:** Sim, com certeza.

**Fernanda:** E aqui no Camisa, você estabeleceu contatos que criaram vínculos, fez muitas amizades aqui dentro?

**Cristiane:** Sim, muitas amizades, inclusive, às vezes, até amizades que saem daqui da quadra. Você consegue amigos que é para a vida inteira, que frequentam a sua casa, a sua família, e acabam se tornando membro dela.

**Fernanda:** Que você conheceu aqui dentro?

**Cristiane:** Sim, que conhecemos aqui dentro e o vínculo foi além da quadra.

**Fernanda:** E o que é o Camisa para você hoje?

**Cristiane:** O Camisa é quase tudo na sua vida, é uma extensão, como eu disse, da nossa família, da nossa vida, da nossa alegria. Porque hoje em dia a maioria dos brasileiros hoje só trabalham, estudam, aquela correria do dia a dia, então nós temos a nossa quadra, a nossa comunidade para nos divertir nos finais de semana.

**Fernanda:** E a quadra, o que é para você? Você sente como um lugar de encontro?

**Cristiane:** Sim, é um lugar de encontro, mas com todos os eventos que tem aqui, nós tentamos também fazer com que ela seja um espaço cultural, para ajudar nossa comunidade. Já tivemos telecentros aqui, aulas de informática, aulas de corte e costura. Então, todo ano a nossa presidência tenta trazer a cultura para a nossa comunidade, alguns cursos de inglês. O que nós conseguimos como patrocínio, passamos para a comunidade mais carente.

**Fernanda:** E a quadra, você sente como se fosse uma segunda casa? Como é essa relação com a quadra?

**Cristiane:** Sim, com certeza, porque a maioria dos finais de semana estamos aqui, ou colaborando ou ajudando ou em reuniões, então é o nosso segundo lar mesmo.

**Fernanda:** Em que ocasiões você frequenta? Para você vir para a quadra, precisar ter algum evento ou não precisa ter nada, vem para se reunir, como é que é?

**Cristiane:** Temos reuniões todas as quintas-feiras, então já é um compromisso que nós, integrantes da comunidade, já temos e já sabemos...quinta-feira às 20h tem reunião no Camisa, para discutirmos o que será feito, quais as atividades que serão propostas, se alguém tem alguma ideia ou sugestão, e aí começamos também a trabalhar o carnaval deste ano.

**Fernanda:** E como que a comunidade é incentivada a participar, não só do carnaval, mas do dia a dia da escola, dos eventos. Como é esse incentivo?

**Cristiane:** Sempre quando tem algum evento social e sociocultural, nós entregamos certificados para que possam entregar no mercado de trabalho e ter a certificação. Tentamos trazer pessoas realmente profissionais e competentes e engajar os jovens, os menores em um espaço melhor, uma convivência melhor, fugindo das drogas que é o nosso objetivo, tirar as crianças dessa loucura que é o mundo de hoje. Mostrar para eles o lado bom da vida, que dá para estudar, dá para ser alguém na vida sem a utilização de drogas, e ir para o caminho certo e não pelo errado, esse é o nosso objetivo, tanto com a comunidade quanto para os nossos filhos também, que estão aqui e participam.

**Fernanda:** Seus filhos participam?

**Cristiane:** Sim, meu filho participa. Ele ainda não sai na escola, mas participa e está sempre aqui.

**Fernanda:** Então é de família, seus pais participam, você participa.

**Cristiane:** Sim, é de família, mas nada obrigado. Como o meu filho ainda não se manifestou de querer sair, então nós aguardamos, talvez mais para frente não sei o que pode acontecer, pode ser nosso concorrente, mas como somos todas coirmãs, não tem problema algum.

**Fernanda:** Todas as escolas são coirmãs? Como funciona?

**Cristiane:** Sim, todas nesse clima de união, fora do dia de desfile. Agora no dia não, o bicho pega, como dizem, mas fora do dia estamos sempre unidas, o ano todo.

**Fernanda:** E com relação aos turistas, qual a importância deles para o Camisa?

**Cristiane:** Eu acredito que essa interligação entre os brasileiros e estrangeiros, principalmente agora que ocorreu a Copa, foi muito boa, muito proveitosa. Criamos vínculos com alguns estrangeiros, alguns até vão retornar para conhecer nossos ensaios, porque não era período de ensaios, a Copa, infelizmente, foi um pouco antes dos nossos ensaios começarem. Mas eles já disseram que vão voltar para prestigiar nossa bateria, a nossa quadra, a nossa comunidade mais de perto. Eu acredito que sempre a integração é importantíssima em qualquer nível, qualquer país. Isso é muito importante.

**Fernanda:** E vocês desenvolvem alguma ação para trazer esses turistas para cá ou ainda não tem nenhuma?

**Cristiane:** Depende, agora que mudou a nossa diretoria, acredito que essa nova gestão está muito interessada nessa parte de intercâmbio, e acredito que eles vão, sim, ter um trabalho mais focado para isso.

**Fernanda:** Cristiane, obrigada pela sua entrevista. Tem mais alguma coisa que você gostaria de me contar, ou é somente isso?

**Cristiane:** É somente isso, e gostaria de te convidar para frequentar a nossa quadra e conhecer melhor a nossa família, e quem sabe um dia fazer parte dela.

**Fernanda:** Obrigada, Cristiane!

**Cristiane:** Obrigada você.

Encerra-se a entrevista.

## **Entrevistado VI: Fernando Moreira, o Neninho**

Função: Mestre de bateria

**Fernando:** Sou o Fernando Neninho, filho do Mestre Neno, tenho 24 anos, sou mestre de bateria do Camisa Verde Branco há dois anos. Sou nascido e criado aqui, amo muito o Camisa Verde. É difícil explicar porque meu pai foi mestre durante vinte anos e agora substituir ele, em um cargo que ele fez com tanto amor e carinho com o nome dele, então para mim é uma responsabilidade muito grande.

**Fernanda:** Há quanto tempo você participa no Camisa?

**Fernando:** Desde que eu nasci, mas na bateria eu estou desde os meus quatro anos de idade tocando repinique.

**Fernanda:** E hoje você é mestre de bateria?

**Fernando:** Hoje sou mestre de bateria, fiquei quatro anos como diretor no meio da bateria, mais seis anos de mestre da bateria mirim. E agora me deram essa responsabilidade aí.

**Fernanda:** E qual o vínculo que você tem com a comunidade, o que significa para você ser do Camisa?

**Fernando:** Eu estou no Camisa praticamente todos os dias, aqui é como se fosse minha segunda casa e a comunidade é como se fosse uma família para mim porque a maioria me viu crescer, os mais antigos me viram crescer, e quem chegou depois me vê com bastante frequência, meu vínculo com a comunidade é muito, muito, muito grande e a aceitação também, graças a Deus.

**Fernanda:** Quem me falou muito de você foi o Alexandre, eu o entrevistei e ele me contou que te conhece desde criança, que quando ele começou a frequentar, você era criança e hoje você é um mestre de bateria.

**Fernando:** Para muitos é estranho, para muitos é gratificante. Que nem... eu dar voz de comando para o cara que me viu crescer, às vezes isso pode soar muito estranho, ou ele pode ficar orgulhoso com isso. Eles me têm como um xodó, uma cria da casa, não querem perder a gratidão que eu tenho com o Camisa.

**Fernanda:** Você sempre ficou na bateria ou já chegou a participar de outras alas?

**Fernando:** Nunca nem me interessei, sempre na bateria. Fiquei afastado alguns anos e para não desfilar em outros setores, eu preferi me afastar, porque eu me identifico muito com essa bateria, na qual eu praticamente nasci dentro dela.

**Fernanda:** E seu pai ainda participa?

**Fernando:** Meu pai é o presidente da bateria. A gente elegeu ele como presidente da bateria, nosso mestre. Eu não me considero um mestre de bateria ainda, para mim um mestre de bateria tem que ter no mínimo uns dez anos no cargo, e meu pai já exerceu vinte anos.

**Fernanda:** Aqui no Camisa?

**Fernando:** Aqui no Camisa, direto. Então, o mestre de bateria do Camisa é ele, eu estou encabeçado nessa parte que me deram, mas eu não me considero um mestre. Eu me considero um diretor de bateria. Para mim, um mestre precisa ter no mínimo uns dez anos na frente da bateria.

**Fernanda:** E aqui no Camisa você estabeleceu muitos contatos que criaram vínculos? Fez muitas amizades aqui dentro?

**Fernando:** Hoje, a mãe do meu filho, minha atual mulher, conheci aqui no Camisa; meu melhor amigo, o Jorge, é daqui do Camisa; minha primeira namorada foi do Camisa e graças ao Camisa, eu tenho um vínculo muito grande, por isso que eu sempre serei grato ao Camisa, jamais serei ingrato.

**Fernanda:** E o que o Camisa significa para você hoje? O que é o Camisa?

**Fernando:** O Camisa para mim é uma forma de vida, eu vivo pelo Camisa. O Camisa, pra mim, hoje e sempre, foi um vínculo de vida, eu tenho o Camisa como um cotidiano mesmo, se eu acordar e não pensar no Camisa, não serei eu. Então, hoje, o Camisa e o Corinthians são os meus dois amores, fora o meu filho e minha esposa.

**Fernanda:** E a quadra, você disse que está aqui sempre. Você sente como se fosse um lugar de encontro, uma casa?

**Fernando:** Sim, tanto é que no carnaval eu durmo aqui, fico dias, almoço, janto. O Pelezão, meu padrinho, é o caseiro da casa, eu já tenho o meu canto. Aqui, no carnaval, vira até a minha primeira casa.

**Fernanda:** Você fica aqui direto?

**Fernando:** Fico aqui direto, arrumando instrumentos e quando não tem nada para fazer, jogo *video game* aqui... Eu sempre arrumo alguma coisa para passar aqui. Vou trabalhar, passo aqui, isso já vira normal, a quadra é meu lar doce lar.

**Fernanda:** Você mora aqui perto?

**Fernando:** Moro aqui perto e toda vez que eu vou trabalhar e tem que passar por perto da quadra, eu passo e entro na quadra.

**Fernanda:** E quanto ao cotidiano e ao carnaval, como você acha que as pessoas são incentivadas a participar do carnaval, da escola como um todo, dos eventos?

**Fernando:** Hoje, a escola está em baixa, estamos no Acesso, uma escola tradicional, uma escola centenária. E no Acesso é difícil motivar, quem está aqui é porque gosta, quem está aqui acredita de verdade. Passamos uma eleição há pouco tempo atrás e tivemos seis chapas, então tem muita gente que acredita no Camisa ainda. A motivação maior hoje é pela escola ser tradicional, graças a Deus, pela nossa bateria. E se Deus quiser, vamos motivar essa comunidade, trazer de volta, resgatar de novo essa comunidade com títulos, subindo para o Especial, tratando as pessoas bem. Espero e torço muito que essa diretoria possa retornar isso ao Camisa, para a comunidade ter vontade de frequentar o Camisa novamente.

**Fernanda:** Você comentou que passa na quadra quase todos os dias. Então você não precisa de um motivo para estar aqui, ou de um ensaio, você vem sem ter nada mesmo?

**Fernando:** É... A minha motivação é a bateria também, eu tenho um amor muito grande por essa bateria. Eu venho aqui, entro no quartinho, vejo o que está faltando. Quando tem um amigo meu, fica na secretaria, a gente fica jogando conversa fora. A minha motivação maior é meu pai também, que foi mestre durante vinte anos, então, maior motivação que isso acho que não existe.

**Fernanda:** Então você vem sempre, mesmo que não tenha algum evento, ou ensaio da bateria, você está aqui?

**Fernando:** Sempre, direto. É até estranho... domingo tem escolinha, segunda-feira eu jogo bola e não passo, terça-feira arrumo instrumento, quarta-feira eu ensaio, quinta-feira é a reunião e sexta-feira eu vou trabalhar por perto e passo aqui, sábado nós temos um time de futebol que nos encontramos aqui, domingo tem escolinha e assim por diante.

**Fernanda:** Em relação aos turistas, qual é o seu ponto de vista? Qual a importância deles para o Camisa, para a comunidade?

**Fernando:** O turista pode trazer bastantes benefícios para a comunidade, para a escola. Temos que arrumar um jeito de atraí-los para cá, acho que com a nossa bateria se modernizando, nossas mulatas se vestindo bem, o tratamento legal, a comunidade, as bebidas, ter petiscos, eu acho que vai atrair mais turistas. Para mim, no meu modo de ver, é muito importante para a escola.

**Fernanda:** E hoje, tem alguma ação que vocês desenvolvem para trazer esses turistas para cá?

**Fernando:** Hoje em dia, eu não sei te dizer, mas acredito eu que a diretoria está trabalhando com isso, o *marketing*, para que isso possa mudar. Sinceramente, eu não sei se tem. Se eu não sei se tem, acho que não tem, né?! Eu estou aqui todos os dias praticamente e nunca ouvi falar, seria importante a diretoria do *marketing* começar a ver isso com mais carinho.

**Fernanda:** Fernando, obrigada pela entrevista. Tem mais alguma coisa que você queira me contar do Camisa, da sua trajetória com a escola, ou sobre você?

**Fernando:** É somente isso, eu agradeço pela entrevista, pela sua educação e obrigado por me procurar. É isso aí. E o Camisa vai vir forte para o Carnaval 2015, vamos subir, se Deus quiser, voltar para a elite do carnaval paulistano, de onde não tinha nem que sair. Espero que você e seus amigos voltem sempre, que serão bem recebidos aqui na nossa quadra.

**Fernanda:** Obrigada.

**Fernando:** Eu que agradeço.

Encerra-se a entrevista.

## **ANEXO A: Penalidades dos desfiles das escolas de samba de São Paulo – Grupo de Acesso**

### **TÍTULO III – DOS DESFILES**

#### **Capítulo I – Das penalidades**

##### **Seção I – Da perda de um ponto**

**Art. 14º** – As escolas de samba perderão 01 (um) ponto na fiscalização, concentração e na pista, durante o seu desfile, a cada infração a seguir relacionada, em que vierem a incorrer:

##### **I – Cronometragem:**

- a) Não cumprir o tempo mínimo de desfile;
- b) Ultrapassar o tempo máximo de desfile;
- c) A escola de samba será penalizada com a perda de **mais** 0,1 (um) décimo a cada minuto que exceder ao limite máximo ou anteceder ao mínimo estipulado de desfile.

##### **II – Comissão de frente:**

- a) Apresentar-se em quantidade, inferior ou superior aparente ao número exigido no art. 10º.

##### **III – Alegorias:**

- a) Apresentar-se sem a quantidade exata de alegorias exigidas no art. 10º, acarretará na perda de **mais** 0,2 (dois) décimos a cada alegoria faltante e a perda de **mais** 0,2 (dois) décimos a cada alegoria que exceder o máximo exigido;
- b) Utilizar força animal para movimentar as alegorias;
- c) Usar tripé e/ou quadripé de qualquer dimensão, permanecendo a utilização livre no quesito comissão de frente.
- d) Usar adereço com rodinha para composição de alas nas medidas superiores a 2m por 2m.
- e) O carro abre-alas deverá ser o primeiro carro alegórico a entrar na pista de desfile e nele deverá conter o nome da escola, ou o símbolo da mesma, até mesmo em abreviações ou apelido da entidade.

##### **IV – Samba:**

- a) Cantar sambas antigos após o toque da sirene, que indicar o início de seu desfile, **salvo caso de reedições de enredo**;
- b) Apresentar-se com alusivo ou samba exaltação, que faça menção a clubes de futebol (letra ou melodia).

##### **V – Componentes:**

- a) Apresentar-se com número inferior a 1.000 (Um mil) componentes, devidamente fantasiados;
- b) Além da penalidade prevista na alínea “a”, haverá a perda de 0,1 (um) décimo para cada grupo de 05 (cinco) componentes faltantes.

##### **VI – Ala das baianas**

a) Apresentação com quantidade inferior ao número mínimo estipulado no art. 10º; mais 0,1 (um) décimo para cada baiana faltante.

## **Seção II – Da perda de dois pontos:**

**Art. 15º** – As escolas de samba perderão 02 (dois) pontos na fiscalização, concentração e na pista, durante o seu desfile, a cada uma das infrações a seguir relacionadas, que vierem a cometer, sendo que tal penalidade poderá ser aumentada dependendo da natureza da infração:

### **I – Ética:**

a) Utilizar intérpretes, mestres de bateria, casal de mestre-sala e porta-bandeira (Oficial), coreógrafos da comissão de frente, diretores de barracão, diretor-geral de harmonia, diretor-geral de carnaval e carnavalescos, que tenham atuado ou desfilado no carnaval de 2013 que esteja incluído na ficha técnica entregue para o carnaval de 2014 pelas entidades carnavalescas pertencentes ao Grupo Especial ou Grupo de Acesso e que não tenham se desligado da agremiação até o dia 19 de junho de 2013. O prazo estipulado não será considerado no caso de expressa renúncia e concordância da entidade carnavalesca para a qual o componente tenha atuado no desfile anterior.

### **II – Entrega de pastas:**

a) Não entregar, no dia 18 de fevereiro de 2014, no horário das 18:00 às 23:59 horas, na sede administrativa da LIGA, a documentação prevista no art. 11º.

### **III – Símbolo de time de futebol:**

a) Empregar símbolos de clube de futebol (distintivos, brasões, etc.) em alegorias, adereços, fantasias e indumentárias de merendeiros, exceto quando o mesmo for empregado do mesmo modo daquele constante do pavilhão oficial da escola, ou quando fizer parte do enredo da agremiação.

### **IV – Concentração:**

a) Não cumprir na concentração as determinações do art. 6º no que se refere aos alertas de sirene, tanto para a primeira escola como para as demais, caso deixe de respeitar inclusive os horários estabelecidos para iniciar o “esquenta” e também o desfile propriamente dito, bem como o tempo previsto para tal.

### **V – Uso de microfones:**

a) A utilização do horário do desfile, por parte de algum componente ou dirigente da escola de samba, que estiver participando do concurso, para manifestar-se de forma inconveniente perante o público ou as autoridades presentes no Polo Cultural.

**Obs.:** Além da perda dos pontos, será suspenso o sistema de sonorização da escola de samba durante a manifestação.

### **VI – Merchandising:**

a) Fazer ou apresentar-se com qualquer tipo de *merchandising* (explícito e implícito) no enredo, na alegoria, nos adereços, nas alas, nos destaques, no samba-enredo ou em qualquer outro meio do desfile, exceto:

**I** – no prospecto de samba de enredo; arquibancadas, *sites*, etc.

**II** – no uniforme dos merendeiros, desde que respeitada a medida máxima de 18 (dezoito) centímetros na horizontal por 8,5 (oito vírgula cinco) centímetros na vertical,

sendo uma veiculação na frente, outra atrás e uma veiculação em cada manga; as veiculações de *merchandising* na roupa dos merendeiros poderão ser diferentes e podendo colocar nos chapéus.

**III** – nos instrumentos musicais da bateria, desde que sejam as marcas de seus respectivos fabricantes, e que a logomarca não seja superior a 20 (vinte) centímetros de comprimento por 8 (oito) centímetros de largura.

### **Seção III – Da perda de cinco pontos:**

**Art. 16º** – As escolas de samba estarão sujeitas à perda de 05 (cinco) pontos na fiscalização, concentração e pista de desfile, por cada uma das infrações a seguir relacionadas, que vierem a cometer:

#### **I – Alegorias:**

a) Apresentar-se sem nenhuma alegoria;

#### **II – Ala das baianas**

a) Apresentar-se sem nenhuma componente da ala das baianas;

### **Seção IV – Da desclassificação e do rebaixamento**

**Art. 17º** – A escola de samba, que não se apresentar na concentração dentro do horário preestabelecido, estará automaticamente desclassificada, devendo desfilar no horário a ser estipulado pela LIGA. Nesse caso, a escola de samba não receberá as notas dos jurados e, também, estará sujeita às demais sanções previstas neste regulamento.

**Art. 18º** – A escola de samba que desistir de desfilar, antes de receber qualquer parcela da subvenção, será rebaixada de grupo, e conseqüentemente, será obrigada a desfilar, no ano subsequente, no primeiro lugar do grupo a que foi rebaixada.

§ 1º - Caso ocorra a hipótese prevista no art. 18º, serão impostas à agremiação infratora, além da multa prevista na cláusula 18ª nas alíneas b.5 e b.6 do Contrato de Apoio Institucional ao Carnaval Paulistano, firmado entre as Agremiações e a São Paulo Turismo S/A.

### **Capítulo II – Do acesso e do descenso**

**Art. 19º** – Haverá o acesso para o Grupo Especial de até 02 (duas) escolas de samba, oriundas do desfile do Grupo de Acesso, e o acesso de 01 (uma) escola de samba oriunda do Grupo 1 da UESP para o Grupo de Acesso, sendo que esta deverá abrir o desfile do Grupo de Acesso nos desfiles de 2015.

Parágrafo Único: A vice-campeã do Grupo de Acesso em 2014 será a 1ª a desfilar no Grupo Especial na sexta-feira do carnaval de 2015, e a campeã do Grupo de Acesso em 2014 será a 1ª a desfilar no Grupo Especial no sábado de carnaval de 2015.

**Art. 20º** – No carnaval de 2014 haverá o descenso do Grupo Especial para o Grupo de Acesso, das 02 (duas) escolas de samba que obtiverem as duas menores pontuações na apuração das notas. No Grupo de Acesso, haverá o descenso, para o Grupo I da UESP de 01 (uma) escola de samba que obtiver a menor pontuação na apuração das notas.

**Art. 21º** – No Grupo de Acesso, no caso de 02 (duas) ou mais escolas de samba empatarem na soma total dos pontos obtidos, o critério para o desempate será estabelecido de acordo com as notas dos quesitos específicos, observada a ordem a ser sorteada.

§1º - A ordem dos quesitos desempate será feita antes do início da apuração.

§2º - Somente haverá a proclamação de empate, se permanecer a igualdade de notas entre as escolas de samba, após a aplicação do critério de desempate, sendo que automaticamente voltarão as notas descartadas, observada também a ordem já sorteada.

§3º - Caso prevaleça após a aplicação do critério desempate o empate de 2 ou mais escolas de samba na penúltima e na última colocação as mesmas serão rebaixadas para o Grupo I da UESP.

### **Capítulo III – Da perda de três pontos**

**Art. 22º** – As escolas de samba perderão três pontos no concurso oficial do respectivo ano, caso incorram nas seguintes infrações, até a homologação do resultado:

**I** – Utilizar fantasias, alegorias, adereços e/ou esculturas de outras escolas de samba durante o desfile oficial, caracterizando-se como “enxerto”.

**II** – Deixar de participar do desfile depois de ter recebido a respectiva verba. Nesse caso, a escola de samba deverá devolver a quem de direito, na mesma semana do carnaval, as verbas recebidas, sob pena de ser acionada judicialmente. Além disso, a agremiação infratora será penalizada com a multa prevista na cláusula 18ª Artigo b.5 e b.6 do Contrato de Apoio Institucional ao Carnaval Paulistano, firmado entre as agremiações e a São Paulo Turismo S/A.

**Parágrafo único** – A escola de samba não sofrerá a sanção prevista no inciso II deste artigo, no caso da ocorrência de calamidade pública, que deverá ser comprovada através de laudo de autoridade competente e relatório de, no mínimo, 03 (três) representantes da LIGA, antes da abertura dos envelopes de atas.

**III** – Comportamento inadequado por parte de qualquer dirigente ou representante da escola de samba, devidamente identificado, na concentração, dispersão, durante o desfile ou na apuração, no sentido de pressionar, ameaçar ou agredir a integridade física ou moral de algum membro da organização, LIGA, comissões, jurados, componentes da própria ou de outra agremiação, ou, ainda, os prepostos e empregados da São Paulo Turismo, invadir o local de apuração das notas, ameaçar ou agredir componentes da mesa apuradora, arremessar objetos na mesa apuradora e subtrair mapas e outros documentos de apuração de notas.

**IV** – No que tange ao inciso III, compete à LIGA, juntamente com o Conselho de Ética, fazer cumprir a disposição legal, com aprovação da Assembleia Geral.

**V** – As escolas de samba deverão recolher a taxa de inscrição estabelecida e aprovada pela Assembleia Geral, em até 72 horas antes do desfile, sendo que as escolas serão comunicadas 24 horas antes do término do prazo de pagamento.

**VI** - A escola de samba que não recolher a taxa de inscrição estabelecida e aprovada pela Assembleia Geral estará eliminada do concurso oficial, sendo obrigada a desfilar sem concorrer ao concurso, ficando em último lugar e sendo rebaixada.